U.PORTO

FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

O Olhar do Fiel

A Metamorfose da BPMP através do Acervo Fotográfico de António Carvalho (Valente)

Ana Isabel Chambel Florindo Correia da Mota

Porto, 2026

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

O Olhar do Fiel

A Metamorfose da BPMP através do Acervo Fotográfico de António Carvalho (Valente)

Ana Isabel Chambel Florindo Correia da Mota

Dissertação apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Arte – Estudos Museológicos e Curadoriais.

Orientadora: Prof. Doutora Susana Lourenço Marques

Porto, 2026

Ao Universo que cuida e me protege.

Agradecimentos

Aos meus! A todos os que acompanharam e fizeram comigo este caminho, que não me deixaram vacilar, aos que me ergueram e aos me me defenderam. A todos os que partilharam o conhecimento comigo, que mostraram paciência e dedicação, permitindo o sucesso nesta jornada. Aos que me elevaram e trouxeram até aqui, deixo o meu profundo agradecimento.

Resumo

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Estudos de Arte – Estudos Museológicos e Curadoriais e propõe uma leitura curatorial do acervo fotográfico de António Carvalho (Valente), antigo "Fiel de Biblioteca". A partir dos registos fotográficos realizados pelo autor durante as campanhas de obras na Biblioteca Pública Municipal do Porto, o edifício é entendido como um organismo vivo em metamorfose. Esta investigação visa o resgate e a reavaliação crítica deste acervo - produzido com a finalidade de registar e documentar administrativamente o desenvolvimento das obras - concedendo-lhe o estatuto de património e revestindo-o de suma importância para a construção da memória da instituição. A urgência da preservação e valorização do acervo através dos conceitos de "intimidade institucional" e da "monumentalidade do caos", recorrendo aos testemunhos orais de funcionários são contributos que demonstram que a conservação é um imperativo incontornável para alicerçar a construção da memória coletiva da biblioteca. O estudo culmina com uma proposta curatorial que visa sublinhar a importância do acervo e incentivar o reconhecimento, pelo público, do legado visual deste autor.

Palavras-chave: Fotografia Documental; Curadoria; Conservação; Biblioteca Pública Municipal do Porto; António Carvalho (Valente).

Abstract

The present dissertation was written as part of the Master's Degree in Art Studies – Museological and Curatorial Studies and proposes a curatorial reading of the photographic archive of António Carvalho (Valente), a former "Fiel de Biblioteca" (Library Keeper). Based on the photographic records made by the author during the construction campaigns at the Oporto Municipal Public Library, the building is materialized as a living organism in metamorphosis. This research aims to recover and critically reassess of this archive, originally produced with the purpose of administratively recording and documenting the development of the works, granting it the status of heritage and endowing it with paramount importance for the construction of the institution's memory. The urgency of the preservation and valorization of the archive through the concepts of "institutional intimacy" and the "monumentality of chaos", resorting to the oral testimonies of workers, are contributions that demonstrate that conservation is an unavoidable imperative to underpin the construction of the library's collective memory. The study culminates with a curatorial proposal that aims to underline the importance of the archive and encourage public the recognition of the author's visual legacy.

Keywords: Documentary Photography; Curatorial Practice; Conservation; Oporto Municipal Public Library; António Carvalho (Valente).

Lista de Figuras

Figura 3 - Valente na sala de trabalho onde funcionava a microfilmagem e que mais tarde acolheu o Laboratório de Conservação e Restauro. Autor desconhecido. BPMP. Cerca de 1980. 7

Figura 4 - Requisição de serviço para fotografar datada de 7 de março de 1990. Fotografia da autora. BPMP, Fevereiro 2026. 12

Figura 5 - Envelopes timbrados onde os negativos estão acondicionados. Fotografia da autora. BPMP, Fevereiro 2026. 13

Figura 6 - Presença de Foxing em envelope fotográfico. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 17

Figura 7 - Pormenor (frente). Envelope com patologia associada à oxidação de elementos metálicos. Fotografia da autora. BPMP, Novembro 2025. 18

Figura 8 - Pormenor (verso). Envelope com patologia associada à oxidação de elementos metálicos. Fotografia da autora. BPMP, Novembro 2025. 18

Figura 9 - Coloração amarelada decorrente da utilização de fita-cola com adesivo ácido. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 19

Figura 10 - Transferência de pigmento dos materiais de registo. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 19

Figura 11 - Negativos em avançado estado de degradação com presença de canais, resultado da contração do suporte. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 21

Figura 12 - Negativos em avançado estado de degradação onde é visível o espelho de prata no verso. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 22

Figura 13 - Requisições para Valente fotografar visitas de cumprimentos ao abrigo do Protocolo da C.M.P. em 1990. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 28
Figura 14 - Requisições para Valente fotografar visitas de cumprimentos ao abrigo do Protocolo da C.M.P. em 1990. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 29
Figura 15 - Requisições para Valente fotografar visitas de cumprimentos ao abrigo do Protocolo da C.M.P. em 1990. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 30
Figura 16 - Requisição de Valente para fotografar eventos ao abrigo do Protocolo C.M.P. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 31
Figura 17 - Envelope de Protocolo encontrado no acervo de Valente. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026. 32
Figura 18 - Claustro durante as obras nos anos 80 do séc. XX. Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980. 33
Figura 19 - Claustro durante as obras nos anos 80 do séc. XX. Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980. 34
Figura 20 - Claustro. Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980. 35
Figura 21 - Claustro Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980. 36
Figura 22 - Feira do Livro de 1974. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1974. 37
Figura 23 - Paços do Concelho. Pormenor de Glare (Flash). 37
Figura 24 - Casa do Infante. Vista de Exposição. Pormenor Blown Highlights (Luzes estouradas). Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1970. 38
Figura 25 - Apontamento manuscrito (nome, data e numeração árabe). Autoria atribuída a Valente. Porto, 1983. 40

Figura 26 - Apontamentos manuscritos no verso de positivo (data e numeração do negativo). Autoria atribuída a Valente. Porto, 1970. 41
Figura 27 - Apontamentos manuscritos no verso de positivo. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de1980. 42
Figura 28 - Lista dos assuntos dos conjuntos fotográficos da Caixa 2. As setas indicam conjuntos fotográficos cuja autoria é atribuída a Valente. Fotografia da autora. BPMP, Dezembro 2025. 43
Figura 30 - Visita do Presidente Dr. Mário Soares à BPMP acompanhado pelo Diretor da BPMP, Luís Cabral. Autoria atribuída a Valente. Porto, Cerca de 1990. 51
Figura 31 - Missa no espaço da Capela (De Profundis). 9 de julho de 1983. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1983. 52
Figura 32 - O poeta Eugénio de Andrade e o Dr. Luís Cabral, Diretor da BPMP na exposição “O Ultimatum” e 31 de Janeiro”. Autoria atribuída a Valente. BPMP, janeiro de 1991. 52
Figura 33 - (Frente) Jardim de Infância na Feira do Livro de 1972. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1972. 53
Figura 34 - (Verso). Apontamentos manuscritos sobre a origem da imagem. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1972. 53
Figura 35 - Festa de despedida. Da esquerda para a direita: Luís Cabral, funcionária não identificada e Fernanda de Brito. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1990. 54
Figura 36 - Convívio. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1990. 54

Figura 37 - "O Ultimatum e 31 de janeiro", janeiro de 1991. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Janeiro 1991. 55
Figura 38 - Exposição "Almada Negreiros", 1994. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1994. 56
Figura 39 - Exposição no Claustro da BPMP V centenário do nascimento do Infante D. Henrique, 1994. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1994. 57
Figura 40 - Exposição no Mercado Ferreira Borges sobre a BPMP fevereiro de 1984. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1984. 58
Figura 41 - Exposição "Memórias de Camilo", 1990. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1990. 58
Figura 42 - Publicação Forais manuelinos do Porto e do seu termo. José Manuel Garcia [e] Francisco Ribeiro da Silva; fotografia de Emanuel Santos de Almeida [e] António Carvalho Valente. 59
Figura 43 - Reprodução fotográfica de volume ilustrado a aguarelas. 60
Figura 44 - Reprodução fotográfica da representação geocêntrica do sistema solar. Santa Cruz 87 (BPMP 619), f. 56 v. 60
Figura 45 - Publicação Memórias de Camilo: catálogo da exposição / Maria Elisa Cerveira, Maria Adelaide Meireles; capa e direção gráfica Henrique Vanez; fotografia de António Carvalho (Valente). 60
Figura 46 - Publicação O Palacete dos Viscondes de Balsemão / texto Luís Cabral; fotografia de António Carvalho Valente. 60
Figura 47 - Acesso no 2˚ piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 61

Figura 48 - Vistas dos 1˚, 2˚ e 3˚ pisos. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 61
Figura 49 - Vista de obra e trabalhador. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 62
Figura 50 - Levantamento do piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 62
Figura 51 - Pormenor de demolição. 3º Piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 63
Figura 52 - Equipas em trabalhos de demolição. 3º Piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 63
Figura 53 - Trabalhos na fonte do Claustro. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 64
Figura 54 - Espaço exterior do terreiro. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1980. 64
Figura 55 - Janelão do depósito Barata-Feyo. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 65
Figura 56 - Patamar de acesso às salas de leitura. Vista para as traseiras da Contrastaria. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 66
Figura 57 - Estacamentos de suporte. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 66
Figura 58 - Pormenor da armação do telhado, 3º piso, com negativo anexado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 67

Figura 59 - Pormenor da estanteria no 3˚ piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 67
Figura 60 - Pormenor da estanteria no 3˚ piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 67
Figura 61 - Pormenor das aberturas nos telhados. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980 68
Figura 62 - Claustros entaipados. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 68
Figura 63 - Pormenor da degradação da cobertura. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980 69
Figura 64 - Pormenor de cofragem e armação de ferro. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980 69
Figura 65 - Fernanda de Brito, Diretora da BPMP. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980 70
Figura 66 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 71
Figura 67 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 71
Figura 68 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 72
Figura 69 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980. 72

Figura 70 - Avenida de árvores. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 2000. 73
Figura 71 - Pormenor de tronco de árvore. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 2000. 73
Figura 73 - Pormenor de bueiro. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 2000. 74
Figura 72 - Pavão junto à cafetaria da B.M.A.G. Autoria atribuída a Valente. Jardins do Palácio de Cristal. Cerca de 2000. 74
Figura 74 - Microsite Biblioteca Digital Eugénio de Andrade associado ao site das Bibliotecas do Porto. 87
Figura 75 - Claustro Histórico. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025. 93
Figura 76 - Claustro e fonte histórica. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025. 94
Figura 77 - Local de construção do 2º claustro. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025. 94
Figura 78 - Sala Leitura Geral. Vista da escada. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025. 95
Figura 79 - Sala de Leitura Geral. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025. 95
Figura 80 - Espaço De Profundis. Sala conhecida como "capela". Fotografia da autora, 2025. 96

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Ponto de situação atual: a vermelho versus condições de preservação a azul. 20

Gráfico 2 - Respostas à questão "Conheceu pessoalmente o funcionário António Carvalho (Valente)?" 75

Gráfico 3 - Respostas à questão "Já tinha visto estas imagens ou outras semelhantes deste autor? " 76

Gráfico 4 - Ciclo de tratamento técnico até ao acesso do Leitor. 91

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Correspondências entre negativos e fotografias da Casa-Forte. 44

Tabela 2 - Programa de Mediação. 97

Lista de Abreviaturas e Siglas

abr – abril (abreviação utilizada pelo autor)
ago – agosto (abreviação utilizada pelo autor)
B.M.A.G. – Biblioteca Municipal Almeida Garrett
B.M.P. – Bibliotecas Municipais do Porto
B.N. – Biblioteca Nacional de Portugal
BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto
B.P.P.I. – Biblioteca Popular Pedro Ivo
C.C.D. – Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Câmara Municipal do Porto
C.M.P. – Câmara Municipal do Porto
D.M.B. – Divisão Municipal das Bibliotecas e da Leitura
DRA. – Doutora (abreviação utilizada pelo autor)
F.A.U.P. – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
F.B.A.U.P. – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
G.A.G.C.T.T.D. – Gabinete de Apoio à Gestão da Coleção e Tratamento Técnico Documental
I.P.I. - *Image Permanence Institute*
IV – Infravermelho (radiação)
jul – julho (abreviação utilizada pelo autor)
jun – junho (abreviação utilizada pelo autor)
LED - *Light Emitting Diode* (Díodo Emissor de Luz)
min - minutos
N/A – Não Aplicável
N.E.D.C.C. - *Northeast Document Conservation Center*
nov – novembro (abreviação utilizada pelo autor)
S.M.R. – Serviço de Manuscritos e Reservados
S.C.R. – Serviço de Conservação e Restauro
V.N.G. – Vila Nova de Gaia
R.G.P.D. – Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados
UV – Ultravioleta (radiação)
V.O.C. - *Volatile Organic Compounds* (Compostos Orgânicos Voláteis)

Índice

Introdução 1

CAPÍTULO 1. A BPMP e António Carvalho (Valente) 3

1.1. O Espaço e o Tempo: A BPMP em (Des)Construção 3

1.2. O Fiel António Carvalho (Valente) 4

1.2.1. Biografia 4

1.2.2. A Fotografia e a Biblioteca 8

CAPÍTULO 2. A (Re) descoberta de um Arquivo e o Futuro 9

2.1. A (re) descoberta do Acervo de Valente 9

2.2. Inventário - Tipologias Materiais 11

2.3. Estado de Conservação 13

2.4. Preservação e Conservação Preventiva 22

2.5. Proposta de Acondicionamento 24

CAPÍTULO 3. O Acervo do Autor 26

3.1. Metodologias de Trabalho do Fotógrafo 26

3.2. Inventário 43

3.3. Tipologias e Temáticas fotográficas 47

3.4. Apoio à documentação e caracterização do acervo 74

Capítulo 4. Valorização e divulgação do acervo fotográfico 83

4.1. Proposta de incorporação e valorização 83

4.2. Divulgação 86

4.2.1. Proposta de acesso ao acervo através de plataforma digital 86

4.2.2. Proposta curatorial 87

Considerações Finais 98

Referências Bibliográficas 100

Anexos 104
ANEXO A 104
Inventário *104*
ANEXO B 116
Inquérito "O Olhar sobre a Memória da BPMP" *116*
ANEXO C 119
Entrevistas a funcionários da BPMP e Lucília Monteiro *119*

Introdução

Os acervos fotográficos institucionais são testemunhos de grande relevância, contendo em si potencial patrimonial. Com raízes arquitetónicas que datam do séc. XVIII, cuja matriz religiosa é ainda hoje reconhecida, a Biblioteca Pública Municipal do Porto encerra em si um dos acervos que nos dá a conhecer a metamorfose do edificado histórico onde sofre inúmeras e profundas campanhas de requalificação arquitetónica nas últimas décadas do séc. XX.

É durante o período de conturbadas obras estruturais, que se prolongam nos anos de 1970 e 1980, que António Carvalho (Valente) procede ao registo fotográfico sistemático das vivências culturais, patrimoniais e da intimidade da instituição. Funcionário do serviço da Microfilmagem, consensualmente reconhecido como o "Fotógrafo da Biblioteca", Valente tem um percurso profissional demarcado pela ação fotográfica.

A investigação desenvolvida nesta dissertação foca-se no acervo de Valente que até então permaneceu relegado a mera ferramenta documental e administrativa. A problemática aqui levantada prende-se com a leitura atual deste acervo fotográfico cuja origem o designa como mero documento burocrático, desvalorizando o potencial de novas leituras, acabando por desvalorizar o valor patrimonial da obra do autor. Torna-se, por isso, premente realizar novas leituras críticas da obra de Valente uma vez que os seus registos alicerçam a construção da memória coletiva da instituição daquela época. Neste sentido formulam-se dois conceitos que servem a análise do acervo: a "monumentalidade do caos", e a "intimidade institucional". Em relação ao primeiro conceito, demonstra como Valente captou a destruição e reestruturação do edificado, através de imagens que demonstram as demolições e os escombros no espaço físico. Já o segundo conceito refere-se à forma como as imagens mostram a orgânica e a dimensão humana na instituição durante o período de obras, expondo não apenas o edificado, mas também o espaço laboral e trabalhadores num momento de vulnerabilidade estrutural.

Objetivamente, esta investigação pretendeu reavaliar o valor patrimonial do acervo de Valente. Desta forma, a conservação do acervo físico assume-se como um fator determinante no desenvolvimento da valorização do acervo, mostrando-se como um imperativo no que respeita à construção identitária da Biblioteca.

No que diz respeito à metodologia adotada, a investigação alicerçou-se nos testemunhos recolhidos nas entrevistas e na análise do acervo, nomeadamente no estado de conservação dos materiais constituintes. As entrevistas foram fundamentais no desenvolver do estudo uma vez que permitiram perceber a organização interna, as funções de Valente e a operacionalidade vivida na Biblioteca à época.

A estrutura da presente dissertação encontra-se desenvolvida em quatro capítulos. No Capítulo I é feito o enquadramento histórico da BPMP e abordada a biografia do autor,

assim como os dados cronológicos e profissionais essenciais à compreensão da investigação. O Capítulo II, é dedicado ao levantamento do estado de conservação, aprofundando o conhecimento sobre o material pelo qual o acervo é constituído, evidenciando a necessidade urgente de proceder à conservação do acervo de Valente. No Capítulo III são apresentadas as características do acervo Valente e as metodologias de trabalho do autor. Por último, o Capítulo IV apresenta a materialização de toda a investigação e leitura crítica, através de uma proposta expositiva com o objetivo, não apenas de expor a sua obra, mas também instigar à descoberta do autor e a sua importância na construção da memória coletiva.

CAPÍTULO 1. A BPMP e António Carvalho (Valente)

1.1. O Espaço e o Tempo: A BPMP em (Des)Construção

A Biblioteca Pública Municipal do Porto está sediada num edifício histórico de matriz religiosa, o antigo Convento de Santo António da Cidade (Azevedo, 2000-2001), albergando diversas coleções e bibliotecas religiosas provenientes da extinção das ordens religiosas em 1834.

As raízes do edifício remontam a 1783 com o início da construção do Convento de Santo António da Cidade, albergando os frades menores reformados de São Francisco. Os tempos tumultuosos e as vontades políticas acabariam por ditar o fim à idealização de um dos maiores conventos da cidade do Porto. O espaço terá albergado em 1831 as tropas inglesas que nele se instalaram no contexto das guerras liberais ocorridas entre 1832-1834, e recebe a Biblioteca a partir de 1842 que desde o decreto da sua fundação até então ocupara os espaços do Hospício de Santo António do Vale da Piedade, situado na Cordoaria, e o Paço Episcopal. A par da existência primitiva da Biblioteca no edifício estiveram também a Academia de Belas Artes e o Museu Municipal, que deram origem à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e ao Museu Nacional Soares dos Reis, respetivamente.

O edifício está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1974[1]. A metamorfose do edificado não se deu a partir de um único evento, mas através de um processo contínuo fortemente impulsionado pela progressiva degradação dos espaços. Com o passar dos anos, são vários os relatórios institucionais que atestam a necessidade de intervenção estrutural no edifício. Com efeito, um dos Diretores da Biblioteca, António Cruz, documenta numa das edições da *Bibliotheca Portucalensis* que as tão necessárias obras teriam tido início em *"Fevereiro de 1956"* (Cruz, 1957). O ponto 2.8 do *"Dossier" Fotográfico* promovido por um dos Diretores - provavelmente António Cruz[2] - regista as constantes alterações e adaptações dos serviços de forma a garantirem o funcionamento durante o período das obras.

A precariedade que despojava a Biblioteca da sua dignidade agudiza-se nas décadas vindouras, sendo que entre 1970 e 1980 experienciam-se novamente profundas campanhas de remodelação e construção no edificado histórico. As obras decorrem de forma sistemática e constante ao longo de vários anos, ditando a configuração atual do edifício.

Única na sua importância patrimonial, o espaço transforma-se num autêntico estaleiro de construção civil. Estava assim lançado o mote para a alteração do

[1] Decreto n.º 735/74, DG, I Série, n.º 297, de 21-12-1974

[2] Pelo menos uma das imagens que figura no "Dossier" Fotográfico (guardado na Casa-Forte da BPMP) é apresentada na página 171 do Vol. I da Série 1 da *Bibliotheca Portucalensis* no capítulo "As Novas Instalações da Biblioteca Pública Municipal" não sendo expectável, por razões cronológicas, que a autoria das imagens deste "Dossier" Fotográfico pertença a Valente.

domínio do espaço. As fronteiras entre o espaço onde decorreram as obras e o espaço onde permaneceram os serviços em funcionamento da Biblioteca eram recorrentemente testadas, permitindo aos leitores experienciarem a plasticidade do edificado e as tensões associadas ao crescimento da instituição, acabando por vivenciar a intimidade institucional do espaço.

Importa esclarecer que o conceito de intimidade institucional aqui referido, surge de premissas sociológicas alicerçadas em autores como Theodore Zeldin (Zeldin, 2014)e Lynn Jamieson (Jamieson, 1998). Serve como elemento conceptual ao demonstrar a exposição de vulnerabilidades da instituição, da fragilidade do edifício e dos bastidores onde figuram os funcionários.

A intimidade institucional é o mote para revelar o organismo, a operacionalidade das equipas e dos projetos, assim como das redescobertas do espaço. Não é expectável ver pilhas de livros, improviso na ocupação do espaço nem a coabitação de uma instituição que valoriza o silêncio e um estaleiro de construção civil. Estes são de facto, na sua génese, antagónicos. Como sustenta Sílvio Costa, Valente capta e *"mostra aquilo que se passava cá dentro"* (Costa, 2026), quebrando com a perceção pública e imaculada da instituição, revelando-a crua e num estado de sobrevivência pelo futuro e salvaguarda patrimonial.

As imagens de Valente viriam a registar de forma bruta os momentos mais críticos da instituição, exibindo a Biblioteca despojada da sua imponência institucional.

1.2. O Fiel António Carvalho (Valente)

1.2.1. Biografia

As informações biográficas obtidas nesta investigação resultam da transmissão oral e transgeracional entre familiares diretos de Valente e foram disponibilizadas para esta investigação por Ana Carvalho. Não foi possível apurar à data, a existência de registos físicos, e infelizmente as cronologias e nomes das casas de fotografia não foram ainda passíveis de ser identificadas.

António Alberto da Costa Carvalho (1935-2006) nasceu a 21 de maio de 1935 na freguesia de Paranhos, no Porto. Herdou do seu pai o nome pelo qual ficaria conhecido, Valente. Recebe instrução escolar até aos 11 anos, tendo o percurso escolar interrompido devido a imperativos económicos. Completa apenas a instrução primária e frequenta parcialmente o ensino técnico.

Com apenas 11 anos, após a saída da escola inicia a prática fotográfica com o pai, fotógrafo, trabalhando na casa de fotografia que o pai geria, localizada num estabelecimento na Rua Alexandre Herculano, no Porto. As suas funções circunscreviam-se inicialmente no acompanhamento do pai quando este realizava

trabalhos particulares a fotografar casamentos. Já na casa de fotografia dedicava-se à revelação das imagens.

Álvaro Valente, pai de Valente, era repórter fotográfico num jornal[3] da cidade do Porto. No decurso desta investigação não foi possível aferir para que jornal o pai de Valente fotografava. O artigo "*A fotografia e os fotógrafos na revista Panorama (1941-1973): 30 anos de propaganda?"* de Israel Guarda e José Oliveira, menciona no parágrafo 46 a utilização de fotografias para ilustrar o artigo "A fotografia é uma arte" - escrito por Américo Nogueira - um fotógrafo de nome Álvaro Valente como fotógrafo amador**.**

Presume-se que Valente também tenha executado reportagens fotográficas para os jornais[4]. Existe uma fotografia (ver Fig. 1 e 2) cuja autoria lhe é atribuída, datada de 4 de julho de 1977 indicando no verso tratar-se da *"Biblioteca Municipal. Futura ampliação do Edifício"*, e no canto superior esquerdo lê-se *"Jornal de Notícias"*. Coloca-se, assim, a hipótese de Valente poder eventualmente ter contribuído com imagens para este jornal, no entanto esta premissa carece de investigação mais aprofundada no futuro.

Posteriormente à abertura de uma casa de fotografia em São Bento, Valente e o seu pai ter-se-ão mudado para a Batalha no Porto, vivendo por cima do café Águia D'ouro. A ligação de Valente às casas de fotografia expandiu-se para lá da cidade do Porto, com a abertura de uma casa de fotografia em Arouca com a ajuda do pai. Todavia, constrangimentos familiares e geográficos terão ditado o fim do empreendimento.

Valente entra ao serviço da Câmara Municipal do Porto a 2 de junho em 1961, com afetação à Biblioteca Pública Municipal do Porto (ver Fig.3). Em paralelo, terá aberto uma casa de fotografia, a *FixoFoto,* em São Bento[5], em sociedade com o fotógrafo António Velhote.

[3] Ana Carvalho terá mencionado que o avô era repórter fotográfico de um jornal portuense. A confirmação do título do jornal não foi possível apurar até à data de término desta investigação devido às dificuldades de contacto com a mesma posteriormente à entrevista realizada.

[4] Ana Carvalho, filha de Valente, não se recorda do seu pai partilhar que realizava trabalhos para os jornais e não surgiram indícios que o ligassem aos jornais da cidade nesta fase inicial.

[5] Ana Carvalho relembra o espaço *"(…) tinha ali uma varandinha, era no primeiro andar. Tinha umas escadas assim, muito antigas de madeira, chiava por todo o lado."* (Carvalho, 2026)



Figura 1 - Vista da BPMP Rua Morgado Mateus. Autoria atribuída a Valente. Porto, 04/07/1977

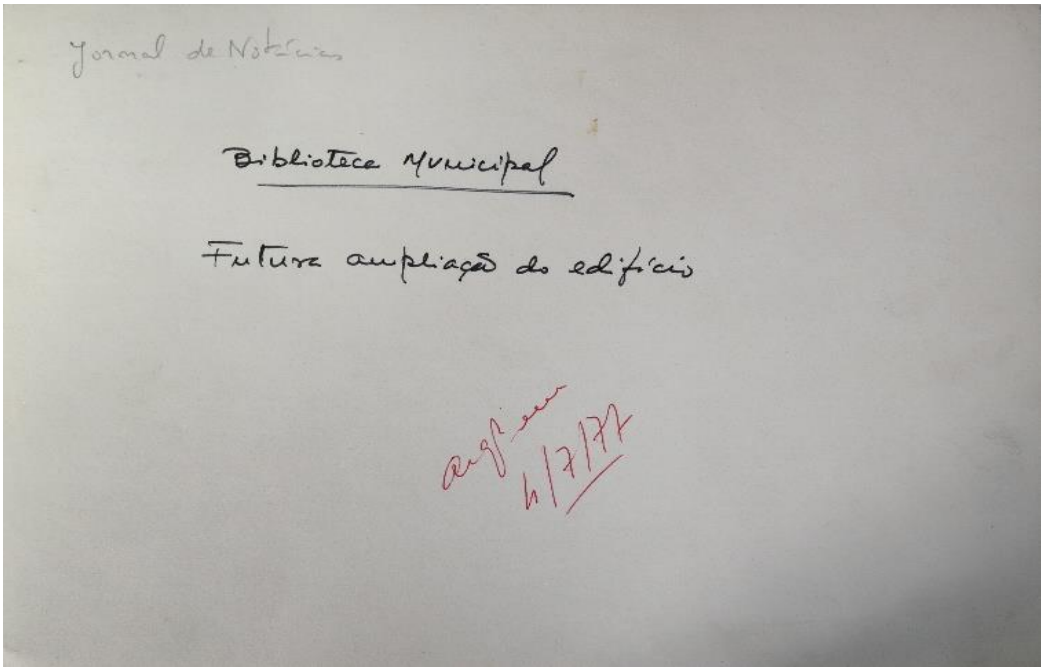


Figura 2 - Verso da fotografia Vista da BPMP Rua Morgado Mateus. Autoria atribuída a Valente. Porto, 04/07/1977

Mais tarde, e já após iniciar funções na BPMP volta aos estudos, frequentando a Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis[6] no ensino noturno dando continuidade à sua formação[7]. A frequência do curso permitiria obter uma licença que dava acesso ao ensino de aulas de trabalhos manuais. Ana Carvalho recorda a época de estudante do pai, mencionando que a disciplina favorita seria Desenho, e que o pai desenhava e pintava não apenas no âmbito do curso, mas também pelo prazer. Alguns dos seus desenhos permanecem na posse da família, sendo que parte do seu espólio se encontra com a segunda esposa.



Figura 1 - Valente na sala de trabalho onde funcionava a microfilmagem e que mais tarde acolheu o Laboratório de Conservação e Restauro. Autor desconhecido. BPMP. Cerca de 1980.

Após mais de quatro décadas ao serviço da BPMP, cessou funções a 1 de março de 2003, trabalhando até aos 68 anos. A ligação identitária que sentia em relação à Biblioteca continuou a manifestar-se através das visitas que realizava ao espaço de forma regular.

[6] Foi pedido o certificado de frequência e/ou conclusão do curso a Ana Carvalho, mas até à data de conclusão da dissertação não foi possível obtê-lo.

[7] Na impossibilidade de confirmação do curso que frequentou, formula-se a hipótese de Valente se ter inscrito no curso de Pintura Decorativa, uma vez que Ana Carvalho mencionou que a disciplina favorita do pai era desenho e existirem várias pinturas efetuadas por ele. Sabe-se que a Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis a partir de 1948 disponibiliza cursos *"especializados de índole artística - Pintura Decorativa, Escultura Decorativa, Cerâmica Decorativa, Mobiliário Artístico, Cinzelador e, entre outros, as Artes Gráficas"*

Faleceu a 23 de setembro de 2006 com 71 anos, apenas 3 anos após se aposentar.

1.2.2. A Fotografia e a Biblioteca

Valente entra ao serviço da BPMP como *Fiel de Biblioteca*. O cargo implicaria formação na área das bibliotecas, atendimento ao público, arrumação e organização de volumes e controlo de empréstimos aos leitores. As tarefas que desempenhava não correspondiam às atribuições da categoria de *Fiel*, no entanto contribuiu amplamente para a conservação e divulgação do espólio bibliográfico através dos processos de Microfilmagem. A entrada como *Fiel de Biblioteca* poderá ter estado relacionada com o aproveitamento das vagas camarárias vigentes à época e questões administrativas. A sua vida profissional ficou marcada pelo trabalho fotográfico extenso que realizou sobre as obras infraestruturais da BPMP nas décadas de 1970 e 1980 e as coberturas do Protocolo e eventos da Câmara entre a década de 1970 e aos anos 2000.

O trabalho desenvolvido por Valente na BPMP esteve sempre associado ao serviço de Microfilmagem, onde desenvolvia tarefas relacionadas com a categoria de assistente técnico, nomeadamente, a realização da microfilmagem, respondendo aos pedidos de leitores – vindos diretamente dos serviços de leitura – ou dos investigadores. Valente foi durante muito tempo o único funcionário afeto a este serviço. Paralelamente à Microfilmagem, realizava todos os registos fotográficos na Biblioteca e até no universo da C.M.P. tornando-se conhecido dentro da instituição como o *"Fotógrafo da Biblioteca"* e o *"Sr. Valente da Microfilmagem".*

Os registos fotográficos de Valente ter-se-ão iniciado com a sua entrada na Biblioteca sob a Direção de António Cruz (Cruz, António) com quem teria uma relação profissional reconhecida[8].

O técnico superior do Serviço de Manuscritos e Reservados, Jorge Costa, que durante parte do seu percurso profissional na BPMP foi responsável pela montagem de exposições, trabalhando com Valente em diversas ocasiões revela que *"…* [em relação ao serviço de microfilmagem] *ele tinha, e teve sempre, uma atividade relevante como nosso fotógrafo produzindo trabalho interno para catálogos e exposições – como se pode ver nas fichas técnicas desses catálogos. Ele fazia muitas fotografias das peças que entravam para o catálogo e depois cobrindo a inauguração da exposição e outros atos públicos que eram aqui feitos na Biblioteca."* (Costa, 2026). Jorge Costa lembra que no séc. XX e até aos inícios do séc. XXI, era comum e apreciado pelos Diretores da Biblioteca, o aproveitamento das valias dos seus funcionários, independentemente da sua categoria, recordando que no final dos anos 80 do séc. XX Valente já seria *"muito requisitado e afetável"* à tarefa [de fotografar] pelo Diretor Luís Cabral. A prática fotográfica de Valente

[8] António Cruz foi Diretor da Biblioteca Pública Municipal do Porto entre 1948 e 1975.

consolida-se com o passar dos anos e através das sucessivas Direções que a valorizavam e instrumentalizavam em benefício da instituição.

O responsável da equipa de Manuscritos e Reservados e da Casa-Forte da BPMP, Sílvio Costa, lembra a apreciação de Valente pelos trabalhos de fotografia que lhe eram pedidos e o orgulho que sentia quando via o seu nome reconhecido como fotógrafo.

Para além de serem atribuídos a Valente os registos fotográficos que eram pedidos pelos Diretores e pelo Protocolo da C.M.P., assim como vários conjuntos fotográficos com assuntos diversos, Valente fotografou de forma proativa dentro da Biblioteca. Durante as obras da BPMP nos anos 70 e 80 do séc. XX efetuou registos fotográficos da progressão das obras, não apenas em resposta ao pedido formal das Direções, mas também de forma livre, demonstrando, por vezes, uma visão individual, na captação e no foco de particularidades por vezes fugazes. Esta possibilidade é colocada devido à sua proximidade às Direções e como elemento interno das equipas. O facto de Valente ser simultaneamente funcionário e fotógrafo da biblioteca deu-lhe acesso incondicional e oportuno na captação das imagens, tornando-as em elementos basilares da história visual da instituição.

Vários colegas lembram com amizade que era costume andar de máquina por entre os serviços, onde realizava fotografias dos colegas de trabalho, das crianças – filhos dos colegas – que fazia questão de fotografar quando iam à Biblioteca, e das salas de leitura.

As opiniões dos colegas que o conheceram dividem-se a respeito de algumas questões pessoais e organizacionais. É-lhe inalienável o reconhecimento enquanto “Fotógrafo da Biblioteca” e o cariz documental da sua obra, à data a principal preocupação dos Diretores da Biblioteca.

CAPÍTULO 2. A (Re) descoberta de um Arquivo e o Futuro

2.1. A (re) descoberta do Acervo de Valente

A (re)descoberta de um conjunto de negativos, fotografias e outros materiais de Valente acontece no decorrer dos trabalhos prévios às obras de Requalificação e Expansão da BPMP por parte das equipas internas da D.M.B.L.

No processo de arrumação do arquivo dos serviços administrativos foram encontrados quatro caixas com diversos materiais associados à prática fotográfica. Ana Carvalho, filha de Valente e atualmente funcionária da Biblioteca, terá sido chamada para verificar se os materiais em questão pertenceriam ao seu pai, validando os bens como objetos da prática profissional de Valente e os negativos e fotografias neles constantes, resultado do trabalho desenvolvido para a Biblioteca. O testemunho da filha que valida a pertença deste acervo a Valente, é

reforçado pelas declarações prestadas por Jorge Costa na sua entrevista. Terá sido ele o responsável pela salvaguarda inicial do acervo, quando o encontrou anos antes nas escadas de acesso ao arquivo e o levou para o seu gabinete.

Após a confirmação que se tratava dos materiais de Valente, Ana Carvalho terá declarado que o acervo era propriedade da Biblioteca e entrou em contacto com o responsável pelas Coleções Especiais do S.M.R. a fim de perceber para onde iria o acervo. Após a validação por parte do responsável do interesse institucional na incorporação dos bens no espólio da BPMP acionou-se o procedimento formal para integração em segurança de novos bens às coleções pré-existentes.

O procedimento acionado visou assegurar a correta preservação dos materiais através de ações de conservação preventiva. Com vista ao cumprimento desse propósito, os bens terão sido levados para o S.C.R. onde foram higienizados, identificada a sua origem e permanecem a aguardar decisão em relação ao tratamento técnico-documental[9].

Após a conclusão das tarefas subsequentes aos trabalhos prévios à Custódia dos fundos bibliográficos, as equipas terão sido novamente afetas à continuidade das suas habituais tarefas, tornando-se possível a dedicação plena ao acervo de Valente.

Foi possível verificar múltiplos conjuntos de provas positivas, um elevado número de envelopes com negativos, um visualizador de Slides *Reflecta MB* 300, caixas com slides, negativos em vidro e uma caixa de armazenamento de slides.

Após o processo de abertura e verificação do conteúdo, tornou-se evidente a necessidade de falar com outros funcionários que tinham convivido profissionalmente com Valente com o objetivo de perceber a importância da integração daquele acervo nas coleções da BPMP.

Colocando-se a pertinência da incorporação, foi também importante perceber porque tal não foi feito até então. A partir das várias entrevistas e conversas com vários funcionários da BPMP foi possível conhecer o trabalho desenvolvido por Valente, validando-se consequentemente a relevância dos bens. Assumiu-se que a não integração dos referidos bens nas coleções da Biblioteca constituía um risco real de perda de registos institucionais que são fundamentais, não apenas para a construção da memória da instituição, mas também para aprofundar o conhecimento que existe da Biblioteca e da sua organização interna.

O trabalho fotográfico de Valente denota elementos vitais que nos ajudam na perceção da vida sociocultural na Biblioteca e da sua importância enquanto polo

[9] Importa referir que durante esta fase decorreram em pleno os trabalhos com vista à Custódia dos fundos bibliográficos da BPMP pelo que a prioridade das equipas técnicas recaiu sobretudo na retirada em segurança das várias coleções e na continuação do atendimento ao Leitor e Investigador, parando momentaneamente os processos de tratamento técnico-documental.

cultural, considerado por Paulo Cunha e Silva, antigo Vereador da Cultura da C.M.P. (2013-2015), como a “Casa-Mãe” da Cultura do Porto.

Se tivessem de desaparecer todos os equipamentos (…) se só um pudesse sobreviver a um cataclismo, diria que tinha de ser obviamente a Biblioteca Pública Municipal.”

Paulo Cunha e Silva (Pinto, 2015)

O reconhecimento dos valores associados às fotografias de Valente e o vínculo à missão da Biblioteca, firmaram a decisão de integração deste espólio na coleção institucional.

Em consequência desta decisão, iniciou-se o inventário e realizou-se o levantamento do Estado de Conservação.

2.2. Inventário - Tipologias Materiais

A realização do inventário do acervo, foi fundamental para a identificação das múltiplas tipologias de materiais, uma das quais se destacou em números muitos expressivos.

Este levantamento permitiu conhecer melhor os materiais e a sua ligação ao trabalho do fotógrafo, nomeadamente o tipo de registos que efetuava. A maioria dos envelopes que contêm negativos estão identificados com a origem das fotografias. O estudo realizado ao acervo a partir do inventário possibilitou o estabelecimento de alguns padrões de organização de acondicionamento, assim como a verificação da existência de 9 requisições ao abrigo do Protocolo C.M.P., documento utilizado para pedir o serviço de fotógrafo de Valente como podemos ver na Fig. 4.

A globalidade do acervo é constituída, maioritariamente, por negativos de 35 mm acondicionados em envelopes timbrados, conforme demonstrado na Fig. 5. Esta tipologia material é constituída por 347 envelopes e 12.460 imagens. A partir das várias designações registadas nos envelopes verifica-se a prevalência de 7 grupos temáticos: Exposições, Protocolo C.M.P., Museus, Festas, BPMP, Documentação da Casa-Forte, Visitas de Estados/Personalidades.

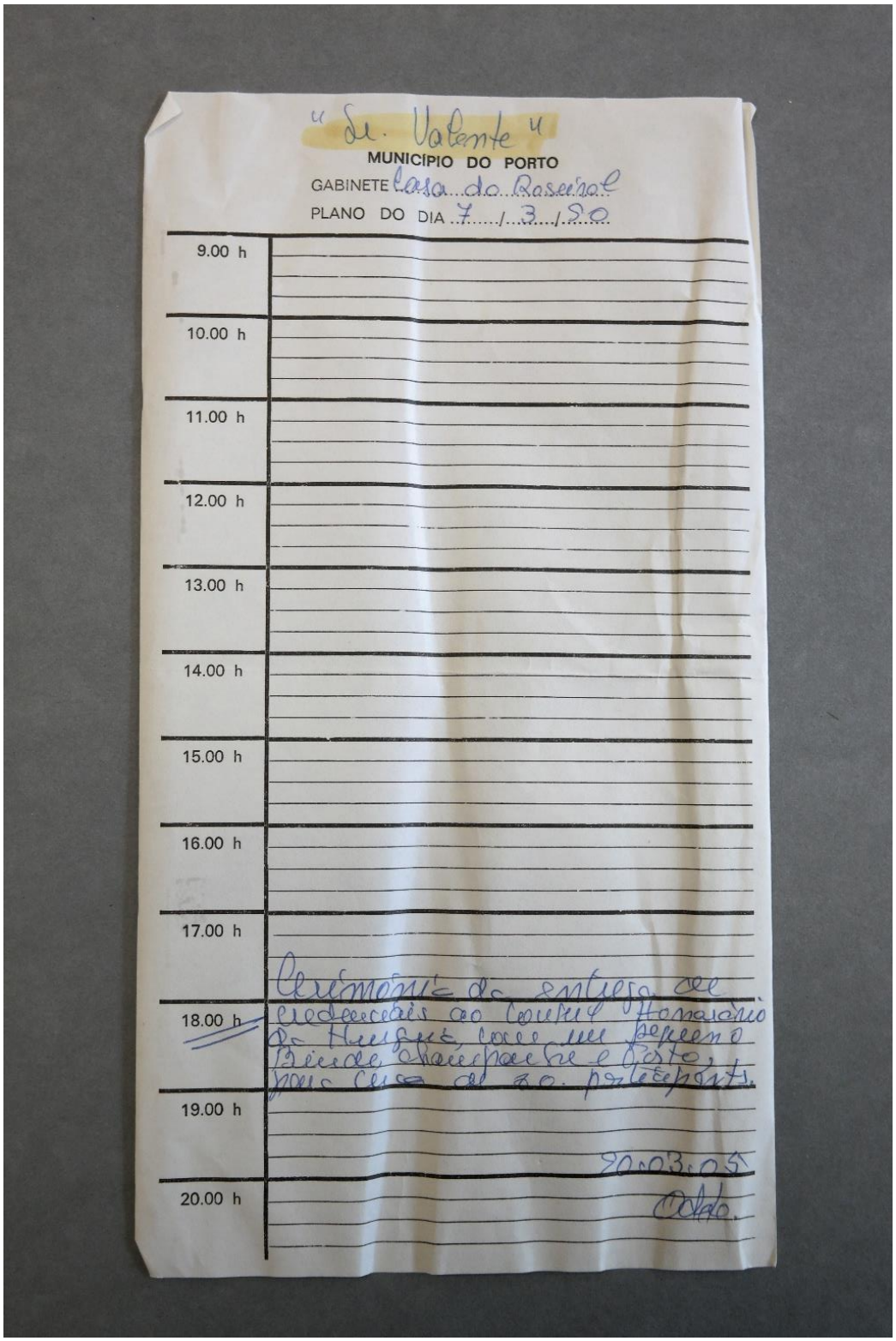


Figura 2 - Requisição de serviço para fotografar datada de 7 de março de 1990. Fotografia da autora. BPMP, Fevereiro 2026.



Figura 3 - Envelopes timbrados onde os negativos estão acondicionados. Fotografia da autora. BPMP, Fevereiro 2026.

De entre as várias tipologias materiais destaca-se 1 equipamento de visualização de Slides, funcional e mencionado por vários funcionários da Biblioteca que lembram como Valente dispunha do equipamento para a visualização de *slides* nas salas; 4 envelopes e 16 caixas de plástico com *slides* num total de 632 imagens em *slide mount* de cartão e plástico, sendo esta última prevalente; 1 arquivador de plástico vazio; 1 caixa de cartão com 7 negativos de vidro; 28 envelopes KODAK com diapositivos com as seguintes referências: *Kodak Ektachrome* 100 *Plus*. KOD*AK EPP 6005; *Kodak Ektachrome* 160 *Professional (Tungsten).* KODAK EPT 6037; *Kodak Ektachrome* 100 *Professional*. KOD*AK 6058 EPN; *FUJI* RTP II (*Fujichrome* 64T Type II *Professional*); *FUJI FILM* – num total de 439 imagens; 1 capilha, 1 caixa, 1 álbum e 20 envelopes com conjuntos de provas fotográficas - e provas avulsas - a cores e a preto e branco num total de 636 provas.

No anexo A, constam as listagens exaustivas referentes às tipologias e quantidades encontradas.

2.3. Estado de Conservação

Após o levantamento do inventário tornou-se essencial proceder ao levantamento do Estado de Conservação. Esta tarefa permitiu uma maior compreensão dos materiais, estabelecer causalidades entre o estado de

conservação e a forma como estavam salvaguardados, e que leituras seria permitido obter, nomeadamente dos negativos.

O acervo foi encontrado num arquivo administrativo, coberto de pó, sem qualquer proteção e envolto num ambiente sem quaisquer práticas de conservação preventiva. É possível estabelecer uma correlação direta entre a importância dada a estes bens e a forma como foram tratados até ao momento em que foram (re) descobertos.

Desconhece-se a data em que estes materiais terão sido colocados no referido arquivo assim como as condições em que estiveram até chegarem ao SCR em 2025 aquando dos trabalhos associados à futura Requalificação da Biblioteca, no entanto, a partir do levantamento do estado de conservação conseguem-se inferir algumas variáveis que suportam as consequências e os danos encontrados, nomeadamente nos papéis e nos negativos.

O Estado de Conservação foi levantado pela autora, Conservadora-restauradora, e focou-se inicialmente numa abordagem mais generalista, tendo em conta a totalidade dos materiais. Foi possível verificar vários danos e patologias cujas causas foram sendo progressivamente aprofundadas. O objetivo foi perceber a partir do trajeto dos materiais de que forma é que as condições em que se encontravam contribuíram para a sua degradação ou conservação. Esta abordagem permitiu perceber as causas e estabelecer causalidade e consequências, possibilitando a formulação de diretivas e correção de práticas com vista à correta preservação dos bens.

Acondicionamento e Condições Ambientais

O acervo não apresentava um acondicionamento condigno com vista à correta preservação dos materiais. O acondicionamento consistia em caixas comuns com características que não correspondem às indicadas para a preservação destas tipologias materiais, contribuindo como catalisador da degradação.

Importa referir que um acondicionamento inadequado e de fraca qualidade, como estes caixotes, contribui para a instabilidade no ambiente no qual os bens se encontram. Bons acondicionamentos, em materiais inertes, têm a capacidade de criar microclimas que protegem e mantêm a temperatura e a humidade-relativa no seu interior. Neste caso estávamos perante caixas de pasta de cartão cujas características não contribuíam para a boa conservação, localizados num depósito administrativo sem controlo ambiental, ou seja, não só o acondicionamento não era o correto como se encontrava num ambiente potencialmente adverso à conservação de bens e objetos de natureza sensível.

A poluição atmosférica é um fator importante a considerar no contexto em que o acervo se encontrava, e o seu contributo para a aceleração da degradação dos materiais não pode ser desvalorizado. O arquivo onde os caixotes foram encontrados fica virado para a Rua D. João IV no edifício principal da Biblioteca. Esta rua tem um grande movimento de trânsito e consequentemente fica muitíssimo exposto à poluição resultante da queima de combustíveis fósseis. Ao associarmos a carga de poluição dos veículos à fraca capacidade de estanquicidade das janelas e portas viradas para a rua, facilmente se determina a origem da deposição de partículas sobre as superfícies. Estas partículas são, por si só, ácidas e aceleram a degradação dos materiais. Os danos causados pelas partículas podem ser amplificados através de valores de humidade-relativa altos que catalisam reações químicas nos processos de degradação dos materiais.

Todos estes fatores ajudam a perceber as condições e o desenvolvimento das patologias encontradas nos negativos e papéis pertencentes ao acervo.

Poeiras e Deposição de Partículas – Poluentes Atmosféricos

Em resultado ao acondicionamento incorreto foi possível verificar poeiras soltas depositadas nos materiais. Estas poeiras são usualmente compostas por fibras têxteis, células mortas, detritos orgânicos, esporos de fungos entre outros elementos, como excrementos e pólen. Estas poeiras promovem a contaminação do ar e são introduzidas no ambiente através das roupas, calçados e condutas de ar sem filtragem ou filtragem deficitária do ar, situação em que se encontrava o depósito em causa.

A presença de poeiras comuns não representam o mesmo nível de preocupação que os poluentes atmosféricos e partículas depositadas sobre o acondicionamento e os bens neles constantes. Não foi possível realizar análises químicas laboratoriais no sentido de verificar os componentes analíticos da poeira. Para o efeito foi realizada a análise macroscópica e observadas a olho nu as características das partículas como a coloração, consistência e padrões de deposição, sendo posteriormente feita a correlação entre estas e as alterações químicas observadas.

Em relação à coloração havia a prevalência de tons negros e acinzentados, sob a forma de uma pelicula ligeiramente gordurosa, resultado da presença de fuligem e hidrocarbonetos não queimados. É a consistência gordurosa que permite que as partículas se depositem e “fixem” nas superfícies, por vezes causando manchas e colorações enegrecidas / amarelo-acastanhadas. Foi também percetível que dependendo do acondicionamento, a deposição de partículas era mais ou menos acentuada. Este tipo de padrão é consistente com a proximidade ou distanciamento de janelas ou entradas de ar não filtrado permitindo uma maior deposição sobre as superfícies. A par da deposição de poeiras é necessário considerar também a presença de gases de dióxido de enxofre (SO_2) e óxidos de

azoto (NO_x), que juntamente com a humidade-relativa, permitem a sua transformação em ácido sulfúrico ($H_2\ SO_4$) e ácido nítrico (HNO_3).

A relação entre estes fatores, permite a formulação de causalidade das alterações químicas presentes nos bens e o reconhecimento de processos de aceleração da degradação nos vários materiais.

Emissão de Compostos Orgânicos Voláteis (COV)

Com a abertura do acervo foi possível sentir um odor intenso avinagrado e acídico. Ao verificar os materiais foi possível indiciar as causas que se dividiram essencialmente em duas origens: a degradação do papel e a degradação dos negativos.

Degradação do Papel - Coloração Amarela - Hidrólise Ácida

No que concerne à degradação do papel, foi possível verificar vários envelopes com manchas associadas a determinadas patologias. A hidrólise ácida é uma patologia que tem associado um cheiro intenso a “papel antigo” que decorre da rutura de ligações glicosídicas entre os monómeros da celulose. A patologia decorre a partir da formação de ácidos e é fortemente potencializada pela humidade-relativa. Valores elevados de humidade-relativa (superiores a 55%) e desadequados no ambiente em que o papel se encontra, promovem o ataque do ácido às cadeias longas de celulose, resultando em danos físico-químicos e redução da resistência física do papel.

O cheiro intenso acídico é um indicador da degradação em curso. Como resultado, as fibras tornam-se mais pequenas e o papel perde a integridade física, tornando-se cada vez mais frágil, adquirindo visualmente uma coloração amarelada. (Alam, 2023)

Degradação do Papel - Foxing

Associado à degradação do papel, o fenómeno de *foxing* foi encontrado em diversos envelopes timbrados e envelopes fotográficos. Ver Fig. 6. O aparecimento desta patologia pode estar ligado a fatores intrínsecos e extrínsecos ao papel.

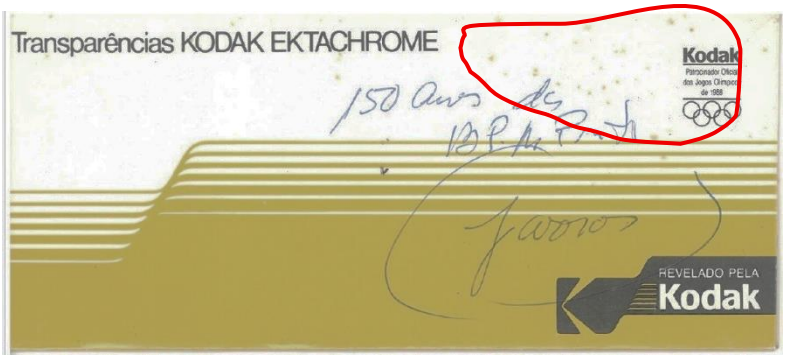


Figura 4 - Presença de Foxing em envelope fotográfico. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

Associado aos fatores intrínsecos, está a produção da pasta do papel que pode conter impurezas e partículas metálicas que com a passagem do tempo acabam por oxidar. Os fatores extrínsecos relacionam-se com contaminações microbiológicas a partir de esporos de fungos que se desenvolvem na superfície do papel, secretando enzimas que auxiliam o processo de decomposição das fibras. Neste processo são excretados ácidos resultantes da sua ação metabólica. São estes ácidos que promovem a aceleração da degradação do papel, tornando-o cada vez mais ácido, contribuindo para o desencadeamento do processo de hidrólise ácida.

O *foxing,* independentemente do seu fator de desenvolvimento*,* é facilmente reconhecido através das pequenas manchas de coloração castanho-alaranjada, e quando não tratadas têm grande implicação na aparência e consequente impacto na leitura que fazemos do documento.

Degradação do Papel - Oxidação de Elementos Metálicos

Em alguns dos envelopes foi possível detetar elementos metálicos, nomeadamente clips. Os danos causados são visíveis nas Fig. 7 e 8. Foi possível verificar que o objetivo na utilização deste tipo de acessório era agregar ao envelope que contém os negativos a requisição do serviço de fotógrafo de Valente.



Figura 5 - Pormenor (frente). Envelope com patologia associada à oxidação de elementos metálicos. Fotografia da autora. BPMP, Novembro 2025.

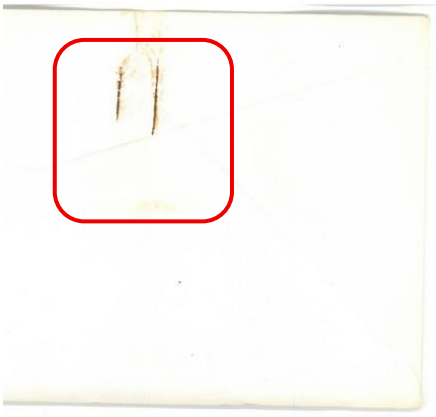


Figura 6 - Pormenor (verso). Envelope com patologia associada à oxidação de elementos metálicos. Fotografia da autora. BPMP, Novembro 2025.

Os clips, que não são constituídos por materiais inertes e próprios de conservação, constituem em si um elemento danoso para o papel. A degradação deste tipo de material ocorre através de uma reação química de oxirredução em que o ferro em contacto com o oxigénio e a água (ou vapor de água / humidade) se transforma em óxido de ferro. Este óxido causa danos ao papel através da aceleração do processo de hidrólise ácida que potencia grandemente a sua degradação.

Degradação do Papel - Oxidação de Adesivos e Materiais de Registo

A presença de fita adesiva comercial nos envelopes oferece preocupações sobretudo ao nível do adesivo. O seu processo de degradação está associado ao pH ácido dos elementos que o constituem, favorecendo a aceleração das alterações físico-químicas do papel, causando inclusive danos estéticos, nomeadamente através de manchas de coloração amarelada, como podemos ver na Fig. 9. Na continuação deste processo de deterioração, observa-se a perda de flexibilidade da película plástica que se torna gradualmente fragilizada e quebradiça.

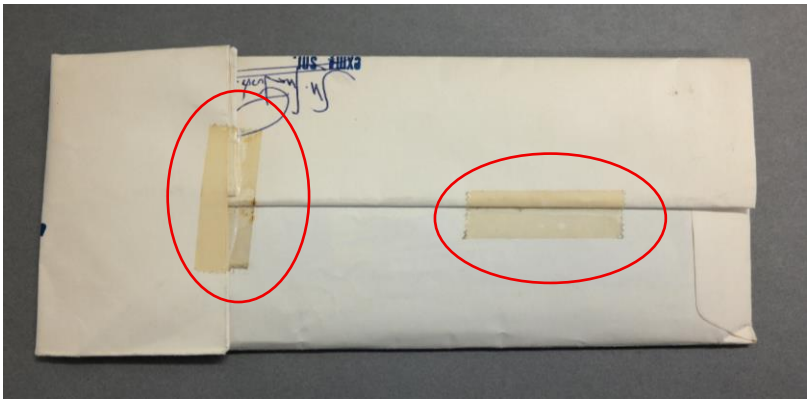


Figura 7 - Coloração amarelada decorrente da utilização de fita-cola com adesivo ácido. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

No que respeita aos materiais de registo, através da análise macroscópica foi possível verificar vários tipos de tintas e pigmentos de canetas e marcadores nos vários envelopes. Estas tintas de carácter comercial são caracterizadas pelo pH ácido favorecendo a acidez dos papéis onde são aplicadas. A principal patologia encontrada associada aos materiais de registo foi a migração de tinta para o verso do papel ou nos papéis em contacto direto, como podemos observar na Fig. 10, e o alastramento dos pigmentos nas áreas de escrita. Invariavelmente, as áreas com tinta de pH ácido tornar-se-ão mais frágeis devido à aceleração do processo de acidificação do papel.

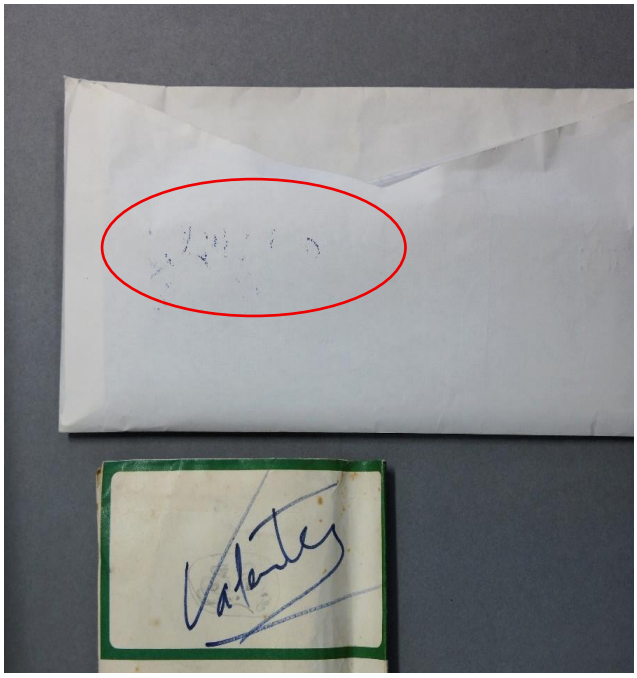


Figura 8 - Transferência de pigmento dos materiais de registo. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

Negativos em processo ativo de degradação

Da variedade de negativos existentes, é possível verificar que alguns são mais suscetíveis a determinadas patologias e consequentemente, a danos físico-químicos como se verifica no caso dos negativos em acetato de celulose.

A emissão de gases e ácidos libertados através da degradação do papel, decorrente das patologias intrínsecas e potencializada por fatores extrínsecos, acaba por intensificar os danos nos negativos fotográficos.

O acervo levanta, em questões de conservação, preocupações muito relevantes, exibindo o resultado de um microclima de acumulação e exposição a gases, ácidos, e processos ativos e avançados de degradação que podem resultar na contaminação dos negativos que ainda se encontrem em (relativo) bom estado de conservação a nível físico-químico.

Foram considerados valores médios de 60% de humidade-relativa e 22˚C. A combinação de calor e humidade-relativa elevada funciona como catalisador do processo de degradação. Como se pode observar no Gráfico 1, ao aplicarmos o modelo baseado na lei de Arrhenius que o I.P.I.[10] utiliza, verificamos que o arquivo se encontra na zona de perigo.

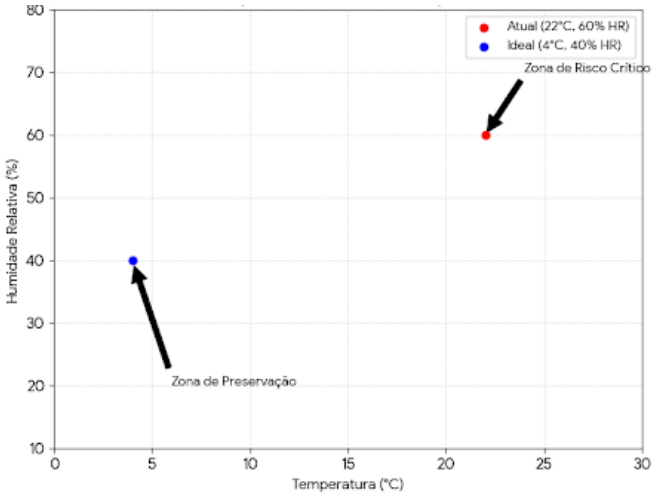


Gráfico 1 - Ponto de situação atual: a vermelho versus condições de preservação a azul.

Elencam-se de seguida as patologias mais frequentemente encontradas nos negativos e fotografias.

[10] O I.P.I. utiliza modelos baseados na lei de *Arrhenius*. A aplicação destes modelos neste trabalho permite demonstrar o ponto de situação relativamente às condições de preservação do material.

Síndrome do vinagre e Channeling

O cheiro intenso avinagrado indica-nos que o processo de hidrólise se encontra em estado avançado de degradação, entrando numa espiral autocatalítica (Bigourdan & Reilly, 2002). Esta patologia resulta da retração do suporte, originando a curvatura do filme e a sua consequente rigidez. Em consequência deste processo de alteração física, e uma vez que as camadas de suporte e da imagem não se acompanham mutuamente, a camada onde se encontra a imagem forma canais. Na Fig. 11 é possível verificar a formação de canais na frente do negativo, enquanto o verso é demarcado pela existência de espelho de prata (Fig. 12).

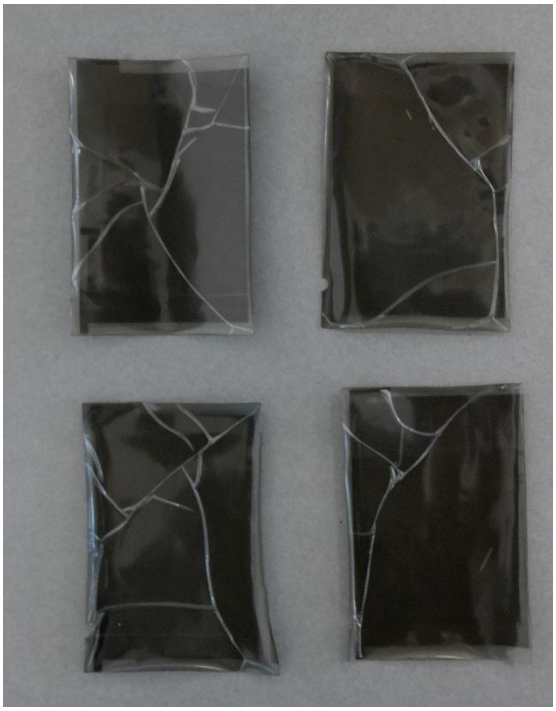


Figura 9 - Negativos em avançado estado de degradação com presença de canais, resultado da contração do suporte. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

Espelho de prata

O espelho de prata é uma patologia facilmente reconhecida pela sua aparência estética e está presente em fotografias e negativos de Valente. Caracteriza-se por uma reação química de oxidação dos materiais em que a prata migra para a superfície onde se torna visível através do tom prateado e metalizado.

As razões do seu aparecimento, à semelhança de algumas das patologias encontradas no papel, podem ser intrínsecas ou extrínsecas à produção da fotografia.

Processos deficitários de revelação, como lavagens indevidas, com banhos impuros ou insuficientes são as principais causas intrínsecas. Se considerarmos as causas extrínsecas, obrigatoriamente temos de assumir as condições ambientais inadequadas, nomeadamente, a exposição prolongada a níveis de humidade-relativa elevada e a exposição a gases ácidos resultantes da degradação dos materiais agregados, como o papel dos envelopes onde se encontravam acondicionados, assim como os gases oxidantes resultantes da poluição atmosférica que são responsáveis pela catalisação da oxidação da prata (Pavão, 1997). Existe um conjunto de negativos onde é visível a presença desta patologia, evidenciada na Fig. 12.

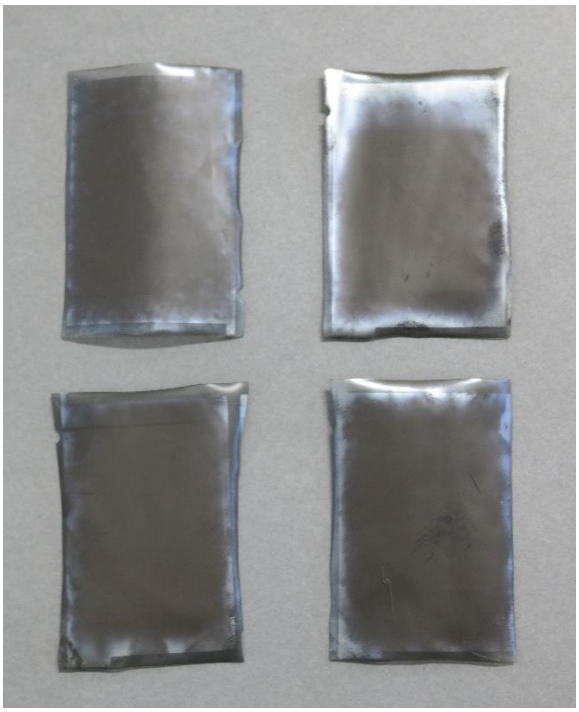


Figura 10 - Negativos em avançado estado de degradação onde é visível o espelho de prata no verso. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

2.4. Preservação e Conservação Preventiva

Após o levantamento do estado de conservação dos materiais é possível constatar que as patologias encontradas quer ao nível dos papéis, quer ao nível dos negativos está a ser fortemente agravada por fatores extrínsecos, causando a degradação precoce de alguns dos elementos, nomeadamente dos negativos. A agressão química invisível aliada às más condições do acondicionamento e falta

de controlo ambiental são os principais fatores que estimulam a degradação destes materiais. A atmosfera era parcialmente permeável às condições atmosféricas externas por ação da inércia térmica do edifício.

Na Casa-Forte da BPMP encontram-se inúmeros positivos e negativos provenientes de vários fundos documentais. Júlio Costa, técnico do Serviço de Manuscritos e Reservados, quando abordado relativamente às imagens que compõem estes fundos menciona que internamente são pouco conhecidas, resultando num tratamento técnico pouco aprofundado (quando existe). Fruto das características técnicas e valor documental reconhecidos encontram-se algumas exceções que se excluem do desconhecimento: dois daguerreótipos de Alexandre Herculano datados cerca de 1854, três caixas com negativos em vidro sendo que uma corresponde a imagens da *Revista do Centro de Estudos Humanísticos, datados de 1950* e quatro caixas com negativos fotográficos em vidro do interior da BPMP dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX. Neste depósito os valores de humidade-relativa situam-se nos 45% com um limite de oscilação de cerca de 5%[11].

Verifica-se que a BPMP não detém à data depósitos destinados exclusivamente à conservação de fotografia. Esta situação deve-se ao facto de os fundos fotográficos terem reduzida expressão no contexto da Biblioteca, e de ao longo do tempo a prioridade ter sido dada aos fundos bibliográficos, em muito decorrente das orientações dos diretores e chefias. Para compreendermos na integra as opções de tratamento documental e conservação devemos ter em consideração os contextos e percursos académicos dos diretores assim como a missão da Biblioteca que sempre se destacou pela preservação dos fundos bibliográficos ao invés de fundos fotográficos, sendo estes tratados como os *"parentes pobres"* dos livros, tal como Sílvio Costa refere na sua entrevista.

Com vista à correção desta situação, e incidindo na sensibilização que as várias equipas técnicas realizam junto das Direções apresenta-se uma Proposta de Conservação com vista ao estabelecimento de um conjunto de medidas que visam a proteção alargada e incisiva dos fundos fotográficos da BPMP, assim como um conjunto de necessidades estruturais e de equipamentos com vista ao acesso de condições ótimas de conservação. Inserida também no âmbito da conservação material, mas com foco no estudo e conhecimento, assim como no cumprimento da salvaguarda e disponibilização pública, é apresentada uma proposta transversal de acesso aos fundos fotográficos da BPMP que prevê a disponibilização das coleções à distância.

[11] Estes valores vão ao encontro das *guidelines* internacionais ao nível da preservação e conservação preventiva de documentos gráficos e estão plasmados na página 38 do Manual de Preservação, Conservação e Conservação e Restauro de Documentos Gráficos do Serviço de Conservação e Restauro da Divisão Municipal de Bibliotecas da Câmara Municipal do Porto.

2.5. Proposta de Acondicionamento

A presente Proposta de Conservação visa a criação de um depósito de congelação (*Frozen storage).* Na impossibilidade de criação de novos depósitos propõe-se a adaptação de uma área de depósito para a instalação de equipamentos que permitam a correta conservação do arquivo fotográfico (positivos e negativos). Tendo por base a eficácia deste tipo de depósito, considerado como uma ação de Conservação Preventiva com ótimos resultados na suspensão do processo de degradação química dos negativos, esta é uma medida essencial para desacelerar e travar a degradação química.

O princípio regulador desta proposta assenta na Lei de *Arrhenius* que matematicamente descreve como a velocidade das reações químicas varia de acordo com a temperatura.

A redução da temperatura intervém diretamente na constante da velocidade que regula a degradação química. Ao transpor este princípio para a conservação do arquivo fotográfico de Valente, e de acordo com a N.E.D.C.C., importa reter que os parâmetros de temperatura e humidade-relativa desempenham um papel crucial na conservação de fotografias e negativos, pois quanto maior a temperatura, mais rápido será o processo de degradação; inversamente, quanto menor a temperatura, mais lento será o processo de degradação (NEDCC, 2019). O controlo da temperatura é por isso fundamental para garantir a boa conservação de coleções fotográficas.

Segundo James M. Reilly, Professor no Rochester *Institute of Technology*, Diretor do *Image Permanence Institute* (IPI) e co-Diretor do Programa Avançado de Conservação em Fotografia no George *Eastman House em* Rochester, são várias as tipologias de materiais fotográficos que beneficiam de acondicionamento em depósito frio (*Cold Storage)* (Reilly, Cool and Cold Storage in Pratice, 1998).

Ao aplicarmos os princípios deste tipo de armazenamento, o depósito deverá manter temperaturas inferiores a 13° C e a humidade-relativa deverá situar-se num intervalo não inferior a 20% nem superior a 50%. Estas condições apesar de serem vantajosas para a maior parte do acervo de Valente e outros fundos fotográficos da BPMP, tornam-se insuficientes face aos negativos de Valente em avançado estado de degradação que exigem o estabelecimento de um depósito de congelação.

Ao assumirmos a necessidade de um depósito de congelação é necessário ter em conta as exigências para o seu estabelecimento, não apenas ao nível de equipamento, mas também financeiro e as razões que efetivamente o justificam. Dado que os fundos fotográficos da BPMP são de reduzidas dimensões, propõe-se que todas eles sejam colocados em depósito de congelação, garantindo as boas práticas de conservação dos elementos mais frágeis e degradados, assegurando ainda a vantagem de prolongamento da existência de todo o material

por um período muito superior ao previsto de acordo com as condições em que se encontram atualmente[12].

Uma vez que o objetivo será desacelerar e travar a hidrólise ácida, evitar a proliferação de fungos e garantir a boa conservação dos suportes e dos seus materiais constituintes, de acordo com as linhas orientadoras internacionais aplicadas, nomeadamente através da norma ISO18911:2010 (International, 2010) o depósito deve garantir a capacidade de atingir temperaturas entre -10 °C e 21 °C e alcançar o intervalo de humidade-relativa entre os 20% e os 50%. Desta forma permitirá a estabilidade química, controlo ambiental e atrasar a deterioração.

Com vista ao congelamento, todos os negativos e fotografias devem ser alvo de um processo prévio de digitalização de alta qualidade de forma a mitigar eventuais necessidades de descongelação e manuseio, garantindo o acesso à imagem.

A preparação das fotografias e negativos deve ainda contemplar o correto acondicionamento para congelação através da criação de bolsas para a colocação de fotografias e negativos, devidamente identificados no seu exterior e compostas por materiais quimicamente inertes com capacidade de garantir a estanquicidade das bolsas por forma a não deixar entrar humidade ou evitar a possibilidade de condensação no seu interior.

Embora se admita que esta proposta tenha um fator económico que pode ser bastante expressivo no curto prazo, a longo prazo obtém-se vantagem - não apenas do ponto de vista económico, mas também do ponto de vista da proteção da coleção. O elevado custo inicial resultante da aplicação destas medidas não tem comparação quando refletimos nos dispendiosos processos de restauro - quando possíveis – que são consideravelmente mais caros que a aplicação de medidas preventivas. Deve ser ainda considerada a possibilidade de perda parcial ou total das fotografias e negativos caso não sejam tomadas medidas que visem a conservação preventiva. Torna-se, assim, evidente o benefício que o depósito de congelação pode trazer não apenas ao acervo de Valente, mas a todos os fundos de fotográficos da BPMP.

Com o objetivo de operacionalizar a proposta apresentada sugere-se a formalização de um protocolo entre as Bibliotecas Municipais do Porto e a Casa do Infante a fim de se proceder à digitalização dos negativos fotográficos. O Arquivo Histórico dispõe de um técnico especializado em fotografia e instalações equipadas com serviço de digitalização, laboratório e depósitos de *cold* e *frozen storage.* A competência técnica dos recursos humanos e a capacidade das instalações fazem do Arquivo Histórico um parceiro relevante no desenvolvimento

[12] Atualmente os fundos de fotográficos da BPMP encontram-se em *Cool Storage*, um depósito com temperaturas de 18 °C e 45%-50% de humidade-relativa.

e aplicação de propostas de conservação preventiva e digitalização do acervo fotográfico.

CAPÍTULO 3. O Acervo do Autor

3.1. Metodologias de Trabalho do Fotógrafo

A metodologia organizativa é reconhecida por vários colegas que conviveram com Valente, referindo nas entrevistas a forma como arrumava os negativos em envelopes, identificando-os e colocando-os em ficheiros verticais. Através das entrevistas foi possível percecionar duas versões, que em parte se contradizem. Sílvio Costa que apenas privara com Valente profissionalmente, refere que Valente terá chegado a um ponto da sua carreira, já nos princípios do séc. XXI em que o ambiente da sua sala de trabalho era de tal forma desorganizado que houve a necessidade de organização quase arquivística (Costa S., 2026). Terá sido nesse momento que ficheiros verticais metálicos foram disponibilizados para que pudesse guardar os envelopes com os negativos. Jorge Costa confirma e complementa esta informação alegando que o trabalho de organização dos envelopes nos ficheiros terá sido eventualmente delegado a uma colega de nome Miquelina que terá auxiliado Valente neste processo (Costa J., 2025). Já a filha refere que a atividade fotográfica do pai em contexto privado era extremamente organizada, mencionando a prática de escrita no verso das fotografias – data e local – e a colocação em álbuns muito bem identificados, inclusive a utilização de envelopes identificados à mão.

Será naturalmente expectável que as memórias dos entrevistados se oponham não só pelas idades em que trabalharam com Valente, mas também devido ao vínculo que tinham, fosse afetivo ou meramente laboral. Desta forma, torna-se imperativo incidir única e exclusivamente nas provas remanescentes do trabalho que Valente deixou e cruzar dados entre a prática profissional e privada na tentativa de comprovar a autoria dos registos que lhe são atribuídos. Seguidamente apresentam-se os indícios que visam as práticas laborais de Valente.

Encomendas ou Instantâneo (Requisições de fotógrafo para os serviços do Protocolo-CMP)

O cruzamento entre as provas documentais, nomeadamente os negativos, positivos e requisições, e as provas orais obtidas em sede de entrevista permitiram consolidar parte da atribuição de autoria de Valente. Aquando das entrevistas a Jorge Costa e Sílvio Costa, ambos referiram que o autor era frequentemente solicitado a fotografar os eventos oficiais da C.M.P., especialmente ao abrigo do Protocolo. Durante a análise dos materiais do acervo, foram encontradas várias requisições manuscritas dos serviços internos que comprovam materialmente a

forma como Valente era convocado para exercer a função de fotógrafo durante estas atividades. Ver Fig. 13 a 16.

Estas requisições de convocatória transcendem a simples validação da autoria, acabando por reconhecer oficialmente o estatuto de Valente enquanto fotógrafo. Para o efeito corroboram, não apenas as indicações dadas pelos vários entrevistados e demais colegas que referem que Valente era *"O Fotógrafo da Biblioteca e da Câmara"*, adquirindo um papel fundamental ao auxiliar no processo de atribuição de autoria em relação aos núcleos fotográficos existentes na Casa-Forte ao permitirem rastrear e conectar a documentação burocrática (as requisições) com os negativos e positivos atribuídos a Valente.

Um destes exemplos é a requisição da Fig. 13, onde podemos ler *"O fotógrafo Sr. Valente para efetuar reportagem fotográfica na sala D. Maria no dia 19 março às 1800H a uma audiência do Grupo de Jovens Empresários dos Açores; de seguida para a Casa do Roseiral para a realização de um Porto de Honra."* (Transcrição integral da 3a Divisão, Requisição no 71/90 da Câmara Municipal do Porto). Um dos envelopes do acervo de Valente está identificado com o seguinte texto: *"Protocolo. Audiência na sala D. Maria a um G.J.E. (grupo de jovens empresários) dos Açores*" datado de 19/03/1990. (Ver Fig. 17) Esta evidência material estabelece a correlação exata entre os negativos no envelope, os positivos que se encontram na Casa-Forte e ainda a requisição que opera como documento burocrático oficial, atestando e tornando viável a atribuição de autoria a Valente.

As requisições, para lá de instrumentos de datação que permitem a certificação autoral, são importantes porque auxiliam a atribuição de prova entre as tipologias temáticas atribuídas à obra de Valente que auxiliam no processo de estruturação visual do acervo. O estabelecimento da tipologia *A memória institucional e o Protocolo* descrita no capítulo *3.3. Tipologias e Temáticas fotográficas* é sumamente importante do ponto de vista documental, uma vez que capta a solenidade, ordem e poder autárquico da instituição e da Câmara Municipal do Porto.

Foi a partir desta validação cruzada que se tornou possível estabelecer as correspondências temáticas entre as descrições dos envelopes e os conjuntos de positivos preservados na Casa-Forte, as quais são detalhadamente elencadas no capítulo seguinte.

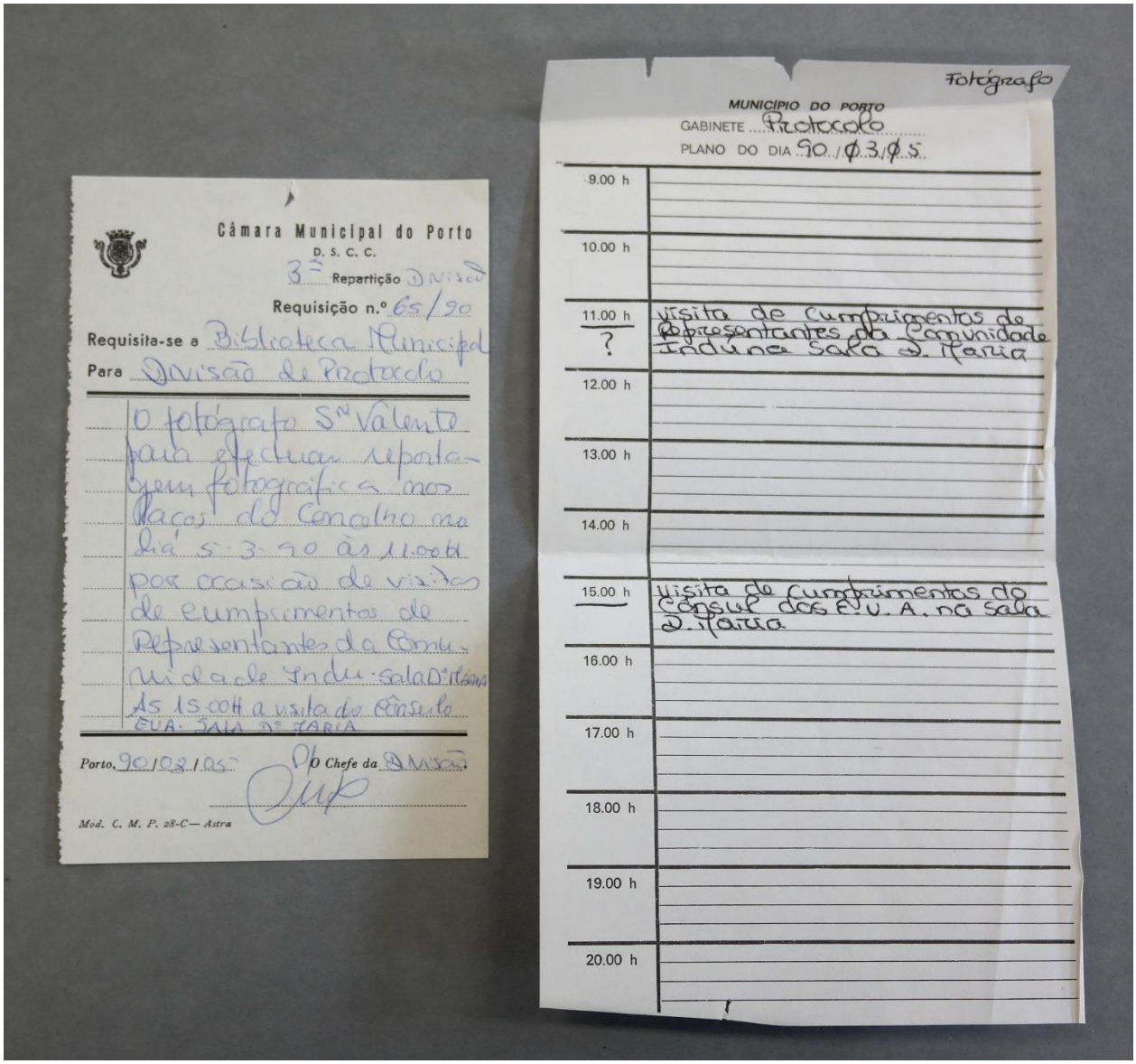


Figura 11 - Requisições para Valente fotografar visitas de cumprimentos ao abrigo do Protocolo da C.M.P. em 1990. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

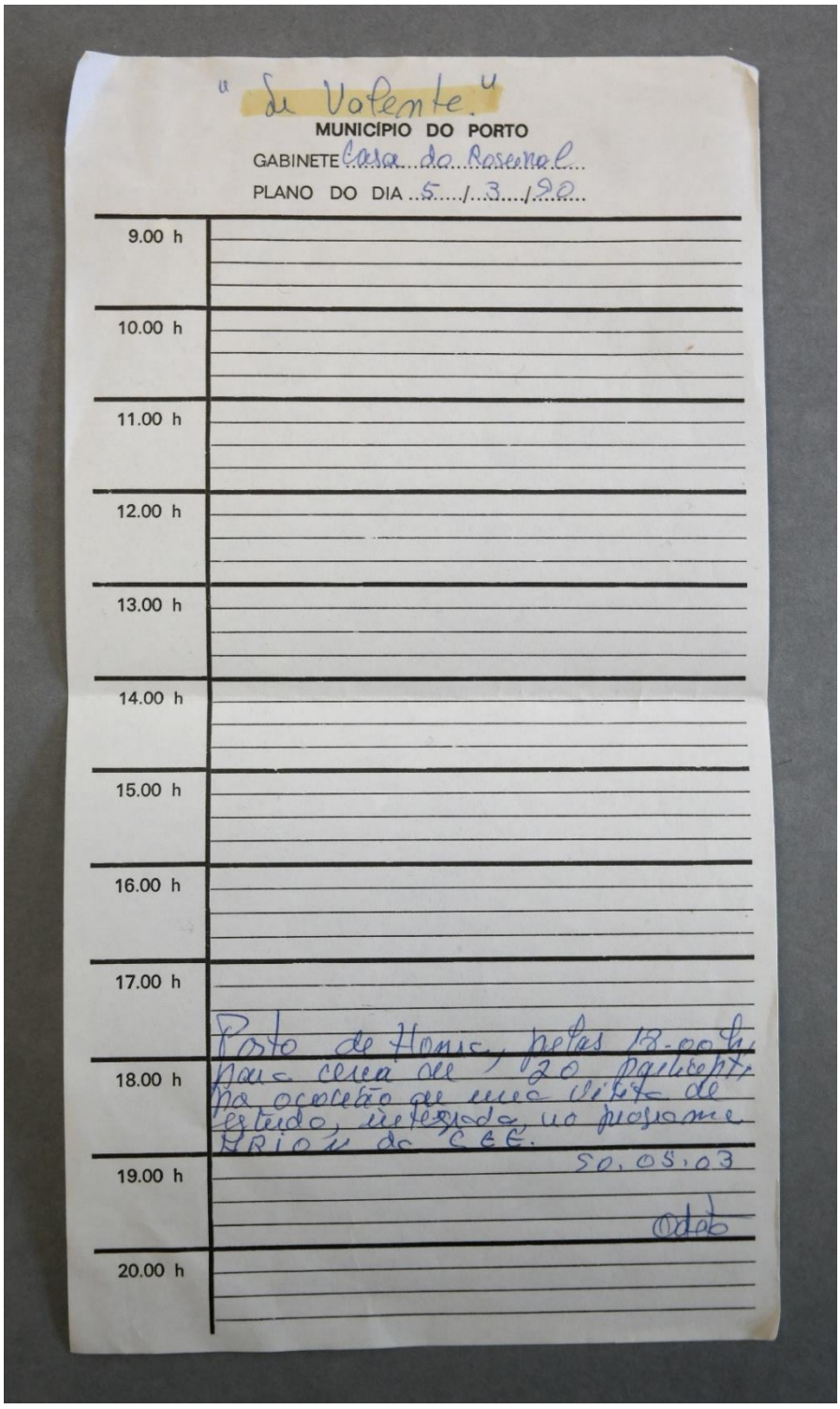
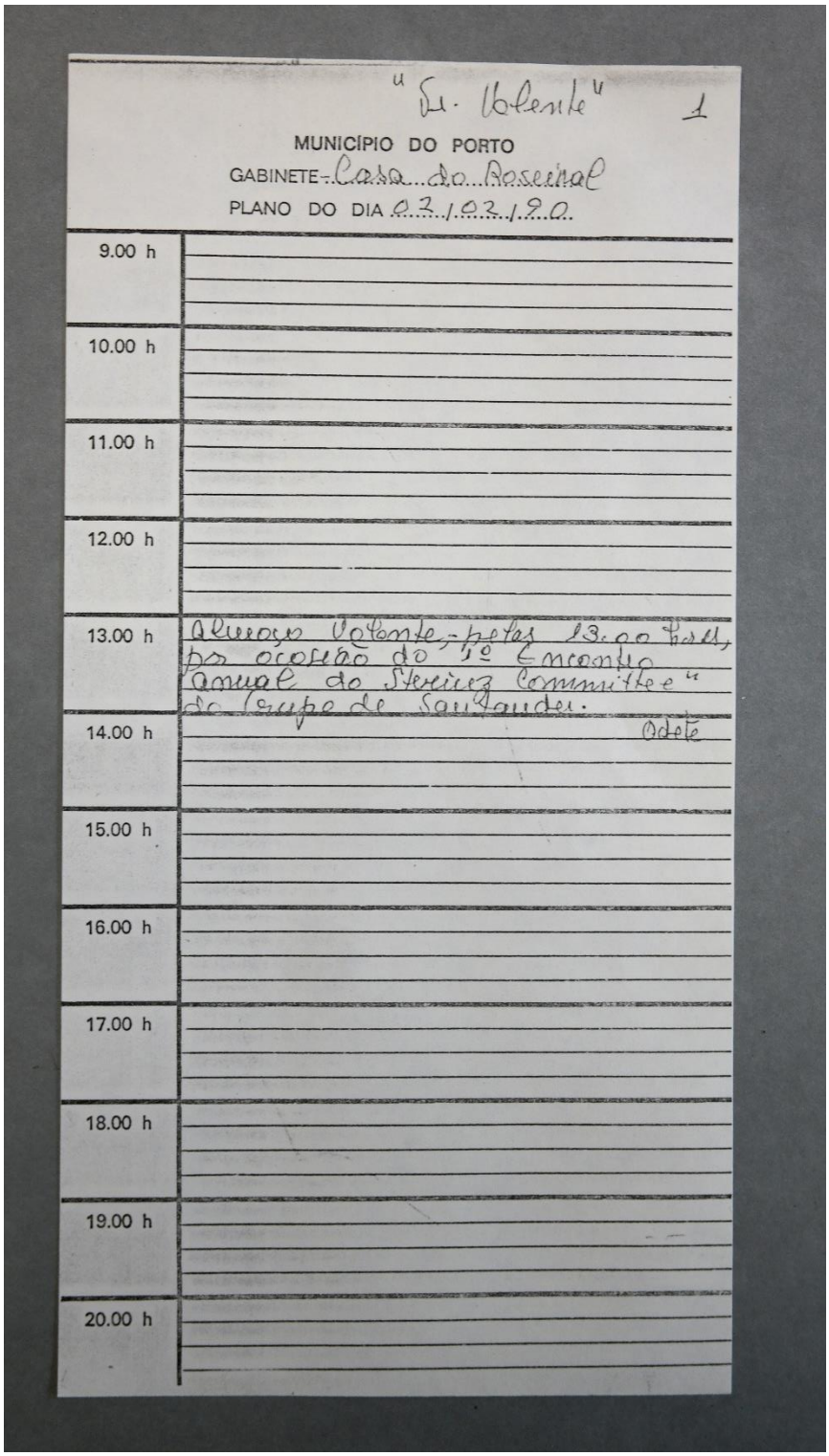


Figura 12 - Requisições para Valente fotografar visitas de cumprimentos ao abrigo do Protocolo da C.M.P. em 1990. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.



"Sr. Valente" 1

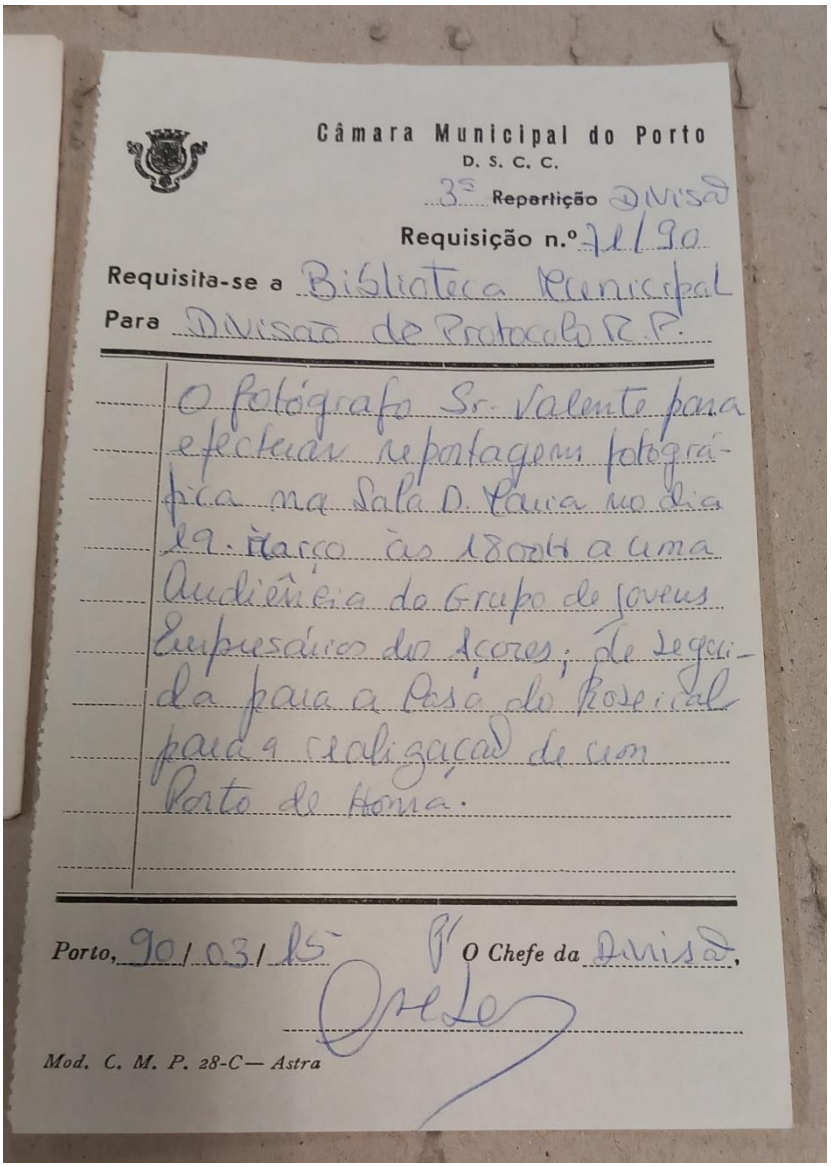
MUNICÍPIO DO PORTO

GABINETE - Casa do Roseiral

PLANO DO DIA 07/03/90

9.00 h	
10.00 h	
11.00 h	
12.00 h	
13.00 h	Alvaro Valente, pelas 13.00 h, na ocasião do 1º Encontro anual do Steering Committee do Grupo de Saúde.
14.00 h	Odete
15.00 h	
16.00 h	
17.00 h	
18.00 h	
19.00 h	
20.00 h	

Figura 13 - Requisições para Valente fotografar visitas de cumprimentos ao abrigo do Protocolo da C.M.P. em 1990. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.



Câmara Municipal do Porto
D. S. C. C.
3ª Repartição Divisão
Requisição n.º 71/90
Requisita-se a Biblioteca Municipal
Para Divisão de Protocolo R.P.

O fotógrafo Sr. Valente para efectuar reportagem fotográfica na Sala D. Maria no dia 19. Março às 18.00H a uma Audiência do Grupo de Jovens Empresários dos Açores; de seguida para a Casa do Roseiral para a realização de um Porto de Honra.

Porto, 90/03/15 O Chefe da Divisão,

Mod. C. M. P. 28-C— Astra

Figura 14 - Requisição de Valente para fotografar eventos ao abrigo do Protocolo C.M.P. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

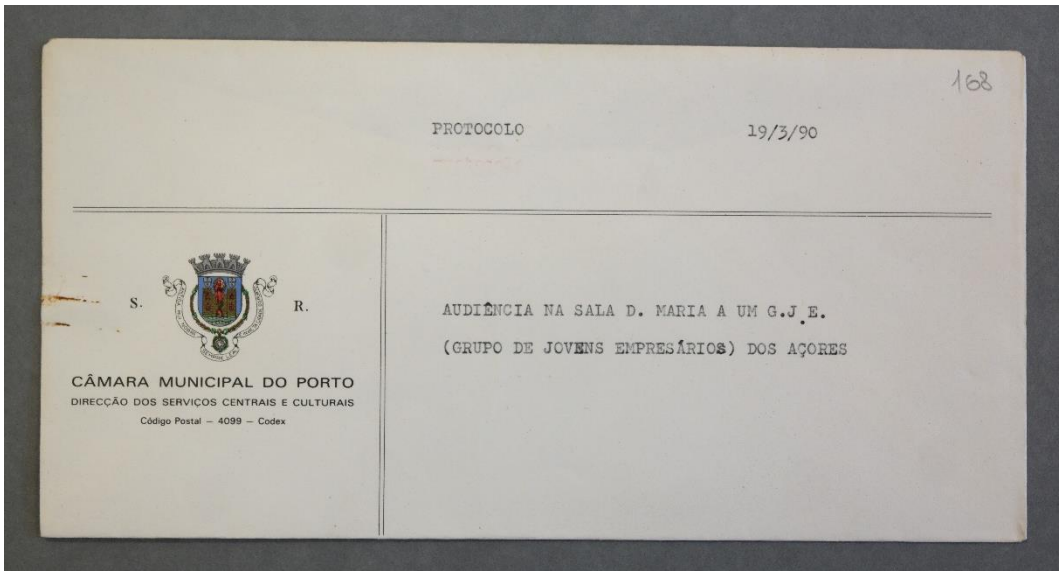


Figura 15 - Envelope de Protocolo encontrado no acervo de Valente. Fotografia da autora. BPMP, Março 2026.

Técnicas e processos

Valente fotografava a partir das requisições de serviço, dos pedidos dos Diretores ou de forma autónoma. É possível verificar nos seus registos diferentes contrastes de luz/sombra que explora no mesmo espaço. Na génese dos registos das obras da BPMP surgem variadas imagens de um mesmo ponto: o claustro. O espaço é explorado sob diferentes tipos de luz, sombras e variações na perspetiva. Existem vários positivos a p/b e a cores deste mesmo ponto como podemos ver nas Fig. 18 a 21.

As imagens de Valente eram muitas vezes o resultado de diferentes contrastes e luzes. A procura por determinada luz ou composição denuncia a sensibilidade e a construção da imagem. Não raras vezes, Valente realizava imagens com variações na luz e contrastes como podemos observar na Fig. 22.

Quando questionado na entrevista a propósito do ato de fotografar e do valor das fotografias de Valente, Sílvio Costa refere *"Eu acho que ele tinha veia de artista e tinha gosto nesse tipo de atividade e era-lhe reconhecido isso."* (Costa S., 2026) No entanto, alguns registos podiam apresentar desafios técnicos como as vistas de exposição, ver Fig. 23 e 24.



Figura 16 - Claustro durante as obras nos anos 80 do séc. XX. Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980.



Figura 17 - Claustro durante as obras nos anos 80 do séc. XX. Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980.

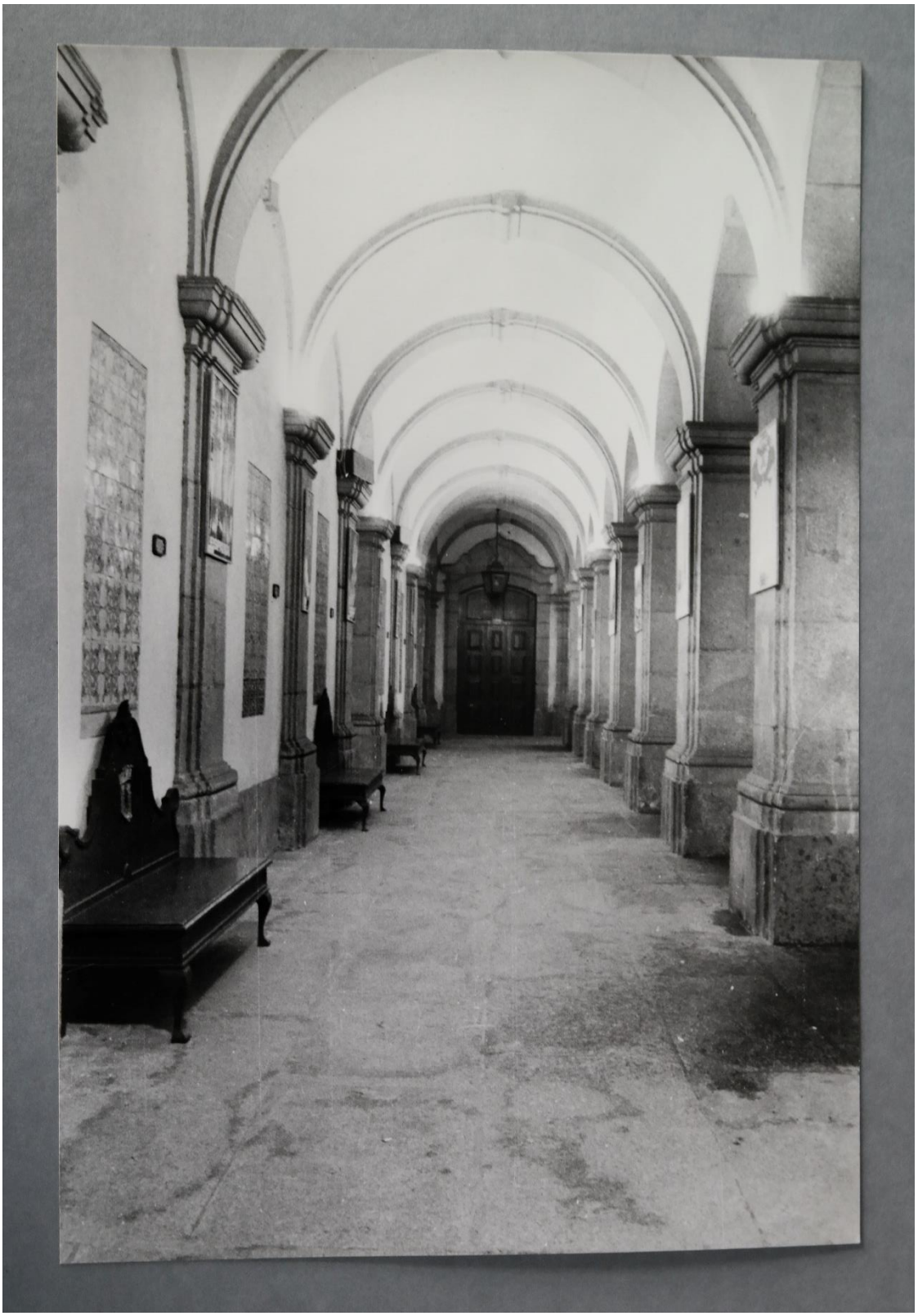


Figura 18 - Claustro. Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980.

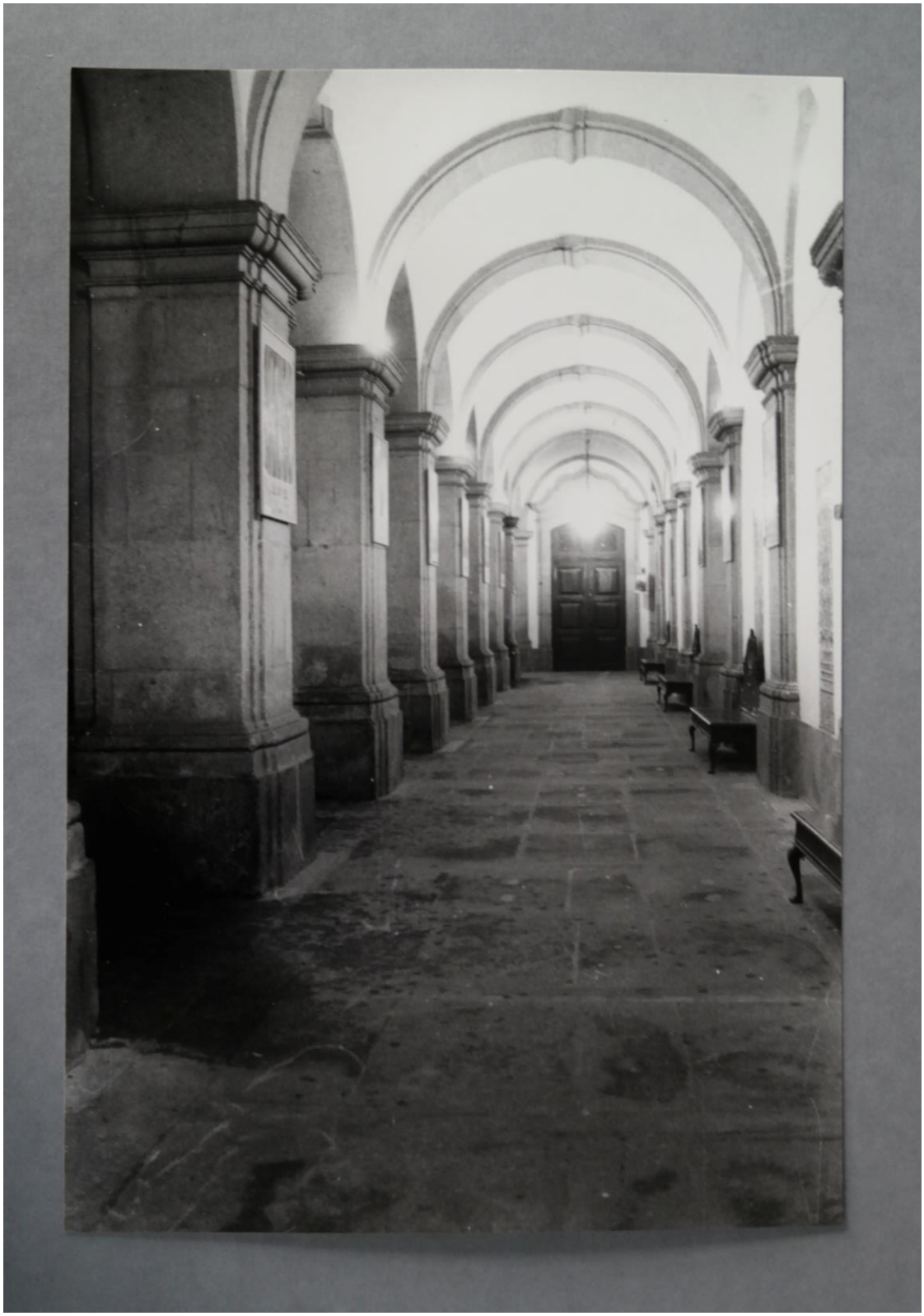


Figura 19 - Claustro Autoria atribuída a Valente. BPMP, cerca de 1980.

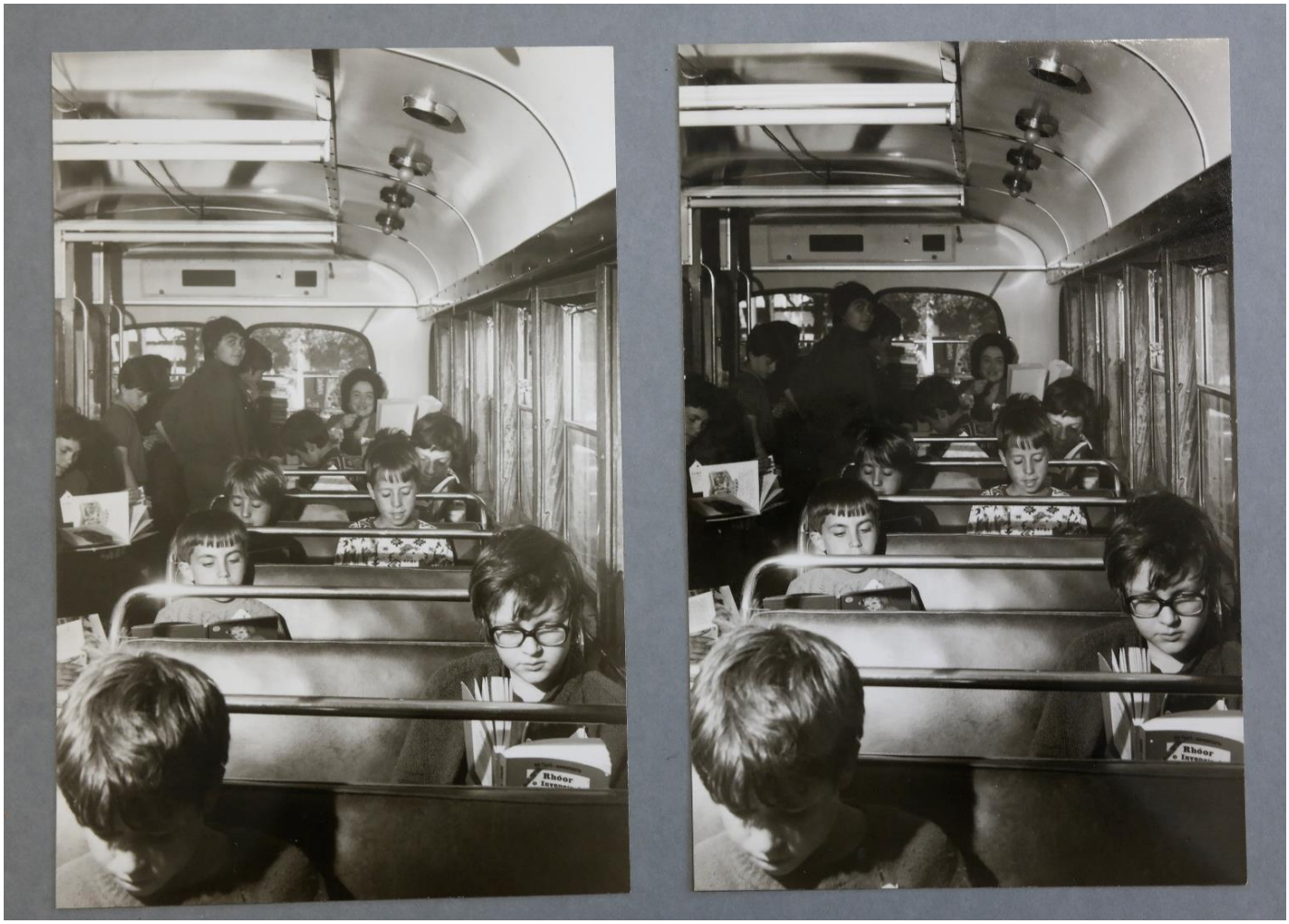


Figura 20 - Feira do Livro de 1974. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1974.

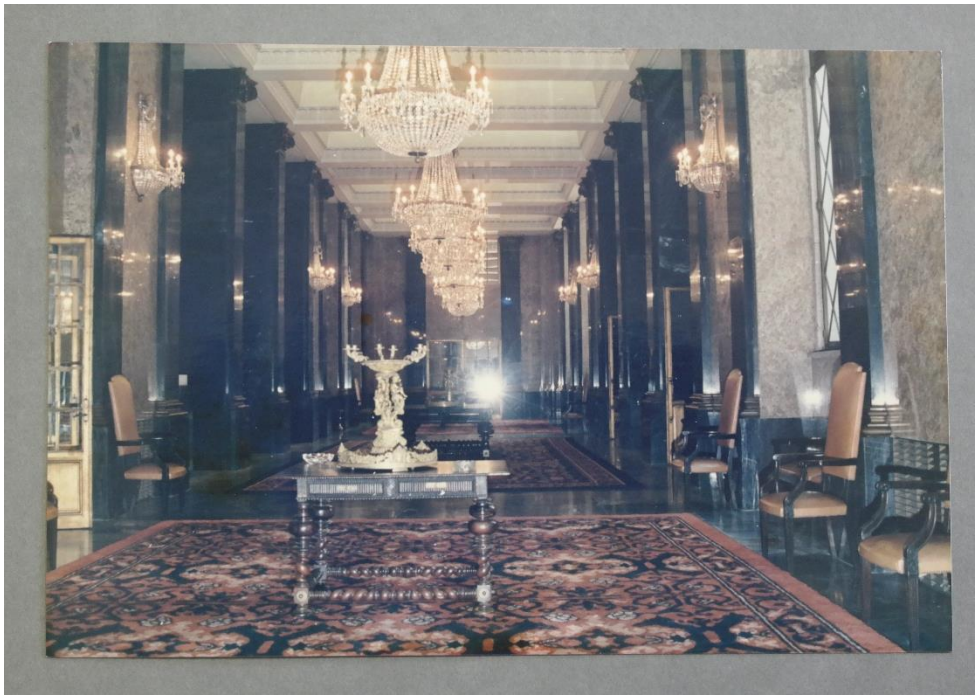


Figura 23 - Paços do Concelho. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1980.

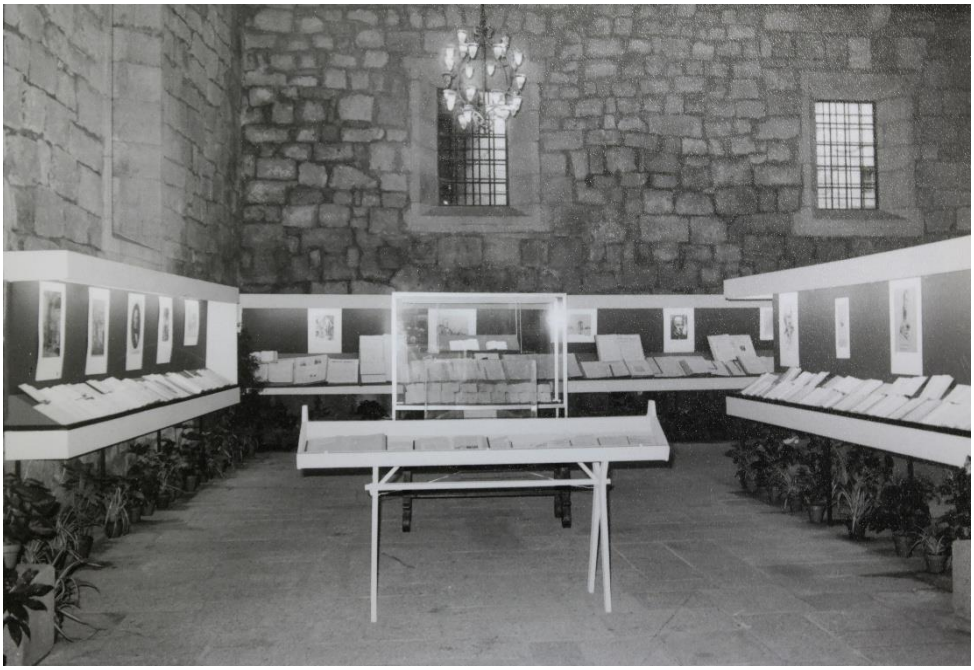


Figura 22 - Casa do Infante. Vista de Exposição. Pormenor Blown Highlights (Luzes estouradas). Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1970.

Apontamentos Manuscritos

Um grande número de fotografias que se encontram acondicionadas em caixas de arquivo no depósito da Casa-Forte, cuja autoria é atribuída a Valente, contêm no verso apontamentos manuscritos usualmente a caneta e menos frequentemente a lápis. Estes apontamentos dão-nos informações vitais no que respeita à metodologia de trabalho do autor e podem ser analisados sob várias perspetivas, nomeadamente a reivindicação de autoria, a prática arquivística e a intencionalidade na construção da imagem.

Os apontamentos, efetuados pelo autor, manifestam-se de várias formas como números simples corridos - invocando uma ordenação numérica -, apontamentos de percentagens, datação – dia, mês e ano - e identificação do espaço ou do lugar.

No que respeita à reivindicação de autoria, é possível verificar em algumas fotografias o nome “Valente” escrito no verso como na Fig. 25. Se pensarmos na origem das imagens de Valente a partir do contexto administrativo, onde a identidade institucional se sobrepõe à identidade individual, é expectável que o autor se torne anónimo sob a égide da instituição. No entanto, o ato de assinar o verso das fotografias funciona como uma marca identitária e autoral, tornando evidente a reivindicação da autoria da imagem apesar da realização em contexto institucional.

A intencionalidade na construção da imagem é atestada pelas anotações realizadas também no verso, mas que têm carácter tendencialmente técnico. Aqui incorporam-se as anotações como as percentagens, dimensões, enquadramentos (no caso das imagens utilizadas em publicações) e outros pormenores relacionados com os processos de revelação da imagem. Podemos ver estes exemplos nas Fig. 26 e 27, indicando uma clara intenção na construção da imagem, controlando o resultado em função do objetivo pelo qual a imagem foi efetuada.

Por último, existem apontamentos que evidenciam a preocupação no que concerne à prática arquivística. Estes apontamentos tornam-se evidentes a partir das numerações árabes através de numeração corrida, o que sugere a ordenação das imagens segundo uma determinada lógica que pode estar afeta à utilização das imagens em publicações ou de acordo com a ordem do rolo. Também foi possível verificar a existência de datações onde podem constar apenas o ano, ano e mês, ou ano, mês e dia. Também algumas das imagens têm apontamentos que registam o local onde foi efetuada a fotografia.

A prática destes apontamentos manuscritos por Valente é corroborada pelo testemunho obtido em entrevista a Ana Carvalho em que refere que o pai *“escrevia tudo por trás”,* reconhecendo esta ação como algo comum na prática fotográfica do

pai. A fim de se garantir um termo de comparação entre a caligrafia do autor e a caligrafia nos positivos da BPMP foi pedido a Ana Carvalho um documento manuscrito pelo pai a fim de se estabelecer uma análise comparativa. Embora Ana Carvalho tenha aceitado partilhar um documento manuscrito por Valente, até à conclusão desta investigação tal não se verificou possível por questões de saúde.

A recorrência destes apontamentos manuscritos no verso das fotografias, ainda que não fosse realizado sempre da mesma forma, demonstra a preocupação com a organização, o que confere uma certa coerência na metodologia de trabalho de Valente.

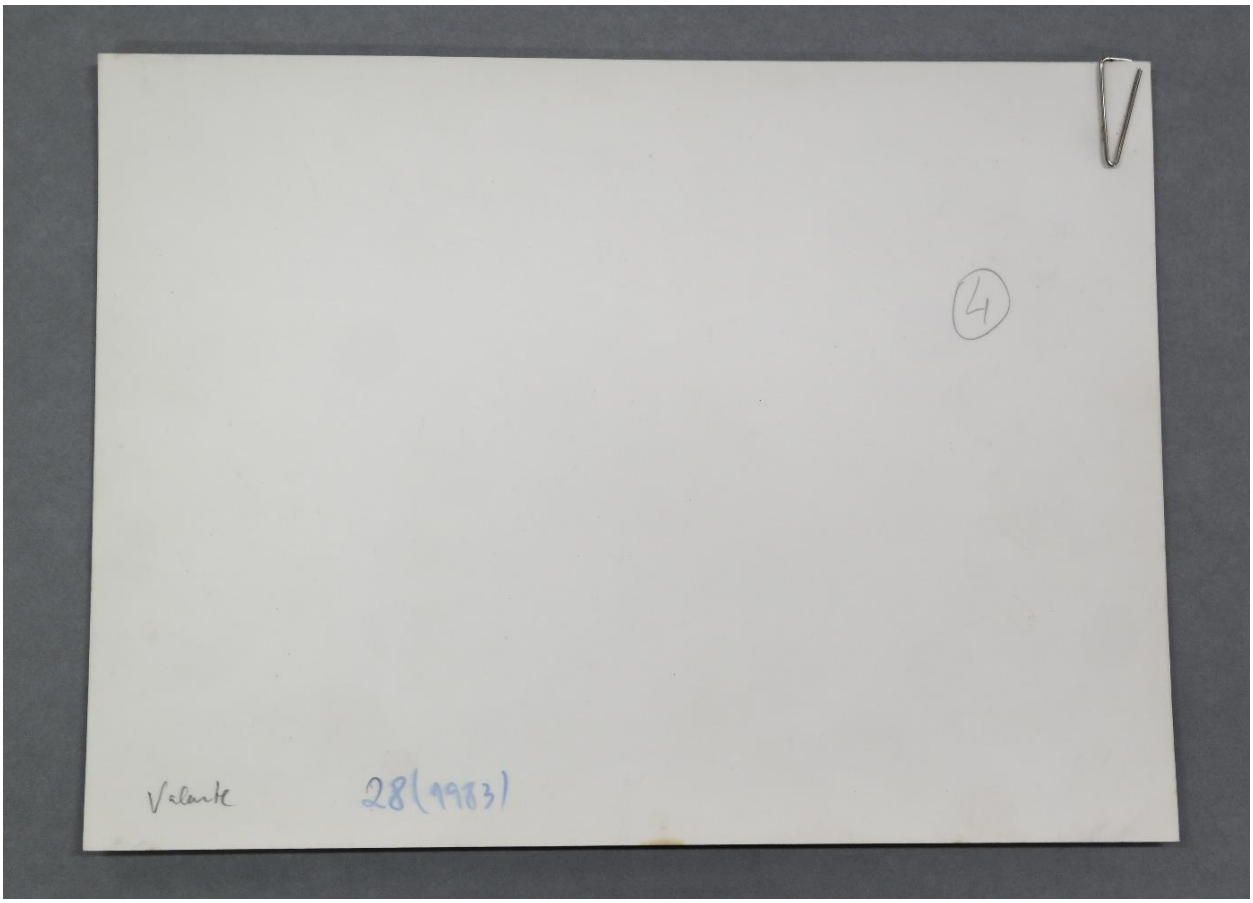


Figura 23 - Apontamento manuscrito (nome, data e numeração árabe). Autoria atribuída a Valente. Porto, 1983.

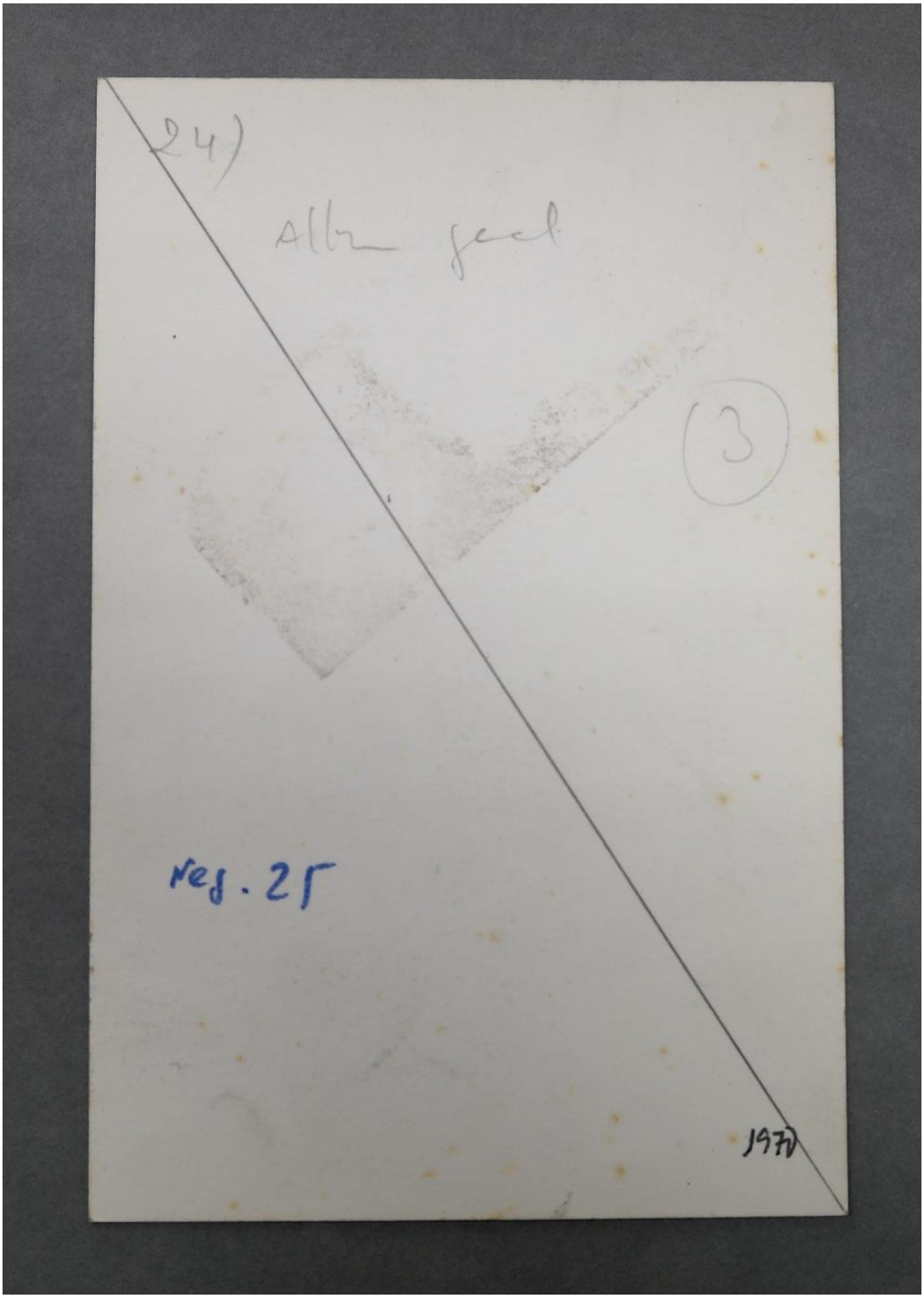


Figura 24 - Apontamentos manuscritos no verso de positivo (data e numeração do negativo). Autoria atribuída a Valente. Porto, 1970.

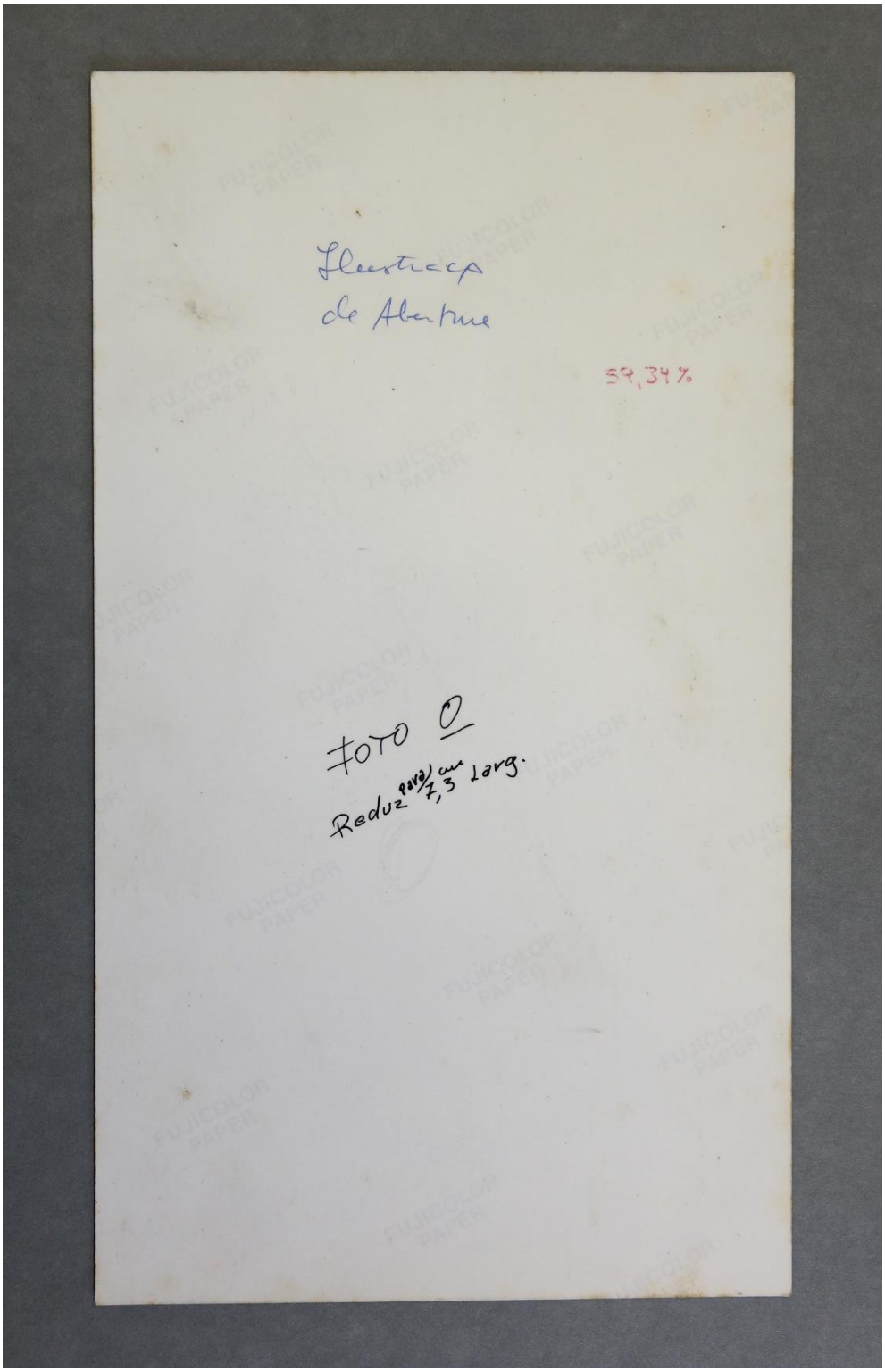


Figura 25 - Apontamentos manuscritos no verso de positivo. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de1980.

3.2. Inventário

O acervo de Valente é constituído por vários envelopes com negativos e alguns positivos. Paralelamente, na Casa-Forte existem doze caixas de arquivo, em cartão desacidificado e polipropileno, com vários conjuntos de positivos, alguns deles cuja autoria é atribuída a Valente. A Fig. 28 mostra a "caixa 2" onde constam quatro conjuntos de positivos atribuídos à autoria de Valente. Esta atribuição é feita apenas com base na memória dos seus colegas de trabalho, que ainda se encontram ao serviço e se lembram de Valente ter sido convocado e ter estado presente a fotografar.

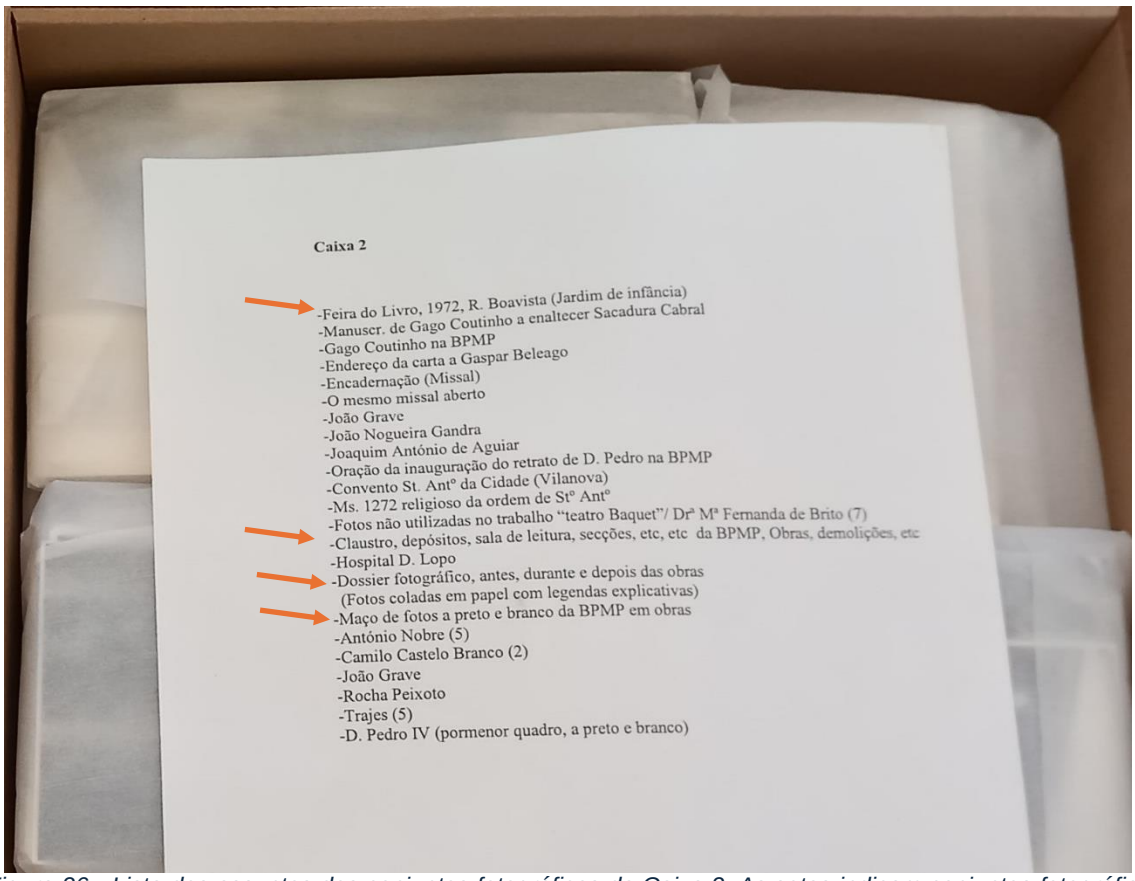


Figura 26 - Lista dos assuntos dos conjuntos fotográficos da Caixa 2. As setas indicam conjuntos fotográficos cuja autoria é atribuída a Valente. Fotografia da autora. BPMP, Dezembro 2025.

Cruzamento entre temáticas dos negativos do Acervo de Valente e as fotografias que se encontram na Casa-Forte

Após a realização do inventário do conteúdo do acervo, foi realizado um cruzamento entre os envelopes com os negativos e os conjuntos fotográficos que constam nas várias caixas de arquivo da Casa-Forte. Desta forma foi possível

verificar um total de vinte correspondências entre os envelopes com negativos e os conjuntos fotográficos.

Em alguns casos a correspondência não pode ser estabelecida com segurança devido a discrepâncias na identificação da temática ou assunto. Isto dever-se-á, muito provavelmente, ao facto de terem sido pessoas diferentes a identificar cada uma das situações: no caso dos envelopes terá sido Valente, ou uma funcionária sob a sua orientação; no caso dos conjuntos fotográficos terá sido um funcionário do S.M.R. a partir do conhecimento que possuía relativamente à atividade de Valente.

Foi feito um pedido de digitalização de parte dos negativos do acervo de Valente, nomeadamente, dos envelopes identificados na Tab.1 à Chefe do G.A.G.C.T.T.D. O desenvolvimento desta investigação coincidiu com o período de deslocação das coleções e postos de trabalho da BPMP, pelo que não foi possível proceder à digitalização dos negativos por indisponibilidade dos equipamentos.

Uma vez que esta impossibilidade se deu por razões inerentes à gestão da Biblioteca, e por isso inultrapassável, será proposto futuramente à Biblioteca um projeto que visará a digitalização de todos os negativos e positivos de forma a dar continuação a esta investigação, com o objetivo de validar as correspondências entre as fotografias e os negativos averiguando-se de seguida se as imagens obtidas são análogas aos positivos.

Elencam-se na Tab. 1, as potenciais correspondências identificadas.

Tabela 1 - Correspondências entre negativos e fotografias da Casa-Forte.

	Envelopes das 4 caixas do acervo fotográfico de Valente		**Conjuntos Fotográficos na Casa-Forte atribuídos a Valente**	
N.º	**Assunto**	**Data**	**Assunto**	**Identificação e Cota**
1	Protocolo - Visita do Embaixador da Venezuela	1988	Visita da embaixada da Venezuela 20 jun 1988	Caixa n.º 3. RES-ND-30 (9)
2	Protocolo. Inauguração Expo." Rota do Cabo"	21/09/1989	A Rota do Cabo: “Descobrimentos e colonização africana “1988 set-out	Caixa n.º 2 RES-ND-30
3	Diapositivo utilizado na capa do catálogo da Exposição " Os Maias"	s/d	“Os Maias” de Eça de Queirós 1988 nov-dez	Caixa n.º 2 RES-ND-30

4	Exposição St Afonso Ma. de Ligório	1988	“Santo Afonso Maria de Ligório” 1988 abr-maio	Caixa n.º 2 RES-ND-30
5	Inauguração da Exposição de Jornais Antigos	1988	“Periódicos Portugueses Antigos 1641-1833” 1988 jun-jul	Caixa n.º 2 RES-ND-30
6	Biblioteca Municipal do Porto. Inauguração da exposição dos "maias" de Eça de Queirós na Biblioteca Publica Municipal do Porto	22/11/1988	“Os Maias” de Eça de Queirós 1988 nov-dez	Caixa n.º 2 RES-ND-30
7	BPMP Expo. De encadernações de alguns artistas portuenses. (Expo. Na capela e na Feira do Livro)	1997	**Abertura da Feira do Livro. Exposição “Miniaturas de Máquinas Tipográficas” 23/3/1997	Caixa n.º 6
8	BPMP Expo. De encadernações de alguns artistas portuenses. (Expo. Na capela e na Feira do Livro)	1997	**Exposição:” As encadernações contemporâneas” ago 1997	Caixa n.º 7.2
9	Biblioteca. Expo sobre (Camilo Castelo Branco). Inauguração com a presença da vereadora do pelouro da cultura. "rancho folclórico do Porto"	01/06/1990	** Inauguração da exposição “Memórias de Camilo 1/6/1990	Caixa n.º 6
10	Expo. dos Almada. Capela.	Abril 94	** Abertura da Exposição “Almada Negreiros” 1994	Caixa n.º 6

11	Expo. De Camilo Castelo Branco. Visita de S. exa o Sr. Presidente da República Dr. Mário Soares	Junho 99	** Visita do Presidente da República Dr. Mário Soares à BPMP e exposição "Memórias de Camilo" 25/6/90	Caixa n.º 6
12	Iluminuras (BPMP)	1991	** Exposição: "Iluminuras Medievais BPMP" 9/9/1991	Caixa n.º 6
13	Biblioteca Sonora	1991	Biblioteca Sonora	Caixa n.º 6
14	BPMP Exposição da obra de Mário Sá Carneiro realizada na Capela da BPMP feita pela Biblioteca Nacional de Lisboa	20/04/1991 a 19/05/1991	Exposição "Mário de Sá Carneiro da B.N" 19/4/1991	Caixa n.º 6
15	BPMP Expo. nos claustros "Plantas e maquetes da BPMP" pelos estudantes de arquitetura das Belas Artes	1991	Exposição: "Projetos de uma escola" 6-16 nov 1991 (exposição de maquetes dos alunos do 2 ano de arquitetura da F.A.U.P.)	Caixa n.º 6
16	BPMP Expo. De Camilo Pessanha (agosto)	1991	Exposição: Camilo Pessanha 7 a 25/8/1991	Caixa n.º 6
17	BPMP Palestra sobre Camilo Castelo Branco pela DRA.? Realizada na capela da Biblioteca	1991	Recital Camiliano 1/6/1991	Caixa n.º 6
18	Expo. BPMP Camilo Pessanha	1991	Exposição: Camilo Pessanha 7 a 25/8/1991	Caixa n.º 6
19	BPMP 150 anos da Biblioteca	09/07/1983	**Visita guiada a um grupo à exposição	Caixa n.º 8

	Municipal do Porto		"BPMP/150 anos" feita pelo Dr. Luís Cabral e a Dra. Maria Olívia Almeida. 1984	
20	150 anos da BPMP	s/d	** Visita guiada a um grupo à exposição "BPMP/150 anos" feita pelo Dr. Luís Cabral e a Dra. Maria Olívia Almeida. 1984	Caixa n.º 8

** Possível correspondência ou correspondência parcial de acordo com o assunto.

3.3. Tipologias e Temáticas fotográficas

O trabalho fotográfico desenvolvido por Valente é indissociável da sua condição de funcionário da BPMP. É importante a perceção da envolvência não apenas do espaço físico, mas também do contexto no qual estava inserido, o que levou a que as suas imagens retratassem mais do que registos da materialidade visual. As imagens estão imbuídas, em várias temáticas, de uma forte carga simbólica derivada do intimismo desenvolvido enquanto "*habitante do espaço*" da Biblioteca.

A sua prática e produção fotográfica resultou de várias razões, pelo que a organização seguidamente apresentada procura ser o resultado de um ato de crítica e curadoria e não da disposição original do autor. Trabalha-se, a partir da perceção global da prática fotográfica e das intenções do autor, o acervo e a subsequente materialidade visual com o objetivo de ampliar o entendimento e as leituras que fazemos das imagens. Estas são amplamente valorizadas com a exploração de leituras críticas que podemos fazer da obra do autor, pois o valor atribuído não se deve unicamente à materialidade representada. O acervo serve, assim, de sustentação à análise crítica e à interpretação de cada imagem.

Os registos de Valente são reveladores de um fotógrafo multifacetado nas temáticas. As abordagens, temáticas e concetuais, permitem um maior conhecimento e valorização do acervo de Valente. Ana Carvalho revela na sua entrevista que a obra do pai está longe de se cingir ao acervo encontrado. Também por esta razão, recusa-se a linearidade cronológica, pois a leitura resultante estaria incompleta.

Seguidamente apresenta-se uma organização focada em seis tipologias essenciais e que expõem e cobrem grande parte da ação fotográfica de Valente na BPMP e na C.M.P. A imagem que anteriormente era vista apenas como um registo

documental administrativo ganha um novo fôlego com especial atenção à metamorfose arquitetónica da BPMP.

A memória institucional e o Protocolo

Valente contribuiu com as suas fotografias para a construção da memória institucional legitimando o poder e as ações associadas ao poder local. Neste caso congregam-se as tipologias fotográficas associadas aos eventos oficiais e ao Protocolo da C.M.P. que Valente cobria em função do seu dever institucional enquanto funcionário.

Estas tipologias funcionam como um elemento visual que documenta e representa a BPMP e a C.M.P. formalmente e oficialmente enquanto uma entidade viva no seio da política e cultura da cidade do Porto, tendo muitas vezes como "Casa-Mãe" a BPMP como podemos observar na Fig. 29.

Comemorações e festividades

De entre as temáticas identificadas no acervo, é possível verificar a agregação de rituais sociais associados ao espaço da Biblioteca. Aqui demonstram-se as festividades e comemorações associadas à vida social que existia na BPMP. As fotografias mais do que documentam: mostram-nos a condição de priveligiado de Valente como um fotógrafo que conhece e demonstra a intimidade da instituição. Há uma proximidade do espaço e inclusive dos intervenientes que nela atuam. As imagens demonstram o "calor" humano. Ver Fig. 30, 31, 34 e 35. A imagem não é encenada, é puramente captada: gestos e expressões pouco protocolares são provavelmente reflexo da familiaridade que sentia com os demais funcionários e da sua ligação ao espaço.

Vistas de Exposição

As últimas décadas do séc. XX na BPMP foram pautadas por uma forte atividade expositiva e patrimonial. O objetivo de documentar os acontecimentos sociais no seio da cultura originou registos importantes que nos permitem aos dias de hoje, inferir a forma como as exposições eram pensadas.

As vistas de exposição de Valente não tinham como objetivo elevar a obra de arte no contexto museológico, mas ao ser chamado para fotografar as exposições e consequentes inaugurações, acabou por registar de forma sistemática e com pragmatismo a museografia da época. As imagens funcionam como registos documentais e servem de apoio ao inventário. As vistas de exposição são registos que nos permitem reconstruir a prática curatorial da instituição no passado e a forma como disponibilizavam as suas coleções e acervos ao público, especialmente nas décadas de 80 e 90 do séc. XX e na primeira década do séc. XXI. Ver Fig. 36 a 40.

Reproduções Bibliográficas

Originárias das funções primordiais de Valente, torna-se necessário evidenciar o trabalho alocado às reproduções que realizava. Estes registos eram efetuados a partir de pedidos da direção, dos leitores e investigadores e também no seguimento de pedidos para catálogos e exposições. Nas Fig. 41 a 45 podemos ver algumas das publicações editoriais institucionais para as quais executou reproduções bibliográficas e fotografias, sendo referenciado como fotógrafo.

As reproduções bibliográficas acabariam por ir ao encontro da conservação preventiva, uma vez que permitiam o acesso à informação sem "sacrificar" o original. A partir da desmaterialização do documento, inúmeros leitores e investigadores poderiam aceder à informação sem haver a necessidade de recorrer repetidamente ao original, atuando ativamente contra a degradação proveniente do manuseamento excessivo.

Obras da BPMP

A temática afeta às obras infraestruturais da BPMP documenta a metamorfose do edifício da Biblioteca ao longo das várias campanhas de reabilitação infraestrutural do espaço nas décadas de 1970 e 1980.

Valente realizou autonomamente vastos registos das várias fases das obras para além dos registos pedidos pelas Direções da Biblioteca. Durante esta investigação não foi possível a descoberta de documentação que ateste e permita identificar quais imagens resultam dos pedidos das Direções e quais terão realizados proactivamente. Nas Fig. 46 a 53, 60, 62, e 63 podemos verificar imagens que demonstram o edifício esventrado e o caos vivo da Biblioteca, que se manteve aberto ao público durante o processo. Esta dimensão [do caos] das infraestruturas e arquitetura documenta as demolições, o edifício "esventrado" e a agrestia da instituição, visualmente demarcada por uma aparente incivilidade e expropriada de cortesia.

Estas imagens contrapõem a perceção de "cápsula protetora" que alguns dos funcionários inquiridos asseveram ter da Biblioteca nas suas respostas ao inquérito.

A leitura que fazemos destas imagens não é a mesma que se fez aquando da sua produção. Hoje, olhamos e perscrutamos o seu significado com outros filtros que nos fazem indagar a conceção e produção do autor.

A passagem do tempo é um fator indissociável para compreendermos as múltiplas dimensões que se podem atribuir a estas imagens.

Valente regista a "monumentalidade do caos" através das imagens das obras da BPMP. As imagens poderão constituir um *Lieux de Mémoire* segundo Pierre

Nora, (Nora, 1989). Apesar desta atribuição não ser automática e carecer de fundamentação, entende-se que o propósito que esteve na génese do surgimento das imagens assim como o tempo e apropriação afetiva poderão servir de mote à sustentação do *Lieux de Mémoire.* É precisamente após o valor utilitário da imagem se esgotar que, juntamente com a passagem do tempo, surge a dimensão simbólica da imagem. Os atuais trabalhadores que veem as imagens de Valente para lá de um registo de obras. Veem-nas como um alicerce à construção da memória, com propósito funcional e simbolismo, materializados nas fotografias.

As imagens de Valente acabam por se tornar elementos materializados fundamentais e que permitem a construção e escrita da memória institucional de acordo com Ricoeur (Ricoeur, 2006).

Valente reflete sobre a intimidade institucional através das inúmeras imagens que realizou, especialmente no que respeita à Biblioteca. À semelhança do trabalho da socióloga Lynn Jamieson (Jamieson, 1998) e do historiador Theodore Zeldin (Zeldin, 2014), que exploram a intimidade através da exposição das vulnerabilidades, Valente fá-lo através da fotografia íntima visceral dos recantos da BPMP, expondo de forma crua a sua metamorfose.

A dimensão humana evidencia o trabalho braçal dos trabalhadores da construção e dos funcionários que garantiam a abertura e permanência da Biblioteca durante as obras, mostrando a resiliência da Biblioteca na sua missão. Encontramos exemplos visuais desta dimensão nas Fig. 60, e 65 a 68. Também as imagens de trabalhadores, de "*cabouqueiro",* como Jorge Costa refere na sua entrevista (Costa, 2025), refletem essa mesma intimidade. Ver Fig. 60 e 65 a 68.

Importa salientar três dimensões que se encontram muito bem demarcadas na temática das obras da BPMP: a dimensão do caos das infraestruturas e arquitetura, a dimensão humana ligada ao contexto laboral e por último, a dimensão da metamorfose do edifício que demonstra a convivência da Biblioteca com o estaleiro de obras numa clara antítese organizacional. As Fig. 30, 58, 59 e 61 mostram esta dualidade de forma crua.

Estas três dimensões aqui exploradas estruturam a temática das obras infraestruturais na BPMP e os registos efetuados por Valente no espaço, servindo de alicerce à construção da memória, possibilitando ainda a reconstrução visual da instituição. Daqui se infere a sua importância enquanto Património Documental. O valor destas imagens reside na possibilidade da relembrança e da memória. Os registos de Valente são documentos únicos na sua génese que documentam, através de um olhar privilegiado, uma época e práticas realizadas que fazem parte da formação da instituição no final do séc. XX. Apesar da sua produção surgir a partir da necessidade administrativa de registo, tendo por isso uma base essencialmente utilitária servindo de prova visual, são hoje fundamentais para a construção da memória da Biblioteca.

Outros registos

A proatividade de Valente é evidenciada através das imagens que abarcam as temáticas relacionadas com a natureza e os animais. É por entre estas temáticas que se liberta por completo do compromisso da fotografia institucional, direcionando a sua prática para a ambivalência estética da imagem. Neste subcapítulo evidencia-se a existência de imagens sem dependência de um fio condutor, resultantes do mero gosto e prazer do autor em registar o mundo à volta da biblioteca através do seu olhar.

A interrupção dos estudos e a sensibilidade com que via o mundo desde pequeno potencializavam o modo como fotografava. Nas Fig. 69 a 72 podemos ver algumas destas imagens, sendo também possível verificar a procura por texturas, relevos e materiais. Estas imagens são o culminar de uma ação que se desvia por completo da sua função enquanto fotógrafo no seio da Biblioteca.



Figura 27 - Visita do Presidente Dr. Mário Soares à BPMP acompanhado pelo Diretor da BPMP, Luís Cabral. Autoria atribuída a Valente. Porto, Cerca de 1990.



Figura 28 - Missa no espaço da Capela (De Profundis). 9 de julho de 1983. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1983.



Figura 29 - O poeta Eugénio de Andrade e o Dr. Luís Cabral, Diretor da BPMP na exposição "O Ultimatum" e 31 de Janeiro". Autoria atribuída a Valente. BPMP, janeiro de 1991.



Figura 30 - (Frente) Jardim de Infância na Feira do Livro de 1972. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1972.

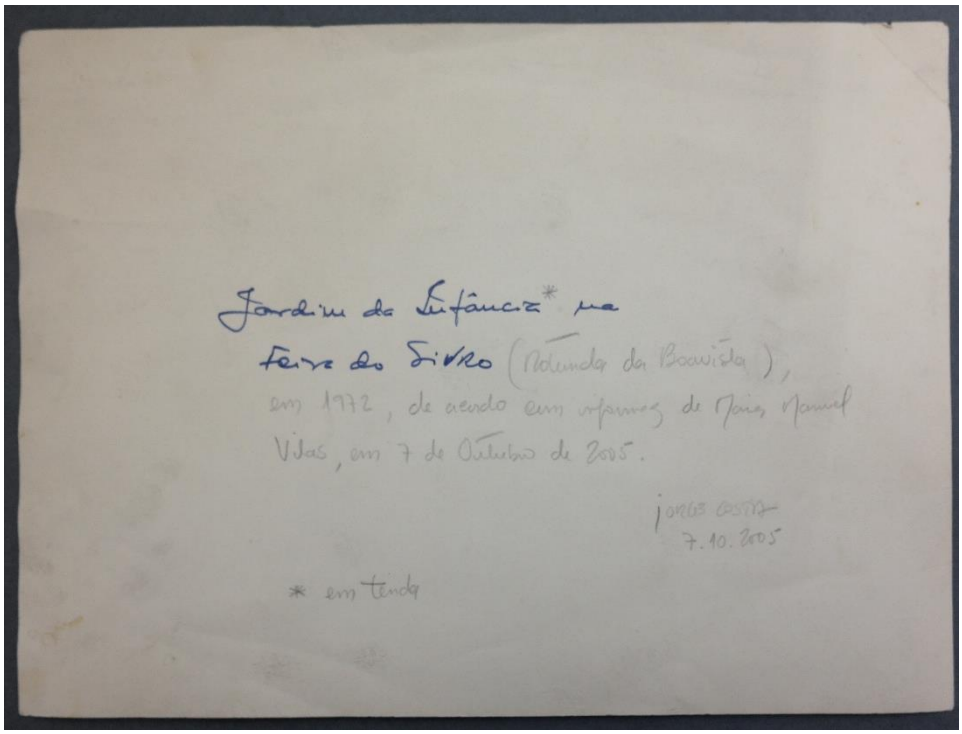


Figura 31 - (Verso). Apontamentos manuscritos sobre a origem da imagem. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1972.



Figura 32 - Festa de despedida. Da esquerda para a direita: Luís Cabral, funcionária não identificada e Fernanda de Brito. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1990.



Figura 33 - Convívio. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 1990.



Figura 34 - "O Ultimatum e 31 de janeiro", janeiro de 1991. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Janeiro 1991.



Figura 35 - Exposição "Almada Negreiros", 1994. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1994.



Figura 36 - Exposição no Claustro da BPMP V centenário do nascimento do Infante D. Henrique, 1994. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1994.



Figura 37 - Exposição no Mercado Ferreira Borges sobre a BPMP fevereiro de 1984. Autoria atribuída a Valente. Porto, 1984.



Figura 38 - Exposição "Memórias de Camilo", 1990. Autoria atribuída a Valente. BPMP, 1990.

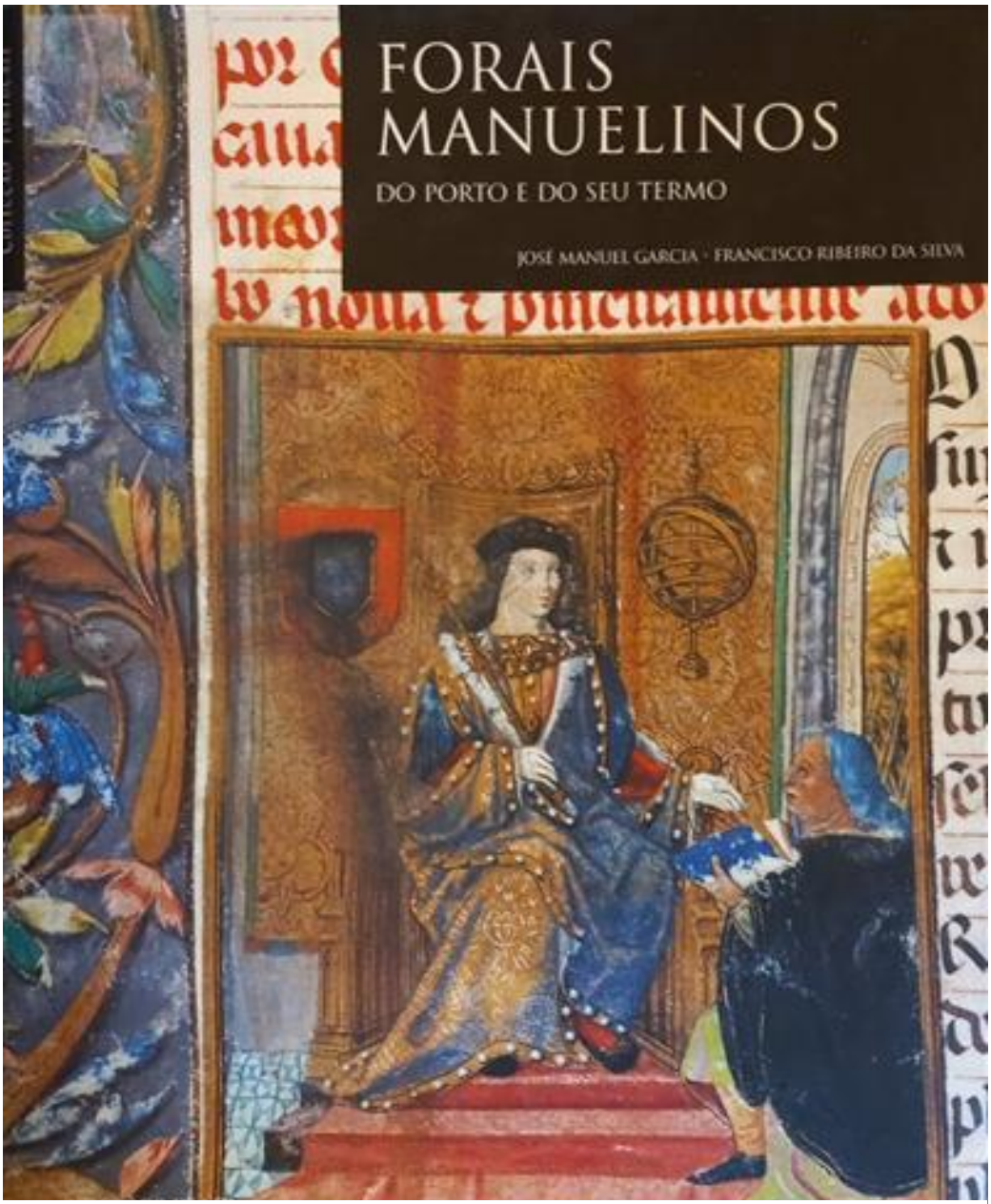


Figura 39 - Publicação Forais manuelinos do Porto e do seu termo. José Manuel Garcia [e] Francisco Ribeiro da Silva; fotografia de Emanuel Santos de Almeida [e] António Carvalho Valente.

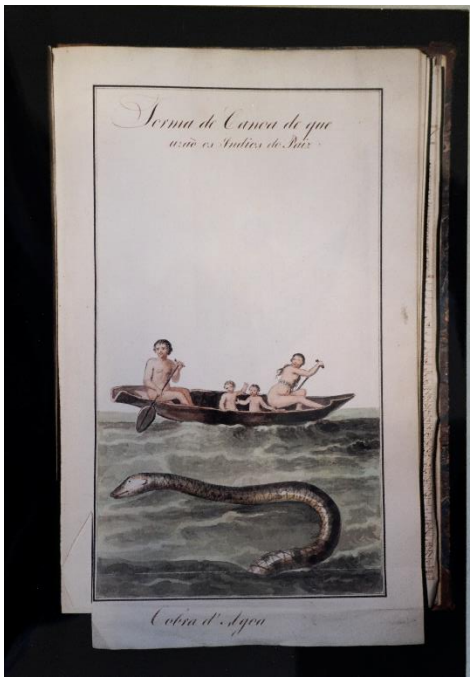


Figura 40 - Reprodução fotográfica de volume ilustrado a aguarelas.



Figura 41 - Reprodução fotográfica da representação geocêntrica do sistema solar. Santa Cruz 87 (BPMP 619), f. 56 v.

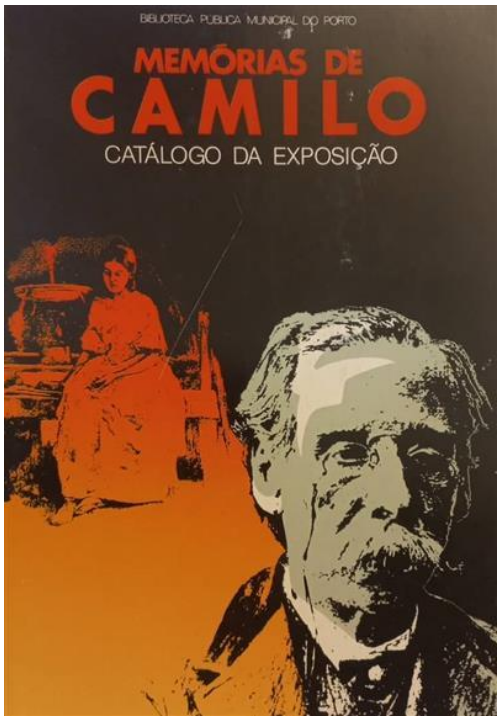


Figura 42 - Publicação Memórias de Camilo: catálogo da exposição / Maria Elisa Cerveira, Maria Adelaide Meireles; capa e direção gráfica Henrique Vanez; fotografia de António Carvalho (Valente).



Figura 43 - Publicação O Palacete dos Viscondes de Balsemão / texto Luís Cabral; fotografia de António Carvalho Valente.



Figura 44 - Acesso no 2˚ piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 45 - Vistas dos 1˚, 2˚ e 3˚ pisos. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 46 - Vista de obra e trabalhador. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 47 - Levantamento do piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 48 - Pormenor de demolição. 3º Piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 49 - Equipas em trabalhos de demolição. 3º Piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 50 - Trabalhos na fonte do Claustro. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 51 - Espaço exterior do terreiro. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1980.



Figura 52 - Janelão do depósito Barata-Feyo. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 53 - Patamar de acesso às salas de leitura. Vista para as traseiras da Contrastaria. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 54 - Estacamentos de suporte. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 55 - Pormenor da armação do telhado, 3º piso, com negativo anexado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.

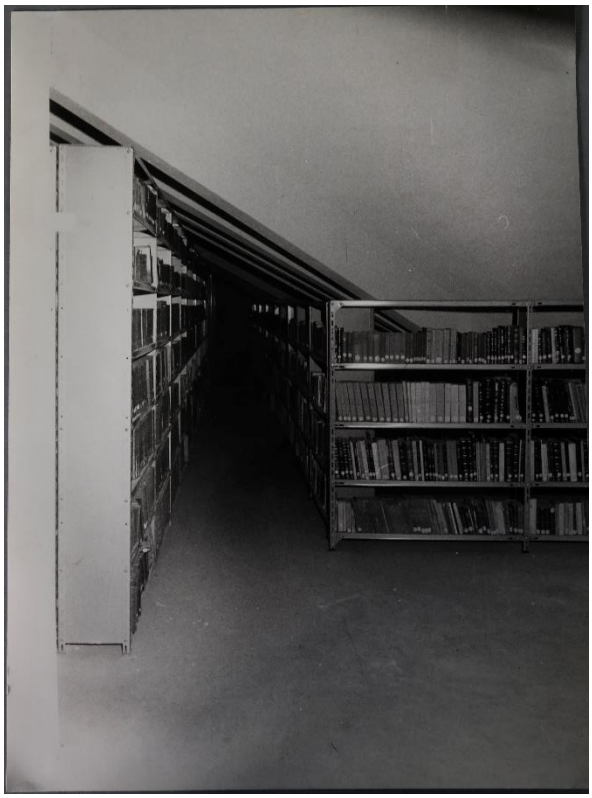


Figura 56 - Pormenor da estanteria no 3˚ piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.

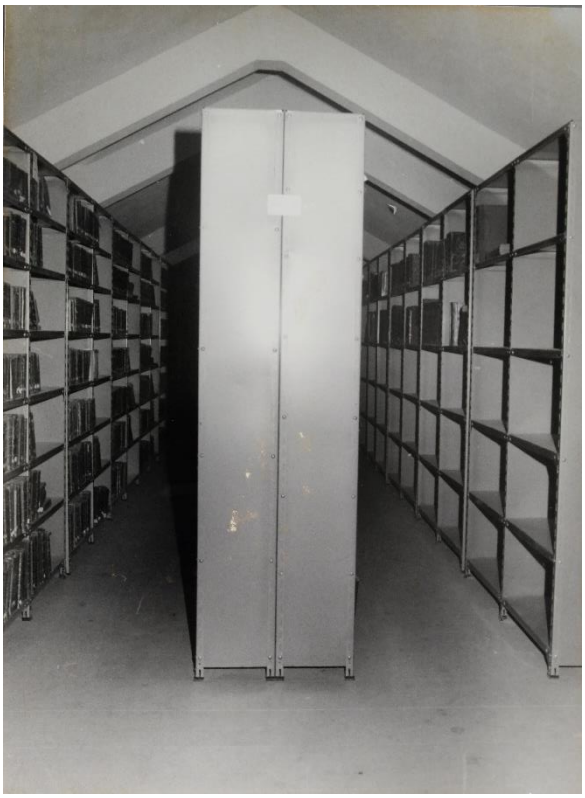


Figura 57 - Pormenor da estanteria no 3˚ piso. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 58 - Pormenor das aberturas nos telhados. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 59 - Claustros entaipados. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 60 - Pormenor da degradação da cobertura. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.

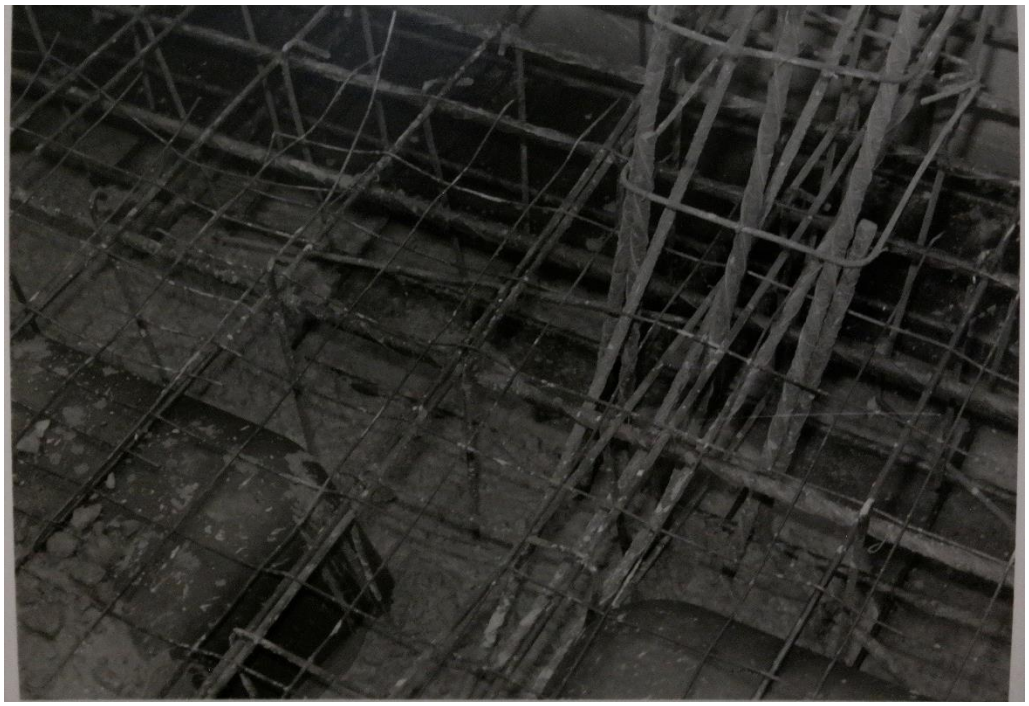


Figura 61 - Pormenor de cofragem e armação de ferro. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.

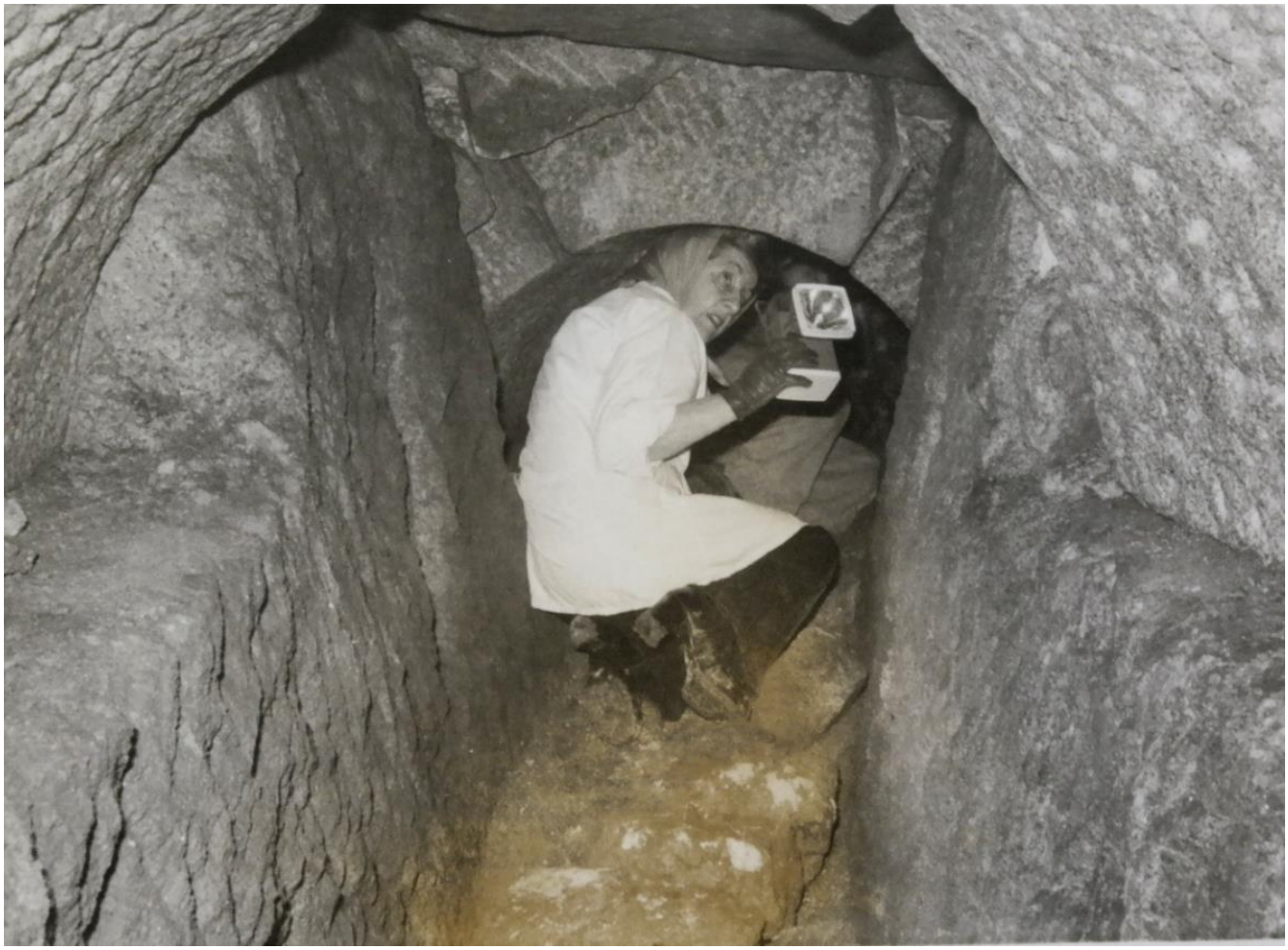


Figura 62 - Fernanda de Brito, Diretora da BPMP. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 63 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 64 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 65 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 66 - Trabalhador não identificado. Autoria atribuída a Valente. BPMP. Cerca de 1970-1980.



Figura 67 - Avenida de árvores. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 2000.



Figura 68 - Pormenor de tronco de árvore. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 2000.

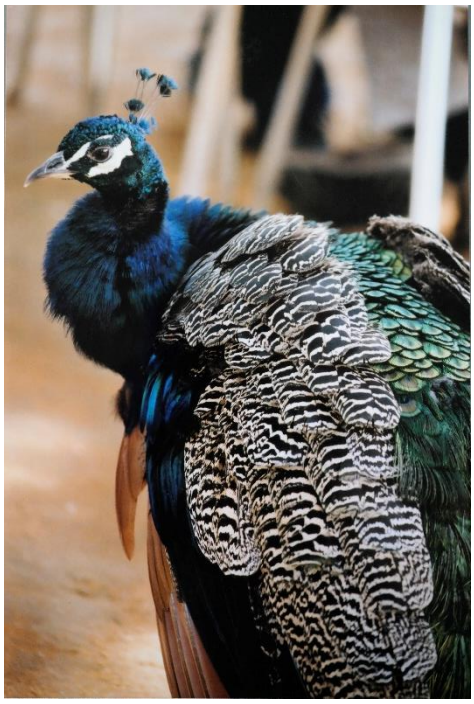


Figura 70 - Pavão junto à cafetaria da B.M.A.G. Autoria atribuída a Valente. Jardins do Palácio de Cristal. Cerca de 2000.



Figura 69 - Pormenor de bueiro. Autoria atribuída a Valente. Porto. Cerca de 2000.

3.4. Apoio à documentação e caracterização do acervo

O Olhar sobre a Memória da BPMP – Inquérito

Com o objetivo de obter testemunhos individuais e perceber de que forma as imagens de Valente têm a capacidade de contribuir para a construção da memória institucional coletiva tornou-se imperativa a realização de um inquérito, enviado através do *email* institucional das BMP e disponibilizado na plataforma *Google Forms* a cerca de 100 funcionários das Bibliotecas Municipais do Porto[13]. Foram obtidas e consideradas 45 respostas válidas e voluntárias, que podem ser consultadas na íntegra no Anexo B.

A formulação do inquérito teve por base quantificar e analisar o conhecimento, perceção e reação emocional às imagens de Valente e à sua pessoa enquanto funcionário, contendo seis imagens acompanhadas de nove questões de escolha múltipla e de resposta livre.

[13] O inquérito foi enviado a todo o universo da Divisão Municipal de Bibliotecas, englobando os funcionários da Biblioteca Pública Municipal do Porto e da Biblioteca Municipal Almeida Garrett.

A recolha de dados não visou a identificação dos inquiridos no cumprimento do princípio da minimização[14] do artigo 5.º do R.G.P.D. uma vez que esse dado não foi considerado pertinente para a presente investigação. Desta forma apenas foram recolhidos dados essenciais referentes aos funcionários como a longevidade de desempenho de funções na BPMP e se conheceram Valente, correspondendo às duas primeiras questões: *"Há quanto tempo trabalha na BPMP?"* e *"Conheceu pessoalmente o funcionário António Carvalho (Valente)?".*

Os resultados demonstraram uma memória viva reveladora de uma instituição com raízes profundas. Das 45 respostas obtidas, verificou-se que cerca de 33,3% dos inquiridos trabalham na BPMP há mais de 30 anos. Destes, 96% admitem ter conhecido Valente. Estes funcionários garantem, para efeitos da investigação sobre o trabalho de Valente na BPMP, a perspetiva histórica e intimista da instituição e do seu funcionamento.

Da amostra global, 40% admitiram tê-lo conhecido pessoalmente, 40% nunca o ter conhecido e 20% nunca o conheceram, mas ouviram falar dele, como podemos observar no Gráfico 2. Este último grupo assevera a importância do acervo de Valente, cujo impacto chegou aos funcionários que mesmo não o tendo conhecido reconhecem o seu trabalho a partir da vinculação oral dentro da instituição.

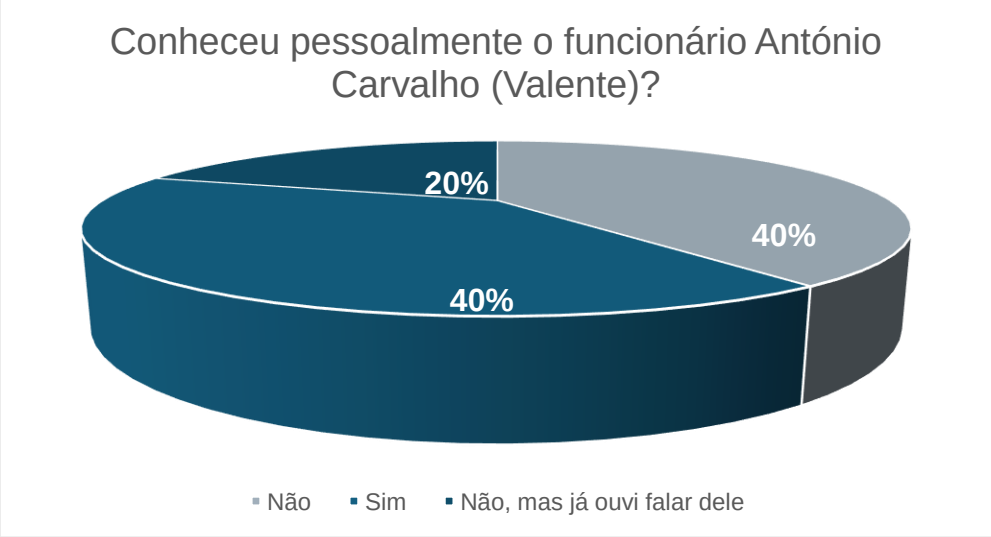


Gráfico 2 - Respostas à questão "Conheceu pessoalmente o funcionário António Carvalho (Valente)?"

Também se constata, com ineditismo, que 57.7% dos inquiridos nunca viram as imagens apresentadas. Este dado reforça a necessidade e premência de

[14] O Lexionário do Diário da República (Princípio da minimização (tratamento de dados pessoais), n.d.) define o princípio da minimização como a adequação e pertinência assim como a limitação dos dados recolhidos e tratados de acordo com a finalidade.

valorização, disponibilização e exposição pública do acervo de Valente. Ver Gráfico 3.

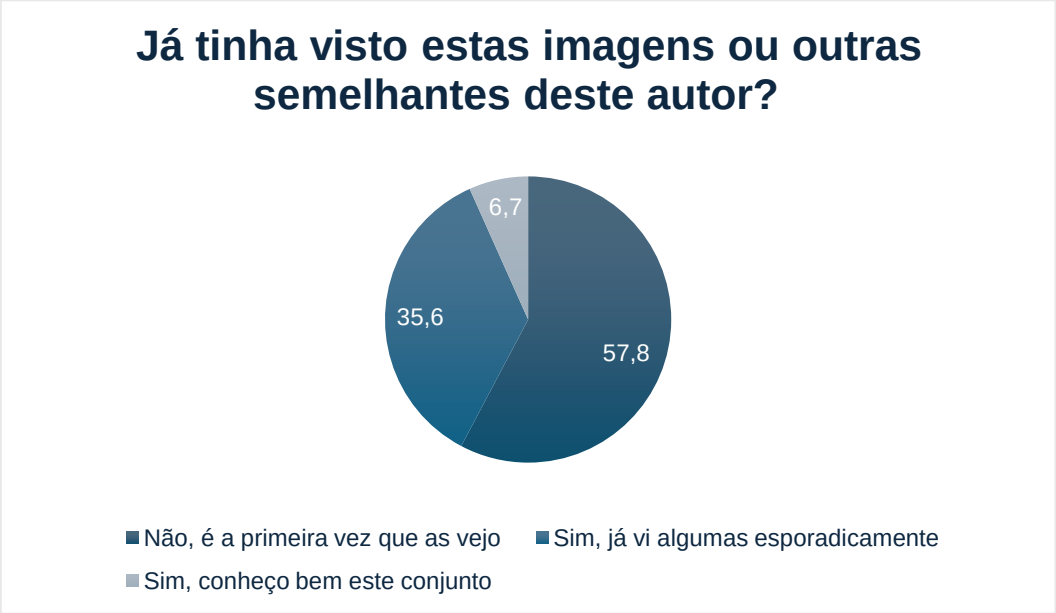


Gráfico 3 - Respostas à questão "Já tinha visto estas imagens ou outras semelhantes deste autor? "

As imagens de Valente foram realizadas, à época, com a função de documentar eventos, especialmente, as obras da BPMP. O objetivo de documentar era realizado com o intuito administrativo e um forte valor documental. Atualmente, à questão "*Ao observar estas imagens, qual diria ser a sua função principal?"* 88.9% dos inquiridos identificam, de entre várias hipóteses[15] como função principal, *"Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico*)" e apenas 31.1% identificaram cumulativamente a opção *"Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo)".* Dos 45 inquiridos, somente 1 identificou a opção *"Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo)"* como exclusiva. Esta amostra é indicativa do reconhecimento da importância das imagens de Valente e do seu valor enquanto Património Documental.

Não obstante a atribuição de valores Documentais e Patrimoniais, 37.7% dos inquiridos associa valor artístico às imagens e 6.6% atribuem-no de forma exclusiva. Considera-se que o tempo que passou desde a sua produção foi catalisador para que as imagens ganhassem novas leituras. Sontag defende isto mesmo, que o

[15] À questão "*Ao observar estas imagens, qual diria ser a sua função principal?"*, os inquiridos podiam escolher uma ou várias opções, entre as quais: *"Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo)", "Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística)", "Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)", "Comprovar falhas ou problemas na construção (Prova Técnica)".*

“Tempo eventualmente posiciona a maioria das fotografias, até as mais amadoras, ao nível da arte.” (Sontag, 2005, tradução livre)

As perceções que fazemos das imagens, que podem ser alvo da subjetividade, são frequentemente alicerçadas no condicionamento de acordo com a natureza orgânica da instituição onde se encontram. Em *The Museum’s Old / The Library’s New Subject*, Crimp discute a relação da fotografia no contexto de Biblioteca e Museu, e como as instituições tendencialmente categorizam a imagem de acordo com a missão da instituição, argumentando que no contexto da Biblioteca a fotografia é tratada como um documento e inserida num sistema de arquivo privilegiando o valor utilitário da imagem, por outro lado, o Museu retira a fotografia do seu contexto original e transforma-a num objeto estético (Crimp, 1989).

No entanto, a categorização realizada pelas instituições não deve ser interpretada como algo dicotómico e irreversível. Sontag defende que a imagem é autónoma e tem capacidade de adquirir novos significados perante o contexto em que se encontra (Sontag, 2005). Assim, defende que os significados dependem dos usos e contextos em que está inserida, e como podem ser redefinidos e recontextualizados.

Ao pensarmos no acervo de Valente segundo as argumentações de Crimp e Sontag conclui-se que as imagens têm valor documental e, com o passar do tempo, através dos olhares de outras gerações de funcionários as imagens ganharam uma nova valorização como Património Documental.

A associação que os inquiridos fazem, atribuindo às imagens valores diferentes daqueles que estiveram na génese da sua produção, rejeitando reiteradamente que a leitura [das imagens] é feita unicamente do ponto de vista administrativo, sustenta o argumento de que a época, experiências de vida e conhecimento suportam novas leituras e consequentemente novas inferências, evidenciando a subjetividade da leitura e do valor inicialmente atribuído.

Sontag defende que a fotografia não se explica por si só, existindo como um convite à especulação (Sontag, 2005). Este argumento ajuda a explicar as diferentes leituras das imagens de Valente. O que antes era apenas visto como um registo de obra, hoje é reconfigurado através das leituras e das perceções dos inquiridos como algo digno de contemplação e visto como Património.

Os resultados obtidos demonstram que a sua análise e interpretação não está isolada da carga emocional, especialmente expectável no contexto atual de esvaziamento da Biblioteca. 73.3% dos funcionários quando questionados sobre se “As imagens provocam uma reação emocional (nostalgia, surpresa, curiosidade)” respondeu concordar totalmente, descrevendo sentimentos como nostalgia, saudade, surpresa, curiosidade, orgulho, alegria e paixão. 20% concorda parcialmente, referindo os mesmos sentimentos e apenas 6.6% não concorda nem discorda, referindo sentimentos de espanto e tristeza.

Pretendeu-se perceber se os inquiridos estabeleciam correlação entre o seu estatuto de funcionários da Biblioteca e aquilo que sentiam ao verem as imagens. Das 45 respostas obtidas, 81.8% refere que o facto de trabalhar na BPMP altera a forma como vê as imagens e 6.8% admite essa possibilidade sem, no entanto, o afirmar. Por outro lado, 11.3% refere que o estatuto de funcionário não tem implicação na forma como vê as imagens. Estes dados ajudam-nos a compreender a relação que os funcionários estabelecem com o espaço, tornando evidente o desenvolvimento de uma certa intimidade com a Biblioteca resultando, possivelmente, na alteração de perceções e na forma como as imagens são consumidas. Prova disso são as respostas dadas à pergunta *"O que vê nestas fotos que alguém de fora provavelmente não veria? ".* Alguém descreve a Biblioteca *"(…) como uma cápsula protetora de livros. E sendo assim, as fotografias procuram transmitir algo da memória dessa cápsula (…)".* Há todo um conjunto de sentimentos que elaboram as relações dos funcionários com o espaço e com a missão da instituição.

Os inquiridos referem que a visualização das imagens apresentadas (juntamente com o facto de trabalharem na Biblioteca) lhes confere um sentimento de "pertença", de *"reconhecimento e lembrança do próprio olhar do fotógrafo",* talvez porque a intimidade que se gera entre o funcionário e o espaço é vertido nas imagens de Valente através desse sentimento de pertença pelo próprio e da intimidade com o espaço. Por outro lado, o grupo de inquiridos com menos de 5 anos de trabalho na BPMP, mencionou sentimentos como a nostalgia e saudade, definidos como *"sentimento de melancolia provocado pela lembrança de alegrias passadas"* (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha] 2026) e *"sentimento de mágoa, nostalgia e incompletude, causado pela ausência, desaparecimento, distância ou privação de pessoas, épocas, lugares ou coisas a que se esteve afetiva e ditosamente ligado e que se desejaria voltar a ter presentes."* (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha] 2026), respetivamente.

Assumindo a autora desta dissertação a dupla função de investigadora e funcionária da BPMP, evidencia-se que as imagens de Valente são o ponto de partida para a construção da memória num percurso orgânico e partilhado entre várias pessoas. O espaço é composto por uma familiaridade comum a muitos e naturalmente tem um valor emocional a quem o experiencia consequentemente dia após dia. É o nosso "olhar de dentro" que vemos representado nas imagens de Valente, e como tal uma aparente simples imagem torna-se numa declaração emocionada da nossa existência laboral e ligação ao espaço.

Valente expõe os bastidores da Biblioteca, através dos lugares que apesar de silenciosos se tornam vozes presentes e materializam as vivências e acontecimentos do quotidiano dos funcionários. Esta carga emocional, sentida na primeira pessoa e claramente declarada pelos demais funcionários nas suas respostas aos inquéritos, pode ser teoricamente fundamentada através do capítulo 10 de *Camera Lucida* onde Barthes se refere aos conceitos de *studium* e de

punctum. Em relação ao primeiro, diz-nos que trata racionalmente a significação política, histórica ou cultural na fotografia culminando numa leitura racional da imagem; o segundo, mais intimista, subjetivo e emocional retrata o inesperado, o peculiar, um pormenor que corta e perfura o espetador (Barthes, 1981). Ao pensarmos nos conceitos de Barthes em relação às respostas obtidas é possível observar esta dualidade. O *studium* representa a imagem racional, institucional onde o significado é interpretado de forma semelhante por muitos, mas ao mesmo tempo existe o *punctum,* onde cada funcionário é "ferido" de acordo com a relação que tem com o espaço, cimentando a reação emocional que os funcionários têm com as imagens.

Ao aplicarmos estes princípios na visualização das imagens, como por exemplo naquelas que retratam o edifício esventrado – Fig. 47 – torna-se evidente o *punctum*. Este, irrompe da imagem e prende o olhar pela ausência do chão e magnificência das paredes. Na fig. 52 vê-se retratado o espaço do claustro, cujas orientações habitualmente se regem pela rigidez e racionalidade, completamente despojado da ordem, reinando o caos através do reparcelamento da pedra.

Apesar de muitas destas imagens despoletarem uma reação emocional, que por vezes tarda a ser compreendida, será talvez a Fig. 54 que melhor enfatiza o *punctum* para esta autora. Provavelmente fruto da profissão exercida como conservadora-restauradora na BPMP, na qual integra a equipa técnica das Bibliotecas Municipais do Porto e onde desenvolve a atividade profissional como responsável nas áreas de conservação preventiva, restauro e apoio à museografia com um percurso profissional fortemente ligado à prática expositiva em contextos museológicos de elevado valor patrimonial. Será certamente a dualidade entre a atualidade onde os esforços exercidos com vista à preservação de acervos documentais e bibliográficos se cruzam com a rudeza do olhar ao observar os livros expostos em amontoados num espaço que em tudo se assemelha ao esquecimento e atos irrefletidos. É aqui que se sente o *punctum* a irromper e a materializar o que na verdade não é aceite, a criar feridas inexistentes aos olhos na atualidade, mas que agora sabe-se terem existido.

As emoções retratadas pelos vários funcionários ratificam o valor emocional e atestam que as imagens de Valente são compostas por mais do que simples informação técnica. Este valor emocional é também ele responsável pela materialização da intimidade vivida e partilhada por Valente na Biblioteca.

A história da Biblioteca é, indubitavelmente, partilhada por várias pessoas ao longo do tempo. A perceção da evolução da essência da instituição, que detém valores de beleza e realça a nostalgia é algo referido por vários funcionários. Alguns dos inquiridos referem que ao visualizarem as imagens existe a perceção de diferenças nas metodologias de trabalho das equipas dos serviços, na evolução dos espaços de *back office* e das tecnologias no tratamento documental.

Os funcionários continuam a ver a BPMP como uma "guardiã" - conceção efetivamente partilhada por muitos dos leitores – e como um espaço evocativo da

“amizade entre os colegas de trabalho” e de um contexto de “família”. Através das palavras dos inquiridos há lugar à validação da carga afetiva na leitura das imagens e percebe-se a existência do ónus emocional na forma como os funcionários percecionam as imagens de Valente. É um olhar de dentro, transponível para o exterior através das imagens que retratam sentimentos mútuos e partilhados.

A análise das respostas obtidas permite concluir que Valente continua “vivo” na instituição e que as suas imagens são percecionadas como catalisadoras no que respeita à construção da identidade e da memória da BPMP.

Entrevistas

Com vista à compreensão e estudo da obra de Valente tornou-se necessário aprofundar o conhecimento sobre a época e as razões que levaram ao seu trabalho. As imagens que à época eram consideradas meros documentos de arquivo, muito em parte devido à génese da sua conceção, torna-se por si só isenta de intenções e dinâmicas sociais que apesar de estarem presentes não se encontram evidenciadas e devidamente valorizadas.

Com o objetivo de elevar os valores intrínsecos e extrínsecos das imagens de Valente, houve a necessidade de suportar o estudo curatorial do acervo a partir de várias fontes, nomeadamente através da história oral. O objetivo era resgatar memórias e vivências de valor acrescentado para o estudo do acervo e a sua valorização. Esta metodologia foi conduzida através de entrevistas a vários colegas que conviveram com o autor, e à filha de Valente. Os testemunhos orais foram elementos vitais para a perceção e resgate da memória institucional (pessoal e coletiva) possibilitando reconstruir em certa medida a ambiência em que Valente se encontrava.

A seleção dos entrevistados moldou-se ao objetivo de recolher uma pluralidade de olhares e saberes complementados entre si, evitando a dependência e validação por parte de um único testemunho. As entrevistas encontram-se transcritas no Anexo C.

As entrevistas visaram incidir sobre três pilares: institucional, operacional e íntimo. Era importante resgatar estes conhecimentos para uma correta e completa abordagem ao acervo. Ao nível do pilar institucional, representado por Sílvio Costa, o testemunho é fundamental para atestar o valor patrimonial do acervo na contemporaneidade. Sílvio Costa recusa a premissa de que as imagens são válidas apenas pelo seu valor administrativo, afirmando que *“o valor documental é óbvio”* e que Valente *“tinha veia de artista (…) e era-lhe reconhecido isso”.* As imagens de Valente são hoje percecionadas pelo responsável das Coleções Especiais como *“elementos, (…) importantes para reconstituir algumas das coisas da história da biblioteca e, naturalmente, da história também dos próprios livros”.*

A posição de Sílvio Costa testemunha a importância institucional e a necessidade de valorização e tratamento técnico-documental do acervo proposto na presente investigação salientando *"que podemos sempre tirar mais proveito das coisas, desde logo pelo facto de elas estarem organizadas, de serem de conhecimento, de serem preservadas".*

O testemunho de Jorge Costa explica a *práxis* e quotidiano laboral de Valente na BPMP e as suas declarações atestam a duplicidade de funções de Valente que apesar de funcionário da Microfilmagem era consensualmente reconhecido como *"o fotógrafo da casa".* Jorge Costa foi responsável por várias exposições na BPMP, coincidindo a sua prática com o trabalho de fotografia de Valente. Desta ligação laboral refere a dimensão do "gesto invisível", explicando que Valente fotografara *"muitas peças da Casa Forte (…) exposições, (…) ele tinha sensibilidade para aquilo, e tinha sensibilidade para fotografar esse tipo de material".*

Jorge Costa corrobora a autonomia de Valente descrevendo a *"total liberdade"* que tinha para fotografar em determinados momentos. Isto demonstra que Valente não realizava apenas imagens de uso utilitário, produzindo registos com elevada relevância descrevendo-os como *"uma grande fonte de informação e muito a memória da biblioteca".* Não menos importante, releva-se o papel de Jorge Costa, que por ter reconhecido o valor do acervo, protegeu-o temendo *"que se perdesse"* ou *"que alguém mandasse destruir aquilo porque entendia que era material menor".*

A análise aprofundada do acervo de Valente carece da descodificação da sua intencionalidade enquanto fotógrafo, especialmente no que respeita à duplicidade de valores entre documento e obra. Para este efeito foi recolhido o testemunho de Ana Carvalho, filha do autor. A memória familiar e informações biográficas que prestou assumiram um papel clarificador e abrangente que sustentam a intencionalidade e o propósito estético consciente de Valente em muitas das suas imagens. Os dados referentes ao período enquanto estudante na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, foi fundamental para sustentar a intencionalidade estética do autor que embora fosse assistente técnico na Microfilmagem *"as pessoas viam-no como um artista".*

O depoimento de Ana Carvalho demonstra ainda a intimidade que o autor tinha com a BPMP mencionando que o autor sempre que *"visse alguma coisa que ele achasse interessante, ele tirava* [fotografias]*".*

A elevação do acervo de Valente da sua génese estritamente administrativa para estatuto de património documental e identitário da BPMP, assegura-lhe os valores inerentes enquanto documento intrínseco à construção da memória da BPMP.

A presente investigação contou ainda com a perspetiva da fotógrafa Lucília Monteiro. A escolha desta perspetiva profissional externa recaiu sobre Lucília

Monteiro devido ao trabalho que a própria desenvolve desde 2024 na BPMP documentando a retirada integral do espólio bibliográfico, acontecimento inédito desde a fundação da Biblioteca, e também devido à sua investigação no âmbito dos *"'lugares do corpo': espaços que acumulam tempo, marcas, vivências e presença".* (Monteiro, 2026) A fotógrafa escreve que *"Quando comecei a fotografar a biblioteca, procurei sempre olhar para ela como um lugar de corpo, um espaço vivo, habitado, marcado pelo tempo, pelas presenças e pelas transformações."* (Monteiro, 2026).

Tendo por base as dimensões concetuais do seu trabalho sobre a memória e os espaços, considera-se que o contributo de Lucília Monteiro é uma mais-valia para o estudo e investigação do acervo de Valente. Para o efeito foi pedido a Lucília Monteiro que respondesse a uma entrevista (ver Anexo D) que, por questões relacionadas com a agenda da fotógrafa e de forma a agilizar o processo, foi estruturada através do *Google Forms*. A entrevista visou quatro áreas fulcrais abarcadas na obra de Valente, nomeadamente, a imagem enquanto documento, a construção da imagem, o diálogo entre a obra de Lucília Monteiro e de Valente e a preservação e construção da memória.

Primeiramente, no que respeita às fronteiras entre documento e arte, Lucília foi convidada a refletir sobre a intencionalidade de Valente e a sua obra, procurando-se averiguar se a fotógrafa conhecia a obra de Valente. Quando questionada sobre a intencionalidade das imagens de Valente respondeu resolutamente que *"há uma preocupação com a luz e com o enquadramento"* e que *"existe uma construção visual do espaço".* Lucília destaca ainda que *"O mais interessante em Valente, precisamente porque trabalha com missões de "documentação, é* [que] *a função administrativa não elimina a linguagem fotográfica."* argumentando que *"Mesmo quando alguém é enviado para "registar", continua a escolher onde se coloca, o que inclui, o que exclui, quando dispara e como usa a luz. Essas escolhas já são autoria.".* Termina reconhecendo que as imagens de Valente apresentam *"sinais de uma preocupação com a composição e a construção visual que faz a fotografia operar simultaneamente como documento e como objeto estético."*

Reforçando as respostas às primeiras perguntas da entrevista com a abordagem à intencionalidade do autor, Lucília demonstra que a leitura que faz das imagens se alinha com o conceito de "intimidade institucional", reiterando que as *"imagens, além de visualmente marcantes, captam muito bem o estado de vulnerabilidade do edifício e a dimensão das intervenções arquitetónicas realizadas na BPMP".* Lucília prossegue, reforçando a dualidade da evocação de uma perspetiva materializada nas imagens que transmitem *"simultaneamente a fragilidade e a resiliência do edifício (…)"* sublinhando que *"A crueza deste registo fotográfico aproxima-nos da materialidade da biblioteca, mostrando-a como um organismo vivo, sujeito ao desgaste, à transformação e à renovação".*

A valorização da obra de Valente consagra-se quando Lucília conclui que *"o olhar de Valente ecoa na fotografia contemporânea ao mostrar que fotografar um*

espaço não é apenas registá-lo visualmente, mas interpretá-lo, revelar as suas camadas e pensar a relação entre matéria, memória e experiência".

Por último, Lucília menciona a importância de *"preservar (…) estas imagens*, *porque estes negativos são provas, memórias e testemunhos de uma época. Guardam não apenas aquilo que a Biblioteca foi, mas também as técnicas fotográficas do seu tempo, o negativo, o positivo, os processos de construção da imagem e da memória".* Esta posição alinha-se e reforça a urgência curatorial e de conservação defendida nesta investigação, essencial à construção identitária da instituição: *"Mesmo para quem não viveu essa época, elas criam um sentimento de pertença e continuidade, permitindo construir uma relação afetiva e íntima com a instituição. A salvaguarda destas imagens é essencial para a identidade da Biblioteca no século XXI, porque preservar a memória é também preservar aquilo que dá sentido aos lugares. São imagens que documentam mudanças físicas, mas também mudanças humanas e institucionais."* (Monteiro, 2026)

Lucília Monteiro encerra o seu testemunho mencionando que as imagens de Valente *"representam os 'lugares do corpo': espaços que acumulam tempo, marcas, vivências e presença"* estabelecendo uma correlação direta com a sua obra, assegurando que as imagens *"ajudam a manter essa intimidade institucional viva, permitindo que o passado continue a dialogar com o presente e com o futuro".*

Capítulo 4. Valorização e divulgação do acervo fotográfico

4.1. Proposta de incorporação e valorização

De forma a fundamentar a presente proposta de incorporação e valorização da obra de Valente, é imperativo esclarecer vários conceitos, nomeadamente, o conceito de arquivo, coleção e acervo. Diferentes entre si, são aplicados de acordo com a natureza dos objetos ou documentos e pré-definem as ações de salvaguarda e tratamento técnico-documental.

O conceito de *Arquivo* é definido pelo Arquivo de Ciência e Tecnologia da Fundação para a Ciência e a Tecnologia como um *"Conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação."* (Tecnologia, 2018). No caso de Valente, podemos referir-nos ao seu trabalho como um arquivo graças à sua génese orgânica, sendo o mesmo caracterizado por um conjunto de variadas tipologias que foram produzidas e consequentemente acumuladas no exercício das suas funções na BPMP enquanto funcionário. Este conceito é revestido de valor essencialmente administrativo.

O *acervo*, definido pela Secretaria da Economia e Transição Digital consiste no *"Conjunto dos documentos sob custódia de um arquivo, biblioteca ou outra*

entidade. Possibilidade de aceder à informação veiculada pelos documentos." (Portuguesa) A aplicação deste conceito apresenta-se de forma mais abrangente e generalista, designando globalmente os bens de Valente sob a proteção da BPMP.

Por último, o conceito de *coleção*, descrito no ponto 1. pela Secretaria da Economia e Transição Digital como um *"Conjunto de documentos de arquivo reunidos artificialmente em função de qualquer característica comum, nomeadamente o modo de aquisição, o assunto, o suporte, a tipologia documental ou o colecionador."* (Portuguesa) serve de base para a proposta infra apresentada de valorização do acervo de Valente. No contexto da BPMP a disposição dos seus fundos em coleções faz parte da organização interna. Neste sentido, o acervo sob a égide de premissas associadas à criação de uma coleção - neste caso particular, referente à identidade e história da BPMP - transcende a função original de valor administrativo, ganhando uma nova narrativa sobre a memória institucional tornando-se um testemunho histórico e patrimonial.

Com vista à valorização do acervo fotográfico de Valente, propõe-se a integração numa Coleção Especial[16] dedicada à identidade e história da Biblioteca Pública Municipal do Porto. A Coleção deverá reunir documentos e objetos relacionados diretamente com a Biblioteca e a sua orgânica de funcionamento, integrando por exemplo as fichas de antigos cacifos, cartazes de eventos culturais e exposições, Livros de Registo de Leitores, sinaléticas de temáticas, fichas de sala, fotografias e equipamentos técnicos.

A razão pela qual se dá preferência à incorporação do acervo de Valente numa coleção dedicada à identidade e história da Biblioteca em detrimento da criação de um Fundo documental inserido numa unidade arquivística autónoma deve-se ao facto da potencial desagregação do seu contexto material e laboral. O valor documental das imagens de Valente é potenciado pela capacidade de articulação e diálogo com outros objetos da instituição. Esta simbiose entre as imagens e os objetos, como os cartazes, sinaléticas, fichas de salas, confere-lhe um contexto e unidade.

A integração dos itens referidos numa coleção confere-lhes estatuto de proteção e unidade na sua compreensão como parte segmentária de uma temática, revestindo-os de uma importância acrescida que resulta na proteção e consequentes medidas de preservação adequadas. A criação desta unidade documental salvaguardará o suporte físico material e consequentemente os registos da memória. Ao conservarmos o objeto físico viabilizamos a disponibilização ao leitor, contribuindo ativamente para o desenvolvimento dos estudos que geram novos conhecimentos.

[16] As Coleções Especiais no contexto da BPMP carecem de requisitos para assim serem consideradas e têm implicações ao nível do tratamento técnico-documental sendo salvaguardadas em depósito sob condições termohigrométricas adaptadas às suas tipologias.

A integração do acervo de Valente nesta Coleção Especial permitirá enquadrá-lo num núcleo que valoriza a sua existência e estudo, usufruindo de enquadramento histórico (mitigando a condição de autor pouco conhecido). O tratamento técnico-documental também é afetado pela decisão de inclusão na Coleção, aplicando-se regras específicas associadas às coleções especiais, desde a catalogação, disponibilização pública e acesso a depósitos com condições termohigrométricas com controlo muito rigoroso ao nível da temperatura e humidade-relativa. Apesar de se privilegiar a conservação preventiva, em casos de patologias severas opta-se por intervenções de índole mais invasiva como as intervenções de restauro, sempre que tal se verifica necessário e após se terem esgotadas todas as medidas conservativas. Algumas das intervenções têm carácter efetivo e não reversível[17], como a intervenção de *stripping,* realizada apenas como o último recurso de estabilização do suporte.

Após a proteção e salvaguarda do objeto físico, os registos de catalogação permitirão ao leitor encontrar no catálogo das Bibliotecas Municipais do Porto o acervo e ter conhecimento da sua existência. Já a digitalização é, paralelamente à catalogação, um dos passos mais importantes para o estudo do acervo possibilitando a visualização à distância, o estudo contínuo – especialmente quando os originais se encontram demasiado frágeis para serem manipulados – e garante o acesso democrático a todos os leitores, independentemente do objetivo da sua pesquisa.

Apesar de serem facilmente identificáveis as medidas necessárias ao nível do tratamento técnico-documental do acervo, deve manter-se cautela no que respeita aos desafios e às eventuais limitações, especialmente no que concerne aos recursos digitais. Das várias dificuldades expectáveis, a escassez de recursos humanos especializados pode ser um impasse ao tratamento. A Biblioteca detém quantidades muito extensivas de documentação. A inclusão de novos acervos sobrecarrega os corpos técnicos que trabalham não apenas com as novas incorporações provenientes do Depósito Legal, mas também com documentação retrospetiva. Existem ainda questões tecnológicas, especificamente as limitações de espaço em servidores, tornando o processo de digitalização moroso e por vezes incompleto, não funcionando à velocidade desejada e, por vezes, exigida pelos leitores.

Torna-se assim imperativo repensar os paradigmas operacionais da Biblioteca. É necessário alcançar metodologias de trabalho que permitam o processamento de forma mais célere, seja pelo reforço dos corpos técnicos altamente especializados, seja pelo estabelecimento de novas parcerias públicas

[17] Todas as intervenções de conservação e restauro devem respeitar medidas éticas e técnico-legais nas quais se incluem os princípios da reversibilidade e da intervenção mínima. Por vezes, as patologias apresentadas implicam a execução de intervenções, que são pela sua natureza irreversíveis, como o caso do *stripping*. A opção por intervenções que não cumpram os princípios anteriormente mencionados carecem de comprovação técnica e são executados apenas quando nenhuma outra metodologia interventiva teve sucesso.

com outras entidades. É de valorizar o apelo ao mecenato cultural para financiar processos de digitalização de coleções em larga escala. Estas sinergias e as subsequentes mudanças políticas e económico-culturais na cidade do Porto, podem criar oportunidades para a Biblioteca expandir a sua atuação e se tornar num ecossistema com uma maior capacidade de resposta aos seus leitores.

Em suma, a inação na proteção do acervo de Valente poderá levar ao seu esquecimento, tornando-se uma perda de valor incalculável no que respeita à memória coletiva da instituição. A incorporação do acervo nas coleções da Biblioteca é um ato de valorização como Documento, Património e Testemunho para a cidade do Porto, materializando a nobre missão da Biblioteca na prossecução da proteção, divulgação e oferta à leitura das suas coleções.

4.2. Divulgação

4.2.1. Proposta de acesso ao acervo através de plataforma digital

A importância de salvaguardar o arquivo de Valente reside nos valores documentais e de salvaguarda da memória da BPMP. Não obstante às boas práticas de conservação preventiva propostas anteriormente, é importante garantir o acesso às imagens do arquivo. São várias as situações em que as instituições culturais se deparam com a necessidade de garantir o acesso e a preservação, sendo que por vezes a preservação passa pelo impedimento de acesso e manipulação do documento original. Felizmente no que respeita às coleções fotográficas, é possível orientar medidas que garantam o acesso ao conteúdo sem haver a necessidade de acesso aos documentos originais.

Estas medidas passam, invariavelmente, por processos de digitalização das coleções e arquivo. Ao olharmos para o arquivo de Valente veremos que é possível proceder à digitalização da maioria das suas fotografias e negativos, sendo que uma pequena fração necessitará de intervenção prévia à digitalização[18]. Desta forma propõe-se a criação de um projeto de digitalização de grande escala com auxílio de outras entidades como por exemplo a Casa do Infante[19]. O objetivo final deste projeto seria a disponibilização em linha através de *microsite* associado ao *site* oficial das Bibliotecas Municipais do Porto à semelhança do que já acontece em relação à coleção Eugénio de Andrade. Ver Fig. 73.

[18] Os negativos em avançado estado de degradação com presença de *channeling* necessitariam de passar pelo processo de *Stripping* por forma a garantir a estabilização do suporte para posterior digitalização.

[19] O Arquivo Histórico da Casa do Infante tem uma longa prática na digitalização e armazenamento de coleções fotográficas, tornando-se um excelente parceiro institucional com a vantagem de responder à mesma Direção do Governo Regional.

A disponibilização à distância das coleções facilita o acesso generalizado às coleções, trazendo vantagens não apenas para o Leitor[20] mas também para as instituições uma vez que amplia a possibilidade de estudo e criação de conhecimento por parte dos investigadores académicos.

Reitera-se, a importância que os processos de digitalização têm, auxiliando na preservação física dos espécimes originais enquanto permite a elevação do conhecimento e a valorização dos arquivos e coleções públicas.



Figura 71 - Microsite Biblioteca Digital Eugénio de Andrade associado ao site das Bibliotecas do Porto.

4.2.2. Proposta curatorial

Título

Metamorfose: O Património Documental de Valente na construção da memória da BPMP

Sinopse

A exposição *Metamorfose: O Património Documental de Valente na construção da memória da BPMP,* é concebida no âmbito da consagração do acervo fotográfico de António Carvalho (Valente) a Património Documental.

A mostra explora a construção da memória e a dimensão íntima e visceral da Biblioteca, articulando o diálogo inédito entre a narrativa bidimensional das

[20] Define-se como Leitor todo e qualquer utilizador das Bibliotecas Municipais do Porto, independentemente do objetivo das suas pesquisas nas coleções das B.M.P.

fotografias de Valente e os objetos tridimensionais que integram a coleção da BPMP. Estes últimos, silenciados pela passagem do tempo, ganham uma nova vida evidenciando as práticas e vivências passadas que marcaram épocas de outrora da instituição.

É a partir do olhar de Valente que se evidencia a metamorfose do edifício no final do século XX, mostrando-o como um organismo vivo através das transformações do espaço e do caos monumental originado pelas profundas obras infraestruturais nas décadas de 1970 e 1980.

A exposição assume as fotografias não só como registos, mas também como património documental basilar na construção da memória institucional. A experiência do público é um exercício da relembrança que permite que cada visitante invoque as memórias que construiu no espaço, permitindo aos novos visitantes a criação de novas memórias e a compreensão do passado recente da instituição. A exposição revela os vínculos entre a Biblioteca e as pessoas, - as que nela trabalham e as que visitam – é uma ode à pertença da comunidade.

Texto Curatorial

Metamorfose: O Património Documental de Valente para a construção da memória da BPMP é uma exposição que explora a memória da Biblioteca através do acervo fotográfico de Valente e dos objetos característicos do funcionamento da instituição no passado.

A história oficial da BPMP encontra-se amplamente estudada e consequentemente documentada. São quase dois séculos de existência institucional que sustentam o valor cultural e patrimonial para a cidade do Porto acompanhados de narrativas vastas e familiares do conhecimento público. Ainda assim, mantêm-se desconhecidos os registos íntimos da Biblioteca efetuados por Valente, cujas imagens nos dão acesso a conteúdo inédito capaz de nos transportar para o passado através de pequenas janelas abertas pelo seu olhar, fazendo de nós testemunhas das metamorfoses ocorridas ao longo da segunda metade do séc. XX. Paralelamente aos registos fotográficos de Valente, constarão objetos amplamente utilizados no passado da instituição e que por ação do tempo se tornaram *esquecidos*.

Inspirada na premissa de *Eder Chiodetto* sobre “ouvir” as imagens, esta exposição revela a intimidade dos bastidores. Se os atos dedicados aos leitores são visíveis, as ações que protegem, recuperam e salvaguardam diariamente o património para as gerações futuras são concomitantemente invisíveis.

Valente demonstra a arquitetura, com imagens que carregam uma forte carga documental, registando a “monumentalidade do caos” inerente às profundas obras infraestruturais que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980 demonstrando a

metamorfose do edifício. A memória, essa, trata a metáfora do esquecimento, materializada nas patologias do acervo de Valente e construção da história da Biblioteca.

A curadoria explora a dualidade entre a vulnerabilidade da matéria através da degradação física e a permanência da memória através da conservação como um ato de salvaguarda e construção da identidade institucional, materializando a coleção institucional que representa os testemunhos do labor da Biblioteca e a construção da identidade.

Mais do que uma cronologia recente na história da Biblioteca, esta mostra é um exercício de pertença à comunidade. A pertença dos registos fotográficos e os objetos da Biblioteca como coleção institucional escrevem parte da história da "Casa-Mãe" da Cultura e constroem a sua memória.

Memória Descritiva

A exposição terá um percurso definido de forma orgânica e será o resultado da interpretação e da recapitulação da deriva de que o acervo de Valente foi alvo até à sua efetiva valorização e proteção patrimonial numa analogia ao edifício que teve em si vários fins até se proclamar uno com a instalação da Biblioteca. Apesar do percurso expositivo não ser vinculativo e restrito terá, naturalmente, âncoras visuais que guiarão o visitante na sua descoberta pelo acervo e na interpretação crítica do património da instituição.

A museografia terá como objetivo estabelecer diálogos entre os registos bidimensionais de Valente e os objetos tridimensionais que integram a Coleção da BPMP. Será a partir deste diálogo e multiplicidade material que se pretende incentivar a reanimação das memórias antigas e a construção da memória institucional coletiva.

Para o efeito a cenografia e a iluminação serão fatores primordiais para criar o ambiente e a invocação pretendida pela curadoria. O mobiliário de exposição primará por expositores e vitrines com controlo ativo de humidade-relativa e temperatura a fim de garantir as condições de preservação das provas fotográficas de Valente. A cenografia privilegiará equipamentos e mobiliário de baixo impacto ambiental, assegurando medidas que visam a sustentabilidade, nomeadamente através da escolha de materiais reciclados e que permitam a reutilização e reciclagem de acordo com a certificação do Município[21] sem que para isso negligenciem a necessidade de materiais quimicamente inertes e de pH neutro, evitando a migração de produtos ácidos e V.O.C.

[21] Em 2025, pela quinta vez consecutiva, o Município do Porto foi reconhecido pelo *World Council on City Data* como uma cidade e comunidade sustentável, alcançando o nível mais elevado da certificação (nível *Platinum*) ao abrigo da norma ISO 37120.

No que respeita à iluminação, alguns dos espaços terão a escuridão como parte integrante da dinâmica expositiva, contrastando com a iluminação fixa e fugaz, numa relembrança do passado e da importância da proteção da memória tão efémera quanto um feixe de luz.

De forma a acautelar as medidas de preservação, importantíssimas na exibição de provas fotográficas, recorrer-se-á exclusivamente a iluminação de tipologia LED. No entanto deve-se considerar que a iluminação LED não exclui necessariamente nem o aquecimento nem a emissão de UV, razão pela qual será necessário verificar as características das lâmpadas e garantir que não têm emissão de radiação IV[22] e UV. Será, também, acautelado o respeito pelo valor máximo de iluminância definido para materiais muito sensíveis (50-80 lux[23]), temperatura de cor entre os 2700 K e 3000 K e CRI[24] igual ou superior a 90.

Os cuidados com a iluminação terão uma dupla função: criar ritmos e dialéticas entre a luz e a sombra, assumindo focos de luz difusa e focos de visibilidade controlada e garantir a conservação do acervo durante o período expositivo protegendo-o dos mecanismos autocatalíticos que regram a sua auto-degradação. Para o efeito recorrer-se-á a sistemas com sensores de presença nos espécimes mais delicados minimizando o efeito cumulativo[25] da luz sobre o objeto e consequente aceleração de danos fotoquímicos.

Neste seguimento, uma parte do espaço expositivo acautelará a importância da preservação e da conservação do acervo documental de Valente, munida de várias fotografias das patologias e danos do acervo, adquirindo uma função não apenas visual e estética, mas também educativa, cativando o público para os bastidores da Biblioteca, nomeadamente para as ações de conservação preventiva, através da ilustração das preocupações e medidas tomadas pelas equipas profissionais. A conservação, catalogação e a digitalização são fases fulcrais e inalienáveis no funcionamento da Biblioteca e na permanência das coleções e acesso às mesmas, tal como exposto no Gráfico 4.

O valor de alertar a comunidade para a importância da preservação da memória, e do Património é incalculável. Os visitantes poderão constatar a importância do ecossistema da biblioteca, nomeadamente o tratamento técnico como uma garantia de acesso às coleções.

---

[22] A emissão de radiação IV (calor) tem impacto direto nas fotografias. Nem todas as lâmpadas LED são seguras em contexto expositivo. É necessário acautelar a nulidade de emissão de radiação IV que resulta no aquecimento e consequente aumento da temperatura podendo causar danos irreversíveis nas obras expostas.

[23] 50 lux é considerado o limiar da visibilidade para um adulto sem défice oftálmico.

[24] O CRI indica a capacidade da luz em reproduzir fielmente as cores dos objetos numa escala que ascende ao valor máximo de 100.

[25] A incidência continuada da luz num objeto acelera a sua degradação através do efeito cumulativo (Lei da Reciprocidade).



Gráfico 4 - Ciclo de tratamento técnico até ao acesso do Leitor.

Os processos de digitalização serão cruciais para sustentar o *objeto* digital. Será a digitalização que tornará exequível a utilização de projeções (estáticas), *Video Mapping*, e ainda a possibilidade de assegurar conteúdo no âmbito da acessibilidade intelectual e sensorial.

A acessibilidade e questões relacionadas, serão priorizadas com o objetivo de garantir a fruição por parte de todos os que visitem a exposição. A acessibilidade é mais do que um compromisso ético: é uma obrigação! Como tal, entende a curadoria, a necessidade de incorporação de ecrãs táteis com recurso a Língua Gestual Portuguesa em todos os pontos que utilizem paisagem sonora (leitura de texto ou música). Serão também incorporados QR Codes e disponibilizados equipamentos para recurso a áudio-guia, mitigando barreiras e permitindo o usufruto da exposição de forma autónoma e inclusiva mediante as necessidades dos visitantes. A acessibilidade física será garantida através de ascensores que permitam a deslocação ao piso superior – de outra forma alcançável pelas escadas.

No que respeita ao grafismo há prevalência no uso de telas vinílicas (exterior) e em papel (interior) para elementos textuais, como o *Wall Text* e promoção da exposição nas fachadas do edifício. Estes materiais permitirão a reutilização – no caso das telas vinílicas[26] – e a reciclagem – no caso do papel.

[26] Em 2024, a artista Madalena Martins desenhou uma coleção limitada de sacos a partir da reutilização de lonas produzidas pela empresa municipal Ágora, Cultura e Desporto.

Serão ainda produzidos outros materiais como as tabelas e folhas de sala que servirão de apoio à exposição e que incluirão uma versão infantojuvenil.

Os mecanismos digitais garantirão a acessibilidade intelectual a estes elementos.

Espaço Expositivo

O edifício histórico da Biblioteca Pública Municipal do Porto que corresponde ao antigo Convento de Santo António da Cidade erigido no séc. XVIII, foi recuperado e alvo de várias obras de beneficiação ao longo do séc. XX.

Com o recente projeto de requalificação e expansão, assinado pelo Arq. Souto Moura, a BPMP vê o seu espaço dotado de novas valências. Para além do Claustro histórico (ver Fig. 75 e 76), surge um novo claustro (ver Fig. 77), um pátio e novos espaços para a leitura e lazer.

O claustro é devolvido à ambiência da reflexão e lazer e a Sala de Leitura Geral é devolvida ao academismo com D. Pedro IV a coroar o espaço (ver Fig. 78 e 79). O antigo espaço *De Profundis* (ver Fig. 80), que na sua génese tinha uma conotação ligada ao sagrado, posteriormente servindo como sala de exposições, ganha um novo préstimo como sala do Serviço de Conservação e Restauro.

O edifício viu-se transformado na sua génese, libertando o espaço de culto para dar lugar ao academismo, à cultura e ao lazer, sem perder as suas raízes que se encontram intrincadas na narrativa contemporânea do lugar.



Figura 72 - Claustro Histórico. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025.



Figura 73 - Claustro e fonte histórica. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025.



Figura 74 - Local de construção do 2º claustro. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025.



Figura 75 - Sala Leitura Geral. Vista da escada. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025.

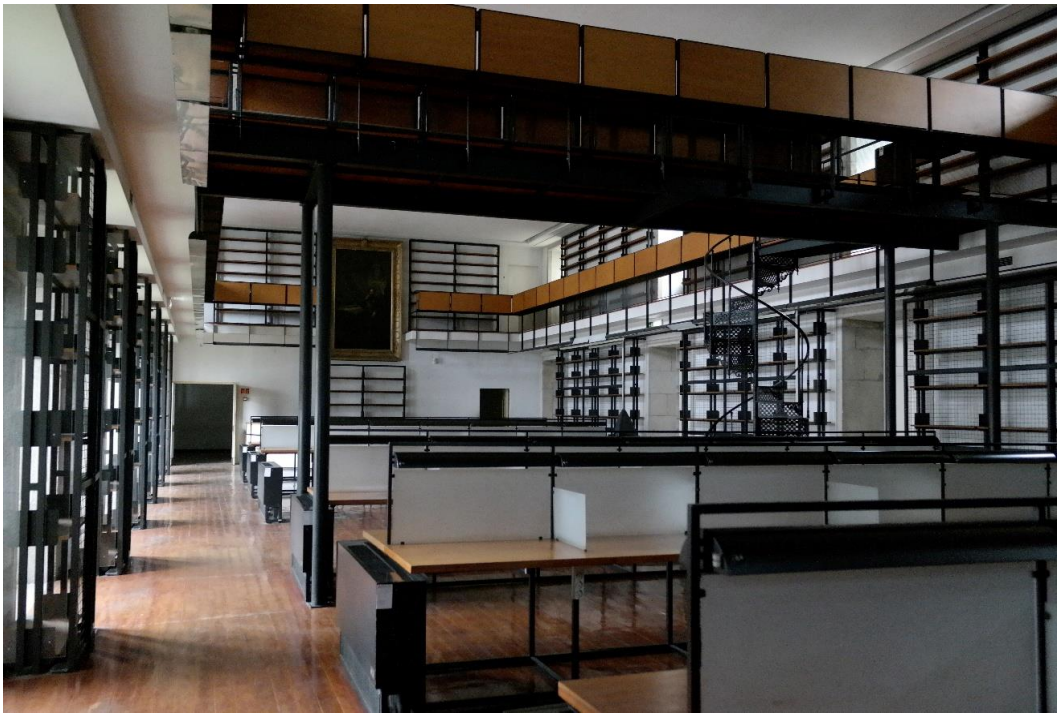


Figura 76 - Sala de Leitura Geral. Fotografia da autora. BPMP, novembro 2025.



Figura 77 - Espaço De Profundis. Sala conhecida como "capela". Fotografia da autora, 2025.

PROGRAMA DE MEDIAÇÃO

O programa de mediação da exposição *Metamorfose: O Património Documental de Valente na construção da memória da BPMP* desenvolve-se com o objetivo de promover dinâmicas de proximidade e partilha entre a instituição e o público através da exaltação da memória tendo por base as fotografias e objetos expostos.

De entre as várias atividades realçam-se as visitas guiadas e as conversas em torno da memória e da Biblioteca com a curadora, convidados e técnicos da instituição que promovem e que ampliam a compreensão crítica da exposição; já no âmbito infantojuvenil destacam-se as oficinas de fotografia onde as crianças são encorajadas a expressarem-se através da fotografia.

Prevê-se ainda o lançamento do catálogo posteriormente à conclusão das celebrações do bicentenário, reunindo colecionadores, parceiros institucionais, profissionais da Cultura e Património e público em geral.

As atividades propostas na Tab. 2 têm como objetivo a abordagem inclusiva à comunidade e a públicos diferenciados, transpondo as barreiras institucionais,

revelando fotografias nunca vistas e promovendo a partilha de memórias entre as várias gerações que usufruem da Biblioteca.

Tabela 2 - Programa de Mediação.

Atividade	Data	N˚ de participantes	Público-alvo	Duração
Conversa sobre as fotografias em exposição e a importância dos acervos fotográficos da BPMP para a construção da memória (convidados a anunciar)	A definir	30	Público geral; estudantes e profissionais da área das Artes e Património; Público especializado, académicos, críticos de arte, artistas.	120 min
Visitas guiadas	A definir	20	Público geral.	60 min
Conversa com Curadora e técnicos da BPMP	A definir	30	Estudantes universitários; Investigadores; Parceiros institucionais; Profissionais da Cultura e Património.	45 min
Oficinas com crianças	A definir	15	Crianças em idade escolar (6-12 anos); Famílias	60 min
Lançamento do Catálogo	A definir	30	Público geral; Colecionadores; Parceiros institucionais; Profissionais da Cultura e Património.	60 min

Considerações Finais

A presente dissertação pretendeu realizar uma leitura crítica e curatorial à luz da contemporaneidade, do acervo fotográfico de Valente, expandindo a sua validação para lá valor administrativo e utilitário.

A investigação possibilitou comprovar que os registos do autor não limitaram apenas à realização de registos administrativos sistemáticos sobre a metamorfose arquitetónica da Biblioteca. O estudo do acervo permitiu a análise das imagens onde foi possível percecionar a multitude de temáticas fotografadas e o *modus operandi* de Valente.

Os registos que faz da Biblioteca durante as obras nas décadas de 1970 e 1980, demonstrando o espaço cru e esventrado, materializando a "monumentalidade do caos", constituem a captação visceral de um espaço vulnerável em constante transformação arquitetónica. A importância das diversas tipologias aqui retratadas não se limita à origem do propósito inicial de servirem como provas documentais ligadas aos processos burocráticos e administrativos, mas também dos valores intrínsecos que advêm da sua realização, tornando-se em manifestações de uma época, de vivências e da ação cultural do Município do Porto transfigurando de imagens utilitárias em testemunhos que alicerçam a construção da memória coletiva da instituição. O acervo é um testemunho vital que auxilia e consolida a construção da história visual da BPMP, documentando parte da identidade da instituição para o futuro.

Esta investigação contribui ativamente na área dos Estudos Artísticos ao demonstrar que é possível os acervos documentais produzidos em contextos burocráticos em instituições públicas como a Biblioteca atingirem a emancipação dos seus valores iniciais, alcançando novas leituras e valorização patrimonial. A proposta curatorial sugerida nesta investigação que visa a exposição do acervo promove a descoberta e fruição pública das imagens de Valente, levando ao seu reconhecimento como um dos autores responsáveis pela captação da memória coletiva da Biblioteca atendendo ao predisposto nos artigos 7º, 15º e 17º da Lei de Bases do Património Cultural, Lei n.º 107/2001, de 08 de setembro, na sua versão atualizada.

Esta primeira abordagem ao acervo, realizada num momento de preparação da Biblioteca para as obras de Requalificação e Expansão do edifício, evidencia a urgência pela sua conservação, tão necessária de forma a garantir a sua existência futura. A salvaguarda da memória encapsulada nas imagens depende intrinsecamente da sobrevivência dos espécimes físicos, até então ameaçados. O inventário dos materiais, equipamentos e a avaliação do estado de conservação revelaram-se fundamentais para delinear um plano de ações com vista à mitigação de riscos e minimização da auto catalisação dos processos de degradação. De forma a garantir dados cientificamente relevantes, foi aplicado o modelo do *Image*

Permanence Institute que permitiu cruzar os dados relativos ao ponto de situação aquando da descoberta do acervo com aqueles que são necessários de acordo com as características materiais com vista à boa conservação.

A parca valorização que tem vindo a ser atribuída pela instituição às imagens fotográficas que pertencem a fundos documentais constitui uma enorme barreira no acesso público, contribuindo para o seu progressivo "esquecimento". Torna-se por isso imperativo contrariar esta herança.

As entrevistas contribuíram para compreender a receção, memória institucional e o reconhecimento atribuído ao acervo. O testemunho de Sílvio Costa permitiu reconstruir aspetos relacionados com a instituição enquanto Jorge Costa ofereceu contributos essenciais à operacionalidade de Valente. Por sua vez, Ana Carvalho prestou declarações que auxiliaram a desvendar o homem por trás da câmara, sendo o seu testemunho crucial para escrever a biografia do autor. Por fim, de forma a consolidar esta tese, a entrevista escrita pela fotógrafa Lucília Monteiro que escrutinou, à luz da contemporaneidade, os valores das imagens de Valente, e estabeleceu uma ligação com a sua própria obra e os "lugares do corpo".

Reconhece-se que esta investigação foi o primeiro passo na investigação e conservação do acervo integral do autor. Assume-se as limitações decorrentes do grande volume de negativos e da limitação de tempo que acabaram por impossibilitar a analise exaustiva, digitalização e estudo dos mesmos. No que respeita à atribuição de autoria, alguns conjuntos permanecem sem confirmação, sendo necessária a continuação do estudo e o cruzamento de dados entre positivos / negativos.

Apesar da história oral ter sido fundamental para a reconstrução biográfica e laboral de Valente, assumem-se as limitações, a subjetividade e as potenciais fragilidades destes testemunhos, evidenciando a necessidade de continuação da investigação no sentido de encontrar provas que sustentem os testemunhos. A ligação de Valente ao fotojornalismo carece ainda de confirmação, permanecendo de momento como uma hipótese a ser investigada.

As limitações que a investigação acaba por demonstrar, são evidência da necessidade de continuidade da investigação, nomeadamente através da digitalização, continuação de inventariação e potencial validação deste acervo como Património Documental.

Em síntese, esta dissertação alvitrou os primeiros passos no resgate e valorização do acervo de António Carvalho (Valente), pretendendo servir como exemplo para o estudo dos demais fundos que contenham positivos ou negativos fotográficos na Biblioteca Pública Municipal do Porto, alicerçando a importância destes registos visuais no seio da instituição.

Referências Bibliográficas

Alam, I. S. (20 de 04 de 2023). Degradation of paper products due to volatile organic compounds. *Sci Rep*(6426), pp. 2-11. doi:https://doi.org/10.1038/s41598-022-23898-z

Azevedo, C. A. (Ed.). (2000-2001). *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (Vols. IV (P-V)). Lisboa: Circulo de Leitores.

Barthes, R. (1981). *Camera lucida: Reflections on photography.* Farrar, Straus and Giroux,.

Bigourdan, J.-L., & Reilly, J. M. (2002). Effectiveness of Storage Conditions in Controlling the Vinegar Syndrome: Preservation Strategies for Acetate Base Motion-Picture Film Collections. Rochester, New York, USA: Image Permanence Institute. Obtido em 17 de 02 de 2026

Carvalho, A. (22 de janeiro de 2026). Entrevista sobre António Carvalho (Valente). (A. Mota, Entrevistador)

Costa, J. (09 de 1 de 2026). Entrevista sobre António Carvalho (Valente). (A. Mota, Entrevistador)

Costa, S. (13 de 01 de 2026). Entrevista sobre António Carvalho (Valente). (A. Mota, Entrevistador)

Crimp, D. (1989). The Museum's Old / The Library's New Subject. Em R. Bolton (Ed.), *The Contest of Meaning: Critical Histories of Photography* (pp. 3-14). The MIT Press.

Cruz, A. (Ed.). (1957). *BIBLIOTHECA PORTUCALENSIS* (Vol. I). Porto. Obtido em 27 de maio de 2026, de https://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/0BAD%20001111/0BAD%20001111_PDF/BPMP_0870-7634_Vol1(1957).pdf

Cultura, R. P. (17 de 12 de 2025). *Património Cultural Instituto Público*. Obtido de Pesquisa de Património Imóvel: https://imovel.patrimoniocultural.gov.pt/detalhes.php?code=73483

Cultural, P. C.-D.-G. (19 de 12 de 2025). *Convento de Santo António da Cidade / Edifício da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Obtido de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5418

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. (2026). Porto Editora. Obtido em 29 de 04 de 2026, de https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/nostalgia

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. (2026). Porto Editora. Obtido em 26 de 04 de 2026, de https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/saudade

Hanlan, J. (Junho de 1970). The effects of electronic photographic lamps on the materials of works of art. *Museum News, 48*, pp. 33-41.

Hirsch, M. (2008). The Generation of Postmemory. *Poetics Today*, p. 115. doi:10.1215/03335372-2007-019

International, S. O. (2010). Imaging materials — Processed safety photographic films — Storage practices. *ISO Standard No. 18911:2010*. Genébra, Suiça.

Jamieson, L. (1998). Intimacy: personal relationships in Modern Societies. Polity Press.

Monteiro, L. (27 de 05 de 2026). Entrevista sobre o Acervo de António Carvalho (Valente). (A. Mota, Entrevistador)

NEDCC. (2019). PRESERVATION LEAFLET. *Care of Photographs* . Obtido em 08 de 02 de 2026, de https://www.nedcc.org/assets/media/documents/Preservation%20Leaflets/5_3_CarePhotographs.pdf

Nora, P. (1989). Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. (U. o. Press, Ed.) *Representations*(26), pp. 7-24. doi:https://doi.org/10.2307/2928520

Pavão, L. (1997). Conservação de Coleções de Fotografia. Em L. Pavão, *Conservação de Coleções de Fotografia* (p. 118). Dinalivro.

Portuguesa, S. G. (s.d.). *Dicionário Arquivístico/Gestão de informação*. Portugal. Obtido em 09 de 04 de 2026, de https://www.sgeconomia.gov.pt/biblioteca-e-arquivo-15/documentos-de-apoio.aspx

Reilly, J. M. (1998). *Storage Guide for Color Photographic Materials.* University of the State of New York. Obtido em 15 de 01 de 2026, de https://s3.cad.rit.edu/ipi-assets/publications/color_storage_guide.pdf

Ricoeur, P. (3 de 2006). MÉMOIRE, HISTOIRE, OUBLI. *Esprit*, pp. 20-29. doi:10.3917/espri.0603.0020

Sontag, S. (2005). On Photography. Farrar, Straus & Giroux.

Tecnologia, A. d.–F. (outubro de 2018). *Glossário de termos arquivísticos* . Portugal. Obtido em 25 de 03 de 2026, de https://act.fct.pt/wp-content/uploads/2018/09/Gloss%C3%A1rio-ACT-Outubro2018.pdf

Young, P. (1982). Ask the photographer: precautions when photographing works of art. *International Bulletin for Photographic Documentation of the Visual Arts, 9*, p. 8.

Zeldin, T. (2014). Historia Íntima de la Humanidad. Barcelona: Plataforma Editorial.

Anexos

Anexo A

Inventário

Caixote 1

Envelope KODAK	Slides	Slide Mount (caixilho plástico)	Film Strips (Tiras de negativos)	Fotogramas	35 mm	*Negative Sleeve*? (bolsas para negativo)	Manga Individual	OBS.:
1			15	54	✓	✓		
2				3			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 100 Plus. KOD*AK EPP 6005
3				7			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
4				21			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
5				5			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
6				8			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
7				9			✓ 1 Sem manga	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
8			1	4	✓	✓	✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 100 Plus. KOD*AK EPP 6005
9			10	34	✓	O	O	FUJI. Acetato de celulose? Filme parte/rasga. SAFETY (Filme de Segurança)
10				20			✓ 2 Sem manga	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
11				12		O	O	? Diapositivos de cor alaranjada
12				14		✓4 sem manga		Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
13			4	11	✓	✓		FUJI FILM
14				4			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
15			2	7		✓		FUJI FILM
16				23			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
16 (2)			5	17	✓	O	O	FUJI
17			12	60	✓	✓		FUJI
18				7			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037+ Diapositivos Kodak Ektachrome 100 Plus. KOD*AK EPP 6005
19				7			✓	Diapositivos Kodak Ektachrome 100 Professional. KOD*AK 6058 EPN +Diapositivos FUJI RTP II (Fujichrome 64T Type II Professional)
20	7	✓		7	✓			Diapositivos montados em caixilhos de plastico. Cada um contem 1 fotograma.

21				**2**			✓	**Diapositivos FUJI RTP II (Fujichrome 64T Type II Professional) + Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037**
22				**19**			✓	**Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037**
23				**26**			✓	**Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037+ Diapositivos Kodak Ektachrome 100 Plus. KOD*AK EPP 6005 + Diapositivos Kodak Ektachrome 100 Professional. KOD*AK 6058 EPN**
24	**1**	✓		**14**	✓ **slide**		✓	**Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037. Diapositivo montado em caixilho de plastico. Contem 1 fotograma.**
25				**30**		✓ **papel glassine. 1 sem bolsa**		**negativos antigos com 1 entalhe na parte superior. MT MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO.**
26			**1**	**1**	✓	**O**	**O**	**Fuji Film.**

Caixote 2

Caixa	Slides	*Slide Mount* (plástico)	*Film Strips*	Fotogramas	35 mm	*Negative Sleeve*	Manga Individual	OBS.:
1	157	sim	-	157	sim	-	-	Os slides encontram-se numa caixa de cartão de uma câmara Samsung SF-200, que poderá ter correspondido a um dos equipamentos utilizados por Valente.
1	-	-	-	7	Não	-	-	7 Negativos de Vidro. Um dos negativos corresponde a uma imagem da Rua dos Clérigos em direção à Rua de Santa Catarina, provavelmente tirada na Torre dos Clérigos.
1	-	-	-	-	-	-	-	1 arquivador de plástico para colocação e organização de slides vazio.
1	29	Plástico e cartão	-	29	Sim	-	-	1 caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com a cota V7-9-97 "Contos Infantis"
1	34	Sim	-	34	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com a designação "Eça de Queirós"
1	26	Sim	-	26	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com a designação "Iluminuras de Manuscritos"
1	32	Sim	-	32	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com as designações "Tratado das cores; Iluminuras de Manuscritos; 25 de abril de 1974"
1	29	Sim	-	29	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com a designação " Iluminuras de Manuscritos"

1	28	Sim	-	28	Sim	-	-	1 Caixa de plástico para colocação de slides identificada com a designação "Capas de Revistas"
1	44	Sim	-	44	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com a designação " Iluminuras de Manuscritos"
1	48	Sim	-	48	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Kodak para colocação de slides identificada com a designação " Iluminuras de Manuscritos"
1	32	Sim	-	32	Sim	-	-	1 Caixa de plástico da Fujichrome para colocação de slides identificada com a designação "Mapas do Brasil. Rota do Cabo"
1	-	-	-	-	-	-	-	1 Máquina Relecta 300 a funcionar. Sem caixa/manual de instruções.

Envelope KODAK	**Slides**	***Slide Mount* (plástico)**	***Film Strips***	**Fotogramas**	**35 mm**	***Negative Sleeve***	**Manga Individual**	**OBS.:**
1	-	-	Não	13	Não	Não	Sim/Não	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
2	28	Sim + cartão	Não	28	Não	Não	-	Kodachrome Slide

Envelope	**Slides**	***Slide Mount* (plástico)**	***Film Strips***	**Fotogramas**	**35 mm**	***Negative Sleeve***	**Manga Individual**	**OBS.:**
4 Kodak Ektachrome	-	-	-	-	-	-	-	Vazios
Fotos Kodak	-	-	3	8	sim	nao	nao	Sem indicação escrita.
1	-	-	2	5	sim	-	-	Inscrição manuscrita a marcador azul: "Funcionárias da Cantina dos "Paços do Concelho 1979". Patologia: Espelho de prata.
1	-	-	-	5	não	nao	nao	Inscrição manuscrita a lápis grafite: "Jogo de Futebol?" Filme: Fuji Safety Neopan SSS. Patologia: Espelho de prata com impressoes digitais
1	-	-	-	100	não	nao	nao	Inscrição manuscrita a lápis grafite: "Casamento?" Filme: Ilford Hypersensitive Panchromatic. Patologias: Espelho de prata, Pitting corrosion.

Conjuntos de Provas Fotográficas	N˚ de Imagens	Temática	OBS.:
1 Envelope	31	BPMP, bibliografia e Bibliocarro	Provas Fotográficas a cor
1 Álbum	24	Festa funcionários. Despedida aposentação?	Provas Fotográficas a cor e 1 prova fotográfica a p/b
1 Caixa	106	Temáticas variadas, reproduções bibliográficas, pessoas e obras na BPMP	Provas Fotográficas a cor e a p/b
1 Envelope	34	BPMP, pessoas e espaço da Biblioteca	Provas Fotográficas a p/b
1 Envelope	9	BPMP Pós obras anos 2000	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	5	Califa, visita de cumprimentos ao Ex. Sr. Presidente da C.M.P. 5/3/90	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	3	Parque de S. Roque 20/2/90	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	5	Biblioteca Infanto-Juvenil	Provas Fotográficas a p/b
1 caixa	67	Espaços, reproduções bibliográficas e visita de Mário Soares. Exposições.	Provas Fotográficas a p/b
1 capilha	76	Temáticas variadas	Provas Fotográficas a p/b
1 Envelope	Reproduções postais	BPMP	Provas Fotográficas a p/b
1 Envelope	64	Teatro Baquet	Provas Fotográficas a p/b
1 Envelope	109	Obras Biblioteca, reproduções bibliográficas e outros	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	8	Objetos da BPMP	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	9	Reproduções Bibliográficas	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	6	Visita dos jornalistas da União Soviética ao Porto. Casa do Roseiral.	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	10 *film strips*. 33 fotogramas. 35mm	Ato de posse do novo diretor dos S.C.C. Dr. Matos Fernandes	
1 Envelope	4	Feira do Livro 1974	Provas Fotográficas a p/b
1 Envelope	7	Fotografias de esculturas	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	3 negativos + 2 cartões	Indicação nos cartões de *"Inauguração da sala de Vitorino Ribeiro e Visita dos Gauleses"*	
1 Envelope	22	Visita de cumprimentos do Alcaide de Palma de Maiorca 2/3/90	Provas Fotográficas a cor. Contém requisição de fotógrafo.
1 Envelope	1	Vistas da Ribeira do Porto a partir do Jardim do Morro em V.N.G.	Provas Fotográficas a cor
1 Envelope	19	Contém 2 *Film Strip* com 8 fotogramas com a designação "Bibliocarro 28_8_2000"	Provas Fotográficas a p/b
1 Envelope	23	Pormenores de Santa Cruz	Provas Fotográficas a cor
Provas Fotográficas (a vulso)	4	3 Provas Fotográficas a p/b e 1 prova fotográfica a cores. B.P.P.I e pessoas	Provas Fotográficas a cor e p/b

Caixote 3

Caixa de plástico com Slides	Slides	*Slide* (plástico)	*Mount*	Negativos	Fotogramas	35 mm	OBS.:
1	8	8		1	1	1	
2	5	9		-	9	-	Temática: BPPI e outros
3	14	14		-	14	-	
4	25	25		-	25	-	Temática: BPMP e outros
5	32	32		-	32	-	Temática: BPMP
6	11	11 caixilho de cartão		-	11	-	

Caixote 4

Envelope Timbrado n°	*Film Strips*	Fotogramas	35 mm	*Negative Sleeve*	Manga Individual	OBS.:
1	30	121	Sim	Não	Não	
2	2	8	Sim	Não	Não	
3	10	37	Sim	Sim	Não	
4	5	21	Sim	Não	Não	
5	1	4	Sim	Não	Não	
6	2	8	Sim	Não	Não	
7	14	16	Sim	Não	Não	
8	9	32	Sim	Não	Não	
9	3	8	Sim	Não	Não	
10	5	16	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo

11	19	74	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
12	3	9	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
13	4	14	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
14	0	0	-	-	-	Envelope vazio
15	7	25	Sim	Não	Não	
16	3	9	Sim	Não	Não	
17	3	10	Sim	Não	Não	
18	4	16	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
19	2	7	Sim	Não	Não	
20	3	13	Sim	Não	Não	
21	8	30	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
22	6	22	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
23	7	23	Sim	Sim	Não	
24	34	131	Sim	Não	Não	
25	46	177	Sim	Não	Não	
26	44	169	Sim	Não	Não	
27	7	30	Sim	Não	Não	
28	6	24	Sim	Não	Não	
29	8	32	Sim	Não	Não	
30	16	57	Sim	Não	Não	
31	22	91	Sim	Não	Não	
32	3	10	Sim	Não	Não	
33	5	18	Sim	Não	Não	
34	3	5	Sim	Não	Não	
35	3	10	Sim	Não	Não	
36	1	4	Sim	Não	Não	
37	16	63	Sim	Não	Não	
38	7	24	Sim	Não	Não	
39	14	61	Sim	Não	Não	
40	3	12	Sim	Não	Não	
41	2	8	Sim	Não	Não	
42	1	3	Sim	Não	Não	
43	3	12	Sim	Não	Não	
44	2	5	Sim	Não	Não	
45	2	8	Sim	Não	Não	
46	3	8	Sim	Não	Não	
47	3	11	Sim	Não	Não	
48	2	8	Sim	Não	Não	

49	3	12	Sim	Não	Não	
50	3	12	Sim	Não	Não	
51	3	13	Sim	Não	Não	
52	10	39	Sim	Não	Não	
53	4	16	Sim	Sim	Não	
54	15	55	Sim	Não	Não	
55	7	24	Sim	Não	Não	
56	9	27	Sim	Não	Não	
57	6	24	Sim	Não	Não	
58	25	99	Sim	Não + Sim	Não	
59	8	26	Sim	Não	Não	
60	9	41	Sim	Não	Não	
61	33	119	Sim	Não	Não	
62	4	13	Sim	Não	Não	
63	32	116	Sim	Não	Não	
64	31	109	Sim	Não	Não	
65	6	24	Sim	Não	Não	
66	3	12	Sim	Não	Não	
67	10	38	Sim	Não	Não	
68	15	36	Sim	Não	Não	
69	1	4	Sim	Não	Não	
70	9	35	Sim	Não	Não	
71	9	33	Sim	Não	Não	
72	11	38	Sim	Não	Não	
73	1	4	Sim	Não	Não	
74	14	52	Sim	Não	Não	
75	10	38	Sim	Não	Não	
76	8	30	Sim	Não	Não	
77	17	65	Sim	Não	Não	
78	2	8	Sim	Não	Não	
79	3	12	Sim	Não	Não	
80	5	17	Sim	Não	Não	
81	6	25	Sim	Não	Não	
82	23	85	Sim	Não	Não	
83	32	124	Sim	Não	Não	
84	17	58	Sim	Não	Não	
85	0	0	-	-	-	
86	9	32	Sim	Não	Não	
87	11	42	Sim	Não	Não	
88	11	42	Sim	Não	Não	
89	13	49	Sim	Não	Não	

90	1	4	Sim	Não	Não	
91	8	30	Sim	Não	Não	
92	6	24	Sim	Não	Não	
93	15	60	Sim	Não	Não	
94	5	16	Sim	Não	Não	
95	14	51	Sim	Não	Não	
96	13	51	Sim	Não	Não	
97	22	85	Sim	Não	Não	
98	1	2	Sim	Não	Não	
99	17	68	Sim	Não	Não	
100	4	16	Sim	Não	Não	
101	10	38	Sim	Não	Não	
102	33	127	Sim	Não	Não	
103	9	34	Sim	Sim	Não	
104	2	7	Sim	Não	Não	
105	1	4	Sim	Sim	Não	
106	5	13	Sim	Não	Não	
107	16	61	Sim	Sim	Não	
108	8	30	Sim	Não	Não	
109	2	8	Sim	Sim	Não	
110	8	29	Sim	Não	Não	
111	28	110	Sim	Sim	Não	
112	11	45	Sim	Não	Não	
113	1	4	Sim	Sim	Não	
114	11	39	Sim	Não	Não	
115	2	5	Sim	Sim	Não	
116	2	4	Sim	Não	Não	
116A	3	9	Sim	Sim	Não	
117	4	15	Sim	Não	Não	
118	6	22	Sim	Sim	Não	
119	3	12	Sim	Não	Não	
120	5	18	Sim	Sim	Não	
121	8	33	Sim	Não	Não	
122	4	16	Sim	Sim	Não	
123	4	16	Sim	Não	Não	
124	11	42	Sim	Sim	Não	
125	5	20	Sim	Não	Não	
126	3	12	Sim	Sim	Não	
127	3	9	Sim	Não	Não	
128	2	6	Sim	Sim	Não	
129	3	12	Sim	Não	Não	

130	2	6	Sim	Sim	Não	
131	5	21	Sim	Não	Não	
132	4	16	Sim	Sim	Não	
133	7	35	Sim	Não	Não	
134	5	17	Sim	Sim	Não	
135	5	18	Sim	Não	Não	
136	1	5	Sim	Sim	Não	
137	45	214	Sim	Não	Não	
138	4	14	Sim	Sim	Não	
139	1	1	Sim	Não	Não	
140	4	16	Sim	Sim	Não	
141	1	4	Sim	Não	Não	
142	1	4	Sim	Sim	Não	
143	8	29	Sim	Não	Não	
144	22	77	Sim	Sim	Não	
145	2	8	Sim	Não	Não	
146	28	112	Sim	Sim	Não	
147	1	4	Sim	Não	Não	
148	10	38	Sim	Sim	Não	
149	1	4	Sim	Não	Não	
150	4	17	Sim	Não	Não	
151	6	22	Sim	Não	Não	
152	3	12	Sim	Não	Não	
153	1	4	Sim	Não	Não	
154	7	26	Sim	Não	Não	
155	2	4	Sim	Não	Não	
156	10	39	Sim	Não	Não	
157	5	20	Sim	Não	Não	
158	1	4	Sim	Não	Não	
159	3	11	Sim	Não	Não	
160	3	9	Sim	Não	Não	
161	8	30	Sim	Não	Não	
162	10	37	Sim + 2 Não	Sim	Não	
163	4	15	Sim	Não + Sim	Não	
164	8	37	Sim	Não	Não	
165	40	141	Sim	Sim	Não	
166	18	67	Sim	Sim	Não	
167	3	13	Sim	Não	Não	
168	0	0	-	-	-	
168 A	0	0	-	-	-	

169	0	0	-	-	-	Provas Fotográficas
170	10	37	Sim	Sim	Não	
171	9	29	Sim	Sim	Não	
172	10	25	Sim	Sim	Não	
173	20	40	Sim	Não	Não	
174	3	12	Sim	Não	Não	
175	33	126	Sim	Não	Não	
176	7	26	Sim	Não	Não	
177	20	65	Sim	Não	Não	
178	3	12	Sim	Não	Não	
179	4	15	Sim	Não	Não	
180	10	39	Sim	Não	Não	
181	5	18	Sim	Não	Não	
182	3	12	Sim	Não	Não	
183	15	56	Sim	Não	Não	
184	1	4	Sim	Não	Não	
185	7	32	Sim	Não	Não	
186	8	30	Sim	Não	Não	
187	2	8	Sim	Não	Não	
188	33	119	Sim	Não	Não	
189	4	15	Sim	Não	Não	
190	5	18	Sim	Não	Não	
191	2	8	Sim	Não	Não	
192	2	8	Sim	Não	Não	
193	50	183	Sim	Sim	Não	
194	1	2	Sim	Sim	Não	
195	29	108	Sim	Não	Não	
196	-	11	Não	Não	Sim	Diapositivos Kodak Ektachrome 160 Professional (Tungsten). KODAK EPT 6037
197	4	14	Sim	Sim + Não	Não	
198	9	33	Sim	Sim	Não	
199	28	106	Sim	Sim	Não	
200	3	9	Sim	Não	Não	
201	3	12	Sim	Não	Não	
202	31	115	Sim	Não	Não	
203	6	20	Sim	Não	Não	
204	4	14	Sim	Não	Não	
205	4	12	Sim	Não	Não	
206	3	12	Sim	Não	Não	
207	29	113	Sim	Não	Não	

208	9	31	Sim	Não	Não	
209	29	103	Sim	Sim	Não	
210	20	75	Sim	Não	Não	
211	56	213	Sim	Sim	Não	
212	26	94	Sim	Não	Não	
213	10	43	Sim	Não	Não	
214	5	15	Sim	Sim	Não	
215	5	17	Sim	Sim	Não	
216	9	33	Sim	Sim	Não	
217	40	148	Sim	Sim	Não	
218	33	119	Sim	Sim	Não	
219	17	66	Sim	Não	Não	
220	18	73	Sim	Não	Não	
221	10	37	Sim	Não	Não	
222	2	8	Sim	Não	Não	
223	4	15	Sim	Não	Não	
224	4	17	Sim	Não	Não	
225	2	8	Sim	Não	Não	
226	11	41	Sim	Não	Não	
227	2	8	Sim	Não	Não	
228	20	50	Sim	Não	Não	
229	3	12	Sim	Não	Não	
230	1	4	Sim	Não	Não	
231	5	22	Sim	Não	Não	
232	1	4	Sim	Não	Não	
233	4	14	Sim	Não	Não	
234	11	38	Sim	Não	Não	
235	12	46	Sim	Não	Não	
236	2	8	Sim	Não	Não	
237	6	20	Sim	Não	Não	
238	2	7	Sim	Não	Não	
239	5	20	Sim	Não	Não	
240	4	14	Sim	Não	Não	
241	2	7	Sim	Não	Não	
242	9	35	Sim	Não	Não	
243	13	53	Sim	Não	Não	
244	4	19	Sim	Não	Não	
245	4	14	Sim	Não	Não	
246	2	6	Sim	Não	Não	
247	3	9	Sim	Não	Não	
248	12	42	Sim	Não	Não	

249	5	21	Sim	Não	Não	
250	12	49	Sim	Não	Não	
251	4	17	Sim	Não	Não	
252	1	4	Sim	Não	Não	
253	6	23	Sim	Não	Não	
254	4	17	Sim	Não	Não	
255	0	0	Sim	Não	Não	
256	0	0	Sim	Não	Não	
257	6	23	Sim	Não	Não	
258	15	53	Sim	Não	Não	
259	9	37	Sim	Não	Não	
260	5	21	Sim	Não	Não	
261	3	9	Sim	Não	Não	
262	7	24	Sim	Não	Não	
263	5	19	Sim	Não	Não	
264	33	133	Sim	Não	Não	Contém requisição de fotógrafo
265	4	14	Sim	Não	Não	
266	13	51	Sim	Não	Não	
267	3	10	Sim	Não	Não	
268	38	139	Sim	Não	Não	
269	20	72	Sim	Não	Não	
270	6	22	Sim	Não	Não	
271	2	8	Sim	Não	Não	
272	12	50	Sim	Não	Não	
273	4	12	Sim	Não	Não	
274	8	33	Sim	Não	Não	
275	1	3	Sim	Não	Não	
276	5	17	Sim	Não	Não	
277	83	319	Sim	Sim	Não	
278	75	273	Sim	Sim	Não	

Anexo B

Inquérito "O Olhar sobre a Memória da BPMP"

Carimbo de data/hora	Há quanto tempo trabalha na BPMP?	Conheceu pessoalmente o funcionário António Carvalho (Valente)?	Já tinha visto estas imagens ou outras semelhantes deste autor?	Ao observar estas imagens, qual diria ser a sua função principal? (Pode selecionar várias opções)	As imagens transmitem apenas informação técnica.	As imagens provocam uma reação emocional (nostalgia, surpresa, curiosidade)	O fotógrafo preocupou-se com a luz e o enquadramento	Que palavra(s) melhor descreve(m) o que sente ao ver estas imagens?	Na sua opinião, o facto de trabalhar na BPMP altera a forma como vê estas imagens?	Se respondeu "Sim" na questão anterior: O que vê nestas fotos que alguém de fora provavelmente não veria?	Autorizações
12/01/2026 11:32:14	Mais de 30 anos	Sim	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Saudades	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	O passado versus presente	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:33:15	Entre 5 e 15 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Nostalgia	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:40:35	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Nostalgia, curiosidade, lembrança	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Reconhecimento e lembrança do próprio olhar do fotógrafo	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:43:05	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Registar o estado dos espaços	2 Discordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	Curiosidade, saudade, orgulho e confirmação da importância no tempo desta Biblioteca na vida e memória de várias gerações dos visitantes/utilizadores/leitores e da cidade.	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	As diferenças comparativamente às minhas memórias antigas e presentes dos espaços e pessoas.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:47:19	Mais de 30 anos	Sim	Sim, conheço bem este conjunto	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Nostalgia	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A história das pessoas e do edifício enquanto biblioteca.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:48:26	Mais de 30 anos	Sim	Sim, conheço bem este conjunto	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Historia, evolução, memoria.	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A sua essência	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:57:05	Menos de 5 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Sim, já vi algumas esporadicamente	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Curiosidade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 11:59:09	Entre 15 e 30 anos	Não	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico), Comprovar falhas ou problemas na construção (Prova Técnica), Documentar atividades da biblioteca, como exposições, etc.	4 Concordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Admiração pelo registo fotográfico.	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Ver a evolução do espaço, como do Claustro, onde as peças expostos faziam parte do Museu Municipal	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 12:00:57	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	Nostalgia e mudança	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Evolução	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 12:03:39	Entre 5 e 15 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	3 Não concordo, nem discordo	4 Concordo Parcialmente	1 Discordo Totalmente	curiosidade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	a noção dos espaços fotografados	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 12:34:26	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Beleza eterna	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A sensação de pertença e nostalgia	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 12:39:45	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Nostalgia	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Camadas de tempo que se redescobrem, são até próximas, sobrevivem, explicam e são já anacrónicas.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.

12/01/2026 13:31:22	Entre 15 e 30 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Sim, já vi algumas esporadicamente	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	admiração	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 13:36:37	Menos de 5 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Surpresa e curiosidade.	Talvez		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 13:42:44	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	4 Concordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Memória	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A mudança de funções destes espaços ao longo dos anos	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 14:00:55	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Curiosidade e emoção.	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A beleza de um espaço com muito trabalho por traz dos livros que os leitores veem.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 14:03:51	Menos de 5 anos	Sim	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	4 Concordo Parcialmente	Arquivo.	Não, veria da mesma forma se trabalhasse noutro local		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 14:28:56	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	2 Discordo Parcialmente	Memória; Testemunho; História	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Nostalgia e afecto ao ver lugares de outros tempos que fazem parte da sua vida	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 14:39:51	Entre 5 e 15 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	Estética, beleza, nostalgia.	Não, veria da mesma forma se trabalhasse noutro local		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 14:47:37	Mais de 30 anos	Sim	Sim, conheço bem este conjunto	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Regressão ao passado, nostalgia e muitas saudades	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A progressão dos tempos	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 14:56:18	Entre 15 e 30 anos	Não	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Património histórico	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	As obras na Sala de referência, onde se encontravam os ficheiros manuais. Diferentes intervenções/ ocupações do claustro.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 15:03:57	Menos de 5 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Curiosidade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Claustro	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 15:14:15	Menos de 5 anos	Não	Sim, já vi algumas esporadicamente	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	4 Concordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Curiosidade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Claustro	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 15:56:10	Mais de 30 anos	Sim	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Nostalgia	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	a disposição da sala dos técnicos, quais seriam os livros na estante, os ficheiros, que publçicações têm em cima da secretaria	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 16:03:39	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	2 Discordo Parcialmente	Surpresa e curiosidade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Organização da documentação	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 16:06:26	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Surpresa	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Vejo as fotos com nostalgia	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 16:16:50	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	3 Não concordo, nem discordo	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Nostalgia	Talvez		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 16:39:39	Entre 15 e 30 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	3 Não concordo, nem discordo	4 Concordo Parcialmente	3 Não concordo, nem discordo	Convivio	Não, veria da mesma forma se trabalhasse noutro local		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
12/01/2026 17:31:25	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Beleza, objetividade, arte, historia, memoria, alegria, paixão, dedicação	Não, veria da mesma forma se trabalhasse noutro local		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 09:04:09	Menos de 5 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Saudade,orgulho	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A importância da BPMP como "guardiã" de livros que são um autêntico "tesouro", o orgulho que sinto em trabalhar na biblioteca, amizade entre os colegas de trabalho.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 09:16:00	Entre 5 e 15 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Nostalgia e encantamento	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A evolução do espaço da Biblioteca Pública	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 09:45:09	Entre 15 e 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Nostalgia e curiosidade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A colocação de estantes com livros no Claustro	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.

13/01/2026 09:53:50	Menos de 5 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Não, é a primeira vez que as vejo	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico), Comprovar falhas ou problemas na construção (Prova Técnica)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Neste momento, saudade, pois convivi muito pouco tempo e do pouco tempo adorei e em cada canto por onde passei tudo tem um significado especial.	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Convivio entre colegas, ali havia uma família senti me tão bem acolhida e as pessoas de fora nem imaginam o valor que está lá dentro e não me refiro ao valor monetário mas sim tudo o que está lá dentro. É um espaço único.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 10:43:09	Entre 15 e 30 anos	Sim	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Memória	Talvez		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 11:18:21	Entre 5 e 15 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	Nostalgia	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	os locais interiores	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 12:01:29	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	Memória	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Quem trabalha nas bibliotecas nutre uma relação emocional com os livros, com gosto por ler e cuidar dessa forma de patrimônio. Não é algo que surja com naturalidade em qualquer pessoa. Aristóteles dizia que o amor pelas plantas é um amor lógico, que depende do raciocínio. Dizia que o mesmo se aplica aos livros. Gostar de ler é algo que depende de um hábito, consolidado ao longo da história de vida, da valorização das companhias que encontramos pelo nosso caminho literário. A Biblioteca Pública, com seu caráter de preservação documental, apresenta-se como uma cápsula protetora de livros. Em sendo assim, as fotografias procuram transmitir algo da memória dessa cápsula, de como inclusive ela precisa ser protegida. O amor pelos livros, em sua forma mais alta e abstrata, a biblioteca, também tem as suas exigências físicas, reais e essas fotografias apresentam bem um momento delicado de transformação da cápsula. Alguém que não partilhe esses sentimentos e ideias provavelmente não veria em profundidade esses elementos, fortemente presentes na pequena amostra aqui apresentada.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 12:06:45	Entre 15 e 30 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	3 Não concordo, nem discordo	3 Não concordo, nem discordo	4 Concordo Parcialmente	Memórias para arquivo	Não, veria da mesma forma se trabalhasse noutro local		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 13:57:09	Entre 15 e 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	saudade	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços		Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 15:57:37	Mais de 30 anos	Sim	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	3 Não concordo, nem discordo	4 Concordo Parcialmente	espanto, tristeza, degradação	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	não sou do tempo destas fotos, mas reconheço que houve remodelação e mudança para melhor, ainda que com o passar do tempo tudo precise de continuar a ser renovado.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 16:00:37	Mais de 30 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Não, é a primeira vez que as vejo	Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	4 Concordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	Beleza	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Beleza	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
13/01/2026 17:33:41	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	3 Não concordo, nem discordo	4 Concordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	Memória e história da instituição	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Algum historial/antecedentes; memória e devir dos espaços	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
14/01/2026 11:43:25	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Memória	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	As diferenças entre o antes e o agora	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
15/01/2026 09:57:44	Mais de 30 anos	Sim	Sim, já vi algumas esporadicamente	Registar o andamento técnico das obras (Documento Administrativo), Mostrar a beleza/estética do edifício e das formas (Obra Artística), Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	4 Concordo Parcialmente	5 Concordo Totalmente	4 Concordo Parcialmente	Nostalgia e surpresa	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Consigo identificar detalhes e o local com clareza.	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
15/01/2026 11:17:02	Menos de 5 anos	Não	Não, é a primeira vez que as vejo	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	1 Discordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	5 Concordo Totalmente	Nostalgia	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	A organização	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.
19/01/2026 10:58:01	Entre 5 e 15 anos	Não, mas já ouvi falar dele	Sim, já vi algumas esporadicamente	Guardar a memória do passado da instituição (Património Histórico)	2 Discordo Parcialmente	4 Concordo Parcialmente	3 Não concordo, nem discordo	Memória; história da instituição	Sim, sinto uma ligação maior/diferente porque conheço os espaços	Os espaços não conhecidos atualmente como o claustro sem vidros, com armários, esculturas e bancos de pedra	Autorizo o uso destas respostas, de forma anónima, para fins de investigação académica.

Anexo C

Entrevistas a funcionários da BPMP e Lucília Monteiro

Entrevista Sílvio Costa

13/01/2026

Quando o Valente entrou aqui na biblioteca tinha uma função de fiel na biblioteca Consegue-me explicar um bocadinho em que é que consistia esta denominação de fiel da Biblioteca?

Eu acho que isso era um subterfúgio. Dependia das vagas que existiam na Câmara para contratar pessoas, não era propriamente que estivessem as pessoas adstritas rigorosamente àquela função, acho que dependeu ao longo do tempo e era relacionado com isso, acho eu, com a existência de vagas no quadro na câmara, porque eu acho que o Valente sempre desempenhou aqui, assim, mais ou menos as mesmas funções que era fotógrafo, e fundamentalmente, trabalho de microfilmagem.
Mas tanto quanto me lembro, eu acho que era muito isso, era no quadro da câmara em determinadas circunstâncias não sei se também tinha a ver com eventualmente ganharem mais qualquer coisa. Entrei aqui assim na biblioteca em 92, mais menos e eu nem trabalhava muito perto com ele, porque eu comecei por trabalhar lá em cima, no segundo andar, ele ficava aqui assim, ele reportava diretamente ao Dr. Luís Cabral.

Nós temos um conjunto de fotografias das últimas grandes obras que houve aqui na Biblioteca nos anos 70 e 80, sabe-me dizer se essas fotografias foram realizadas por Valente? Há algumas fotografias cuja autoria lhe é atribuída. Como é que se chega a essa conclusão como é que feita essa atribuição?

Naquelas fotografias que mandou, há uma dos claustros que eu acho que não é uma fotografia dele, é uma fotografia que ele reproduziu que estava cá, porque acho que aquilo era muito anterior, aquelas fotografias ainda dos museus com as coisas nos claustros eu acho que isso é anterior, porque o Valente... Tanto quanto sei, isto não é um conhecimento direto que eu tenho, porque eu não estava aqui assim, mas entrou aqui assim nos anos 50, na década de 50 do século passado. Depois, de ele entrar aqui assim, e nomeadamente durante essa fase das obras,

etc., eu acho que ele tinha mesmo o encargo de fazer um registo sistemático do andamento das obras.

Tinha um objetivo documental?

Exatamente. E ele fazia diariamente, eu acho que a ideia que eu tenho é que ele fazia diariamente um registo, as outras fotografias que pôs lá, era muito disso, de ele fazer esse registo diário das obras que estavam a decorrer.
Para além disso, eu acho que ele também fazia muito uma coisa que era um pouco o fotógrafo oficial da casa. Portanto, em cerimónias que existiam aqui, em conferências etc, ele fazia o registo na abertura das exposições… Portanto, ele fazia esse tipo de recolha de imagem.

Sabe-me indicar se todos os registos fotográficos que ele fazia era simplesmente porque o ordenavam, porque tinha essa tarefa, ou também poderia haver ali registos fotográficos que fossem realizados de uma forma mais autónoma?

Não sei, isso não sei dizer, porque não tive esse contato direto com o período das obras aqui, mas pelas conversas que ele ia tendo com as pessoas, mas eu acho que ele desde cedo tinha essa função aqui na biblioteca de fazer o registo das coisas, naturalmente por indicação também dos diretores nas circunstâncias estavam aqui, assim, seja o António Cruz, porque ele entrou no tempo do António Cruz, seja depois com a Dra. Maria Fernanda de Brito e com o Luís Cabral, portanto ele foi acompanhando essas coisas.

E quando Valente falava com os colegas, referia os momentos quando fotografava? Ele tinha orgulho, ou era só mesmo mais uma tarefa que ele gostava de fazer?

Ele era assumidamente um fotógrafo. Havia essa faceta que eu suponho que vem já do pai dele. Portanto, eu acho que o pai dele já era fotógrafo e, portanto, ele tinha essa função. Como aqui a entrada dele na biblioteca coincidiu muito com a questão da microfilmagem, que era também uma atividade paralela em relação à fotografia. Portanto, ele teve sempre essa função, e eu acho que as pessoas o reconheciam fundamentalmente por isso, pela fotografia.

Atualmente como é que acha que a Biblioteca, olha para as fotografias de Valente? Ou se olha, ou não olha? Qual é que acha que é a posição da Biblioteca face a estes registos?

Eu não sei, quer dizer, atualmente não sei, quer dizer, o espólio que ele deixou, enquanto ele aqui esteve conservou-o sempre. Havia da parte das diferentes direções suponho eu, também um interesse e uma indicação de fazer esses registos e de conservar para a memória futura essas atividades, aquelas pelo menos mais solenes, as aberturas das exposições, as coisas desse tipo. Acho que era fundamentalmente isso.

E acha que estas fotografias que têm algum valor atribuído? Nós sabemos que elas têm um valor documental porque também surgem nesse registo. Mas acha que, para além disso, têm algum valor aqui dentro? Ou, atualmente são só meras memórias que estão ali com o objetivo de preservar?

Não sei, o valor documental é óbvio. Eu acho que ele tinha veia de artista e tinha gosto nesse tipo de atividade e era-lhe reconhecido isso. Era chamado para documentar, e eu estou a lembrar-me que, Luís Cabral tinha uns álbuns que ele anotava e fazia, com aqueles momentos mais importantes na atividade da biblioteca.
Mas não só com o Luís, há imagens dele das obras, por exemplo, no tempo da Dra. Maria Fernanda. Estou-me a lembrar que houve uma altura em que apanhei umas fotografias dele de uma reunião com o Paulo Valada aqui, que deve ter sido uma das primeiras reuniões da obra, no gabinete da doutora Fernanda Brito em que está o Paulo Valada, estão os arquitetos os engenheiros os vereadores que vieram a essas reuniões iniciais estão lá todos. Da parte do António Cruz, suponho que também teria esse tipo de relação, há um álbum de fotografias do terceiro encontro de bibliotecários, mas eu acho que essas fotografias não são dele. É uma questão de ver porque essas fotografias estão carimbadas e eu acho que foi um serviço que foi pedido fora, provavelmente pela própria organização do encontro e essas fotografias são muito curiosas têm as pessoas todas que na altura estiveram nesse encontro. Mas, portanto, havia, das diferentes direções, havia essa preocupação de ter, e ele era sempre alguém que estava presente nisso. Agora, é natural que também, algumas vezes, isto tivesse aquelas contingências que são naturais na Câmara: Ter máquina fotográfica não ter máquina fotográfica, ter dinheiro para rolos não ter dinheiro… esse tipo de condicionalismos com que todos nós nos vamos confrontando e que ele não foi exceção, certamente foi abarcado também por essas circunstâncias. Eu acho que sim, que ele ia acompanhando a vida, ou por indicação das pessoas, dos diretores, ou por iniciativa dele, ele ia fazendo esse registo. Também de outras coisas: edições da biblioteca, que ele também fazia, eu lembro-me dele fazer umas fotografias para uma capa de um dos volumes da edição de Sousa Reis e ele andou…foi a estes prédios aqui assim à volta porque ele queria fotografar ali assim a estátua que estava no cimo da biblioteca, a estátua de Minerva e ele foi lá e andou a fotografar aquilo.

Da experiência do Sílvio Costa na Biblioteca, em termos de tratamento técnico-documental, sente que a fotografia acaba por ser um parente pobre?

É claro, que até porque face à massa documental impressa essas coisas acabam por ser um pouco mais laterais, mas o facto de ele ter acompanhado muito a montagem da microfilmagem, e da microfilmagem ter sido muito importante até do ponto de vista dos utilizadores, e ele estava sempre muito presente, não só do ponto de vista das direções, mas ele era muito conhecido mesmo pelos leitores. *É preciso fazer uma microfilmagem, temos de ir ao Valente*. E ele era conhecido por toda essa gente.

Sente que em algum momento as bibliotecas terão capacidade de lidar com estas fotografias uma maneira diferente? Se compararmos a BPMP com o Arquivo Histórico, que tem um maior espólio fotográfico, acha que se tivéssemos uma abordagem multidisciplinar às fotografias poderíamos retirar mais delas?

Não sei, só conhecendo as coisas mais aprofundadamente, também não conheço assim todas as coisas que ele fez. É claro que podemos sempre tirar mais proveito das coisas, desde logo o facto de elas estarem organizadas, de serem de conhecimento, de serem preservadas, também é um pouco por aí.

Existem quatro caixotes com o material que é atribuído a Valente, a Ana Carvalho identificou-os como sendo do pai dela. De algumas centenas de envelopes que temos lá, alguns dos títulos que indicam um assunto, é possível fazer correlação com os positivos que temos na Casa Forte, cuja autoria lhe é atribuída correto?

Por aí, talvez consigamos e até através da memória dos trabalhadores conseguimos fazer essa ligação. Mas realmente temos fotografias que as pessoas têm recordação, mas que nós temos os negativos, mas como os negativos não estão digitalizados Conseguimos fazer ainda esse trabalho, mas também temos precisamente negativos de jogos de futebol até de casamentos, portanto muita, muita coisa que claramente teria que ser feito por alguém daqui de dentro, porque não faz sentido que não fosse.

Eu não sei, depois é capaz de se confundir, porque ele é claro que tinha também uma atividade que era paralela, que era pessoal, que era de fora do serviço ele fazia também cobertura de alguns desses trabalhos de algumas dessas coisas, casamento… Coisas assim. Era natural que lhe pedissem e que ele fazia, eu acho que o pai dele já fazia esse tipo de coisas. É natural que ele tenha também coisas do CCD. De festas, porque ele era também muito ligado a essa coisa do CCD.

Atualmente em relação às fotografias que existem: qual é a principal diferença na catalogação das fotografias para um documento? A fotografia é catalogada apenas do ponto de vista do seu assunto? É dado algum tipo de indicação que explicite o assunto? Como é se faz essa catalogação?

Depende do que se conhece dessa memória. E assim será muito importante essas coisas, nomeadamente desses tais envelopes que ele guardava e onde ele tinha, porque ele tinha realmente um ficheiro aqui onde tinha as coisas todas metidas em envelopes e tinha anotado a data e a altura em que aquilo se referia. Isso são elementos fundamentais para fazer a catalogação e a recuperação desse tipo de coisas, porque senão pela fotografia só, eventualmente é difícil. Ou se conhecem as pessoas, ou se tem essa memória de alguma forma desses acontecimentos. É conveniente haver um contexto no qual se insira aquele registo.

Quando vê as fotografias cuja autoria é atribuída a Valente, nomeadamente do edifício, aquela fase toda de estaleiro, traz-lhe memórias? Ou seja, quando as vê consegue, na (não tendo estado cá), de alguma forma assumir que aqueles registos fotográficos são um contributo para a construção que faz da memória biblioteca?

Claro. Até por coisas muito simples. Terem os lotes todos, isto tinha oito lotes eram prateleiras com oito lotes aquilo corresponde às cotas também, às vezes consegue-se perceber o tipo de coisas que estavam organizadas, normalmente as coisas eram arrumadas nas estantes com algum tipo de grelha temática e, portanto são elementos, todos eles, importantes para reconstituir algumas das coisas da história da biblioteca e, naturalmente, da história também dos próprios livros que temos aqui, do fundo bibliográfico que temos, de onde é aquilo vem, como é que aquilo apareceu cá. Muitas vezes esses elementos são importantes para isso, por exemplo, na sala de leitura nós temos os lotes, o X1, X2, X3, X4, X5 por aí fora até os oito lotes das prateleiras, mas depois temos uma extensão muito grande, o número de série dentro disso, o X1, e chega até cento tal, como é que isto cabia naquelas prateleiras que são tão estreitas aparentemente?... Tem os claustros que tinham as portadas, etc…uma pessoa depois percebe. Na sala de leitura, parede sim, janela sim, janela não estava tapada Portanto, havia janelas que tinham estante à frente, e estavam obstruídas. Por isso, para aproveitar todo o espaço, havia que ser um comboio com números relativamente elevados. Isso percebe-se por esse tipo de registos fotográficos.

Quando olha para as fotos de Valente acha que elas demonstram de uma forma fiel a atmosfera da altura? Sente que as está a ver como se fosse um

portal para o passado ou acha que é uma visão única, muito específica daquela pessoa? Como é que se sente ao ver?

Pronto eu acho que tem muito esse valor documental porque ele tinha essa incumbência e também que teria alguma preocupação de salvaguarda da intimidade das pessoas, de não estar a fotografar as coisas indiscriminadamente. Dessas fotografias acaba sempre por ser bem visível as condições de trabalho, como é que as coisas eram feitas.

É uma fotografia que considera que demonstra uma intimidade institucional?

Mostra aquilo que se passava cá dentro. Claro.
Não tive um contato de perto com ele, porque ele trabalhava aqui assim em baixo e eu trabalhava lá em cima. Entrávamos, saíamos e falávamos, e ele era uma pessoa muito simpática, era muito fácil de ter uma conversa com ele, as histórias dele, já vinha dos anos 50, claro que ele tinha sempre muitas histórias e conhecimentos de pessoas que trabalharam cá, de leitores. Não era um funcionário anónimo na biblioteca porque os leitores recorriam muito ao trabalho que ele fazia. Portanto, isso gera esses contactos e memórias e vivências. Se isso se reflete nas fotografias: talvez.

Na altura ele trabalhava nesta sala onde é agora o serviço de restauro. Tem memória de ele fazer a revelação aqui na biblioteca?

Sim, aqui na sala.

Nós temos vários envelopes que têm apontamentos a dizer: "Sr. Valente", portanto pelo menos algumas daquelas fotografias seriam reveladas fora e outras seriam aqui?

Sim, sim.

A nível de negativos nós temos uma grande prevalência no ano de 1988, temos um envelope de 1985 e depois temos ali uns de 90, 91, 92, mas há hiatos de alguns anos bastante elevados.

A função dele, primeiro, era muito relacionada com a microfilmagem. Suponho que ele também terá feito aquelas coisas que toda a gente fazia aqui assim na casa: tinha aqueles piquetes de ter de estar na sala de leitura a determinadas horas. Portanto imagino que ele também seria abarcado por isso, aquelas coisas. Não sei se ele fazia trabalho de noturno, mas é natural que sim, até porque o

trabalho de noturno era mais bem pago. Esse tipo de coisas também é natural que ele tenha prestado.
É importante preservar esta casa. Eu lembro-me de ele mostrar aqui as coisas que ele tinha, como estavam organizadas nos envelopes. E quando ele saiu, pronto, aquilo foi tudo desmontado. Momentaneamente vai-se perdendo esse contacto. Portanto retomar e reconstituir. Porque é um período longo de trabalho que ele desenvolveu - e um trabalho muito específico tanto na fotografia como na microfilmagem - da história desta segunda metade do século XX, realmente a Microfilmagem foi uma aposta importante para o António Cruz e foi relativamente pioneira na cidade que ele trouxe dos Estados Unidos.
Infelizmente não foi feita com a sistematicidade que deveria ter tido e que, eventualmente, estaria no pensamento do próprio António Cruz. Foi um pouco engolida pelas solicitações dos leitores. É exatamente a mesma coisa em relação à digitalização de hoje. E o resto fica a guardar outras oportunidades.
Este percurso que o António Cruz fez é um percurso que todos aqui fizeram, no Brasil também fizeram e em Portugal, quer dizer, não é só o António Cruz que vai, há várias bibliotecárias de diferentes sítios em Portugal que vão aos Estados Unidos e, portanto, tentaram pôr em prática e é curioso porque sei que lá no Brasil por exemplo fez muito uma abordagem sistemática.

Entrevista Jorge Costa

09/01/2026

Gostaria de falar sobre este apontamento num dos caixotes. É a sua caligrafia?

Sim.

Lembra-se da origem destes caixotes?

Devem ter sido colocados no arquivo da Secretaria. Eu acho que foi isso, em determinada altura eu acho que fui lá…não foi no arquivo. Não, agora que eu estou a conversar consigo, estou aqui a puxar pela memória. Esses caixotes estavam nas escadas que dão acesso ao arquivo. Estavam ali, sem identificação sem nada. E um dia fui lá e vi aquilo. Por curiosidade investiguei e percebi. E nessa altura dei instruções para serem colocados lá em cima do meu gabinete.
Porque eu tenho uma preocupação muito grande pela memória e entendi que aquele trabalho, sem saber exatamente o que era, que aquele trabalho era do Sr. Valente, (eram negativos) só podia ser e, portanto, aquilo deveria ser protegido até se decidir o que fazer, como fazer, etc. E daí ter ido lá para cima para o meu

gabinete e foi aí que eu investiguei, verifiquei que eram praticamente tudo negativos de acontecimentos que ele cobria quando era chamado pelo protocolo e daí identifiquei aquele caixote.

Recorda-se do momento em que escreveu isto?

Identifiquei porque ele estava sem identificação nenhuma e eu em determinada altura senti curiosidade de saber o que era aquilo e fui ver e isto são negativos da fotografia do seu valente e, portanto, e tomei a liberdade de identificar. Eram dois caixotes, salvo erro. (Só um deles é que tem a identificação) Então se calhar não pus nos outros. Mas era mais do que um. Se eram dois, se eram quatro, eu já não me recordo muito bem. Mas é natural que fossem os quatro. Acabei por identificar um só caixote, não sei porquê… (Os outros caixotes parecem mais recentes, portanto poderá ter havido aqui uma transferência de caixotes.) Pois, pode, pode. O que pode ter acontecido também é... Se calhar havia outros caixotes e eu não me apercebi também, não é, porque depois esses caixotes, quando eu abandonei aquele gabinete, saíram de lá e eu não sei como, mas a última vez que eu tive notícia deles é que estavam aqui em cima no arquivo, juntamente com outro material.

Como soube que estes materiais eram do Valente? Havia alguma característica técnica, a forma como ele organizava os negativos, ou simplesmente sabia porque trabalhava com ele na altura?

Os caixotes estavam abertos e eu retirei vários negativos e vi que eram fotografias essencialmente de grupo, em eventos e associei ao facto de serem fotografias das inaugurações de exposições e outras visitas de personalidades portuguesas e estrangeiras e achei que eram. Associei a essa situação, aqui na biblioteca, e ao protocolo da Câmara porque o Sr. Valente era, com frequência solicitado pelo protocolo da Câmara para cobrir determinados acontecimentos em que, nomeadamente, o Presidente estava ou, essencialmente em que o Presidente estivesse. Eu tenho memória de que foi essencialmente na década de 90 e até à data da morte dele.

Qual era o trabalho de Valente na Biblioteca?

Era um trabalho essencialmente de microfilmagem dos pedidos que eram feitos pelos serviços de leitura. Durante muito tempo foi o único funcionário do Serviço de Microfilmagem. Quando eu vim para cá, ele era o único funcionário. Depois conseguiu ter mais alguém, mas inicialmente era ele o único funcionário do Serviço de Microfilmagem. E, portanto, o trabalho dele era essencialmente dar resposta aos pedidos dos leitores (90% de jornais e revistas). Mas, paralelamente a isso, ele tinha alguma, e teve sempre, uma atividade relevante como nosso fotógrafo produzindo trabalho interno para catálogos, exposições – como se pode

ver nas fichas técnicas desses catálogos. Ele fazia muitas fotografias das peças que entravam para o catálogo e depois cobrindo a inauguração da exposição e outros atos públicos que eram aqui feitos na biblioteca.

Havia intenção de preservar isto como 'arquivo' ou era apenas para arrumar?

Não, não, não. Eu acho que em determinada altura, o que eu presumo que possa ter acontecido para esse material estar nos caixotes, creio que foi isto, em determinada altura, já neste século, em 2000 ele ainda era vivo, estava ao serviço, houve uma reorganização interna da microestrutura. E ele tinha uma auxiliar a trabalhar com ele. E foi-lhe pedido ou sugerido, que organizasse um arquivo. Porque ele era um bocadinho desorganizado nessa matéria, era um bocadinho desorganizado e não tinha nenhuma intenção Mas nenhum propósito, mas era da natureza dele, era um bocadinho desorganizado, e ele misturava muito o trabalho dele com o do protocolo e as coisas andavam assim um pouco indefinidas, ele tinha-as aí guardadas, Uma gaveta, ou qualquer coisa assim do género e foi-lhe dado um arquivador metálico e foi incumbida essa auxiliar de inventariar, arquivar minimamente, e esse minimamente passou por colocar nos tais arquivos os negativos do protocolo ou fotografias do protocolo e devem ter identificado. Não era Valente que o fazia, era outra pessoa, era uma tal Miquelina, uma auxiliar que esteve aí. (E não sei se a Conceição não chegou a fazer isso também. A Conceição que está na digitalização.)

E isso também coincidiu com uma época em que ele era bastante solicitado pelo protocolo. Em anos anteriores já tinha sido solicitado, mas com menos frequência. Depois a Câmara descobriu, nomeadamente o gabinete de apoio ao Presidente e o gabinete de comunicação social, o Sr. Valente e ele era muito requisitado para fazer a cobertura dos eventos e de quase toda a atividade do Presidente.

E ele ia, embora muitas vezes questionávamos o porquê de ele ir se nessa altura já havia um fotógrafo no gabinete de comunicação social. Porque é que requisitavam o Sr. Valente, não sei: por simpatia pessoal, porque gostavam do trabalho dele, não sei. Mas ele sentiu necessidade também de arquivar aquilo, porque podiam-lhe pedir cópias e, portanto, também lhe convinha ir arquivando, e isso foi feito por uma auxiliar.

Pouco depois dele morrer também e coincidindo com uma alteração da microestrutura interna salvo erro, as coisas foram arrumadas aqui dentro. Esses negativos devem ter sido retirados do tal arquivo metálico e devem ter sido encaixotados.

Esse trabalho dele foi “abandonado”, digamos assim, na época em que o restauro se instalou aqui. Com a renovação da microestrutura, a microfilmagem passou para onde está a digitalização, porque foi numa altura em que a digitalização

estava a dar os primeiros passos aqui dentro, isto foi no princípio dos anos 2000. E aqui ficou o restauro. Se estiver interessada a quem poderá eventualmente falar um pouquinho melhor disto do que eu, porque nessa altura era ele que era o chefe de divisão era o Dr. Júlio.

E, portanto, presumo que as pessoas arrumaram o melhor possível. É provável que esse arquivo tenha sido desmantelado nessa altura, tenha sido metido em caixotes e as pessoas disseram, "põe-se ali e depois logo se vê, vamos pôr aqui e depois logo se vê", mas não houve em termos diretivos nenhuma instrução, não houve nenhum cuidado para preservar ou organizar aquele material.

O Valente fotografava muitas atividades, nomeadamente o material bibliográfico das exposições que o Dr. Jorge montava. Como funcionava esse processo?

Eu vim para aqui em 1985 e comecei nos finais dos anos 80 a participar na organização das exposições. E ele já era muito requisitado e era muito afetável a essa tarefa pelo Dr. Luís Cabral, que já era diretor nessa altura. Ele prestou muito apoio nessa matéria durante toda a década de 90 e princípios dos anos 2000. A direção afetava-o, portanto, eu, enquanto responsável pelas exposições, enquanto organizador, selecionava o material que eu queria que ele fotografasse.

O trabalho dele era orientado, por mim e por quem me antecedeu e pelo próprio diretor. Era ele que fotografava, mas nós dizíamos-lhe. O trabalho tinha que ser muito orientado.

Nas inaugurações diziam-lhe para fotografar determinados ângulos ou ele tinha liberdade total para escolher o enquadramento e o que fotografava?

Era a liberdade total dele. Completa. Na inauguração da exposição, ele circulava pelos claustros, dentro da exposição… era total liberdade, ninguém dizia "você apanha aquele, tira assim deste ângulo ou daquele" não. Aí era total liberdade.

Valente tinha capacidade de fazer vários tipos de fotografia? Sendo orientado ou não, conseguia dar resposta?

Sim. Claro sim, dava, com certeza.

Sentia que ele fotografava de forma meramente técnica (para registo) ou tentava dar um cunho artístico às suas fotografias?

Não. Para ele o que era importante era apanhar a pessoa, não tanto a posição ou enquadramento. Porque ele não tinha formação específica. Ele era um amador cuja valência foi valorizada dentro do emprego dele, dentro da biblioteca.

As pessoas desde cedo perceberam que ele fotografava e tinha jeito e ele gostava porque isso permitia-lhe também alguma liberdade. Ele ficava muito contente por ir fazer fotografia para o Presidente. Ele gostava de ter essa liberdade e fotografar aquelas pessoas, mas, efetivamente não. E de facto havia muita fotografia que deixava muito a desejar porque qualquer pessoa aqui dentro ao ser fotografada por ele, teria alguma coisa a reclamar ou reclamava normalmente: “Então Valente, apanhaste-me assim “, e ele lá dizia qualquer coisa, ele era um tipo assim muito bonacheirão e dizia qualquer coisa, “oh, minha querida, tu é que te mexeste”. Mas não tinha essas noções técnicas que um fotógrafo com formação tem e sabe como fazer. Portanto, em dez fotografias se calhar duas, três ou quatro eram dispensáveis. Mas as pessoas gostavam, ficava-se como uma recordação do momento. E isso é que é importante, porque todos nós tínhamos essa noção das limitações dele. Era uma época em que se apostava muito na prata da casa tendo consciência das limitações de cada uma das pessoas, apostava-se muito na prata da casa. O senhor Valente dava resposta, uma resposta boa àquilo que era pretendido dele, porque depois nós também escolhíamos as fotografias. As dos eventos, das inaugurações, era posto aí a circular e as pessoas quem queria, comprava, ele fazia cópias. E às vezes pedíamos para repetir uma vez ou duas ou três, o que fosse necessário até ficar bem. Lá está mais uma limitação ele não tinha muita noção da luz, dos jogos da luz. E verdade seja dita também que o material que ele tinha era muito limitado. Tinha uma máquina, ele inicialmente e durante bastante tempo, bastantes anos, ele fotografava com uma máquina dele. Com as máquinas dele. Só já há muito tarde, se não estou enganado, já a partir de 2000, quando o Dr. Júlio assumiu a chefia de divisão da qual ele estava integrado, é que adquiriu uma máquina, que eu acho que ainda anda para aí. Mas ele mesmo assim gostava de trabalhar com as dele, o que é compreensível. E não tinha este material que um fotógrafo profissional tem. Podia ser melhor que a minha ou que a sua, admito que sim. Mas não era muito mais do que isso. Normalmente era mais no controlo e no domínio da luz que poderia haver falhas. Não era tanto em termos de nitidez. E, portanto, era... Mas temos de ter noção que era um amador, era um homem que não tinha formação específica na área da fotografia.

Era um colega fácil com quem trabalhar?

Era bonacheirão e nunca se zangava com ninguém, que eu saiba, que me lembre, nunca vi nada que me permitisse concluir isso, era uma boa pessoa.

Depois de fotografar, mostrava o resultado? Havia alguma discussão sobre as fotografias que tirava?

Ah sim, claro. E havia essa discussão. E nós escolhíamos, tínhamos toda a liberdade para escolher (as fotografias). E depois, em tipografia... Mais uma vez, selecionar, de acordo com as provas de cores e até eventualmente mandar repetir. Isso, ele estava aqui, como se costuma dizer, era para trabalhar, era para fazer esse trabalho e fazia-o enquanto funcionário da biblioteca.

Sentia que ele tinha orgulho nas fotografias que fazia ou era apenas mais uma tarefa?

Ele ficava contente e era capaz de dizer, fui eu que fiz, é o meu trabalho... O senhor fulano gostou muito, mandou uma mensagem, agradeceu. Era ele que geria muito o trabalho dele aqui dentro, era capaz de dar prioridade a um pedido em detrimento de outros que vinham da sala de leitura de leitores perfeitamente anónimos. Não o fazia à procura de recompensas materiais, mas pelo reconhecimento que lhe podia ser dirigido.

Na biblioteca, como é que os outros viam Valente? Era visto como 'o homem que tirava fotos' ou já era reconhecido como o 'fotógrafo da casa' na altura?

Desde que eu entrei para a biblioteca e o conheci, tive sempre essa ideia de que as pessoas o viram como o fotógrafo da casa era o técnico da microfilmagem, mas era o fotógrafo da casa. Ele, durante muitos anos esteve sozinho aqui na microfilmagem, a equipa da microfilmagem era ele, mas ele nunca chegou a ter nenhum nenhum cargo, não era como outros colegas aqui dentro que foram coordenadores de serviço. Não havia mais ninguém. Eu vim para aqui em 1985, e só existia ele, não existia mais ninguém. Ele fazia esse trabalho de microfilmagem, como eu já referi, e fazia o trabalho de fotógrafo. Ele para todos os efeitos era o nosso fotógrafo, embora a categoria dele não dissesse que era fotógrafo. Ele era técnico, o que seria hoje um assistente técnico. Não havia a categoria de fotógrafo, ele não tinha categoria de fotografo. Tanto quanto me lembro de conversas que tive com ele, essa valência de fotógrafo que ele já trazia de fora foi sempre aproveitada na casa. Até à morte de ele, toda a gente, todos os diretores, o Dr. António Cruz, depois a Dra. Fernanda de Brito, e o Dr. Luís Cabral, que penso que foram os três diretores que ele apanhou aqui na biblioteca. Mas nós víamo-lo muito como fotógrafo. Era o fotógrafo. “O senhor Valente da microfilmagem”, era assim que as pessoas se referiam a ele e toda a gente sabia que fazia fotografia. Porque era o fotógrafo pronto.

Valente era o fiel de Biblioteca?

Sim, no início, eu julgo que ele que veio para a biblioteca nos anos 50, começou a trabalhar na biblioteca nos anos 50. Não sei precisar o ano em concreto, se ele me disse alguma vez eu esqueci-me, não tenho essa informação, mas penso que foi nos anos 50. E era essa a categoria que ele tinha, mas essa categoria não

perdurou sempre até à morte dele, houve várias reorganizações internas da Câmara que abrangeu várias categorias aqui dentro.

Encontrei algumas fotos onde aparecem os objetos posicionados propositadamente para a fotografia. Ele costumava 'preparar o cenário'?

Não, isso era alguém que fazia, não estou a reconhecer, mas certamente que não foi ele. Não tenho essa memória (de ele arranjar os cenários).

Como era o trabalho de fotografia de Valente?

Ele tinha uma valência muito apreciada enquanto fotógrafo no trabalho que produzia internamente. Ele conhecia, porque lhe passaram muitas vezes muitas peças da Casa Forte nomeadamente manuscritos (para exposições, para empréstimos para isto e para aquilo), e tinha sensibilidade para fotografar esse tipo de material. Em relação às suas capacidades, era mais ou menos consensual, que ele não era um fotógrafo de primeira linha, digamos assim, como há outros fotógrafos muito conhecidos e alguns dos quais até prestaram trabalho para a Câmara e para a própria Biblioteca.

Tanto que houve um ou outro trabalho, como os tesouros da biblioteca por exemplo, em que ele não trabalhou. Mas dava perfeitamente resposta ao trabalho interno nessa matéria, e há aí muitos catálogos que que são a prova disso. Portanto ele produzia as imagens para o Catálogo e muitas vezes para reprodução, para as exposições, para painéis, para isto, para aquilo. Portanto ele fazia esse trabalho.

No caso do Sr. Valente, tinha que se, como se costuma dizer vulgarmente, andar um bocadinho em cima dele. Nunca houve atrasos, nunca houve falhas. Como ele era bastante solicitado pelo protocolo tinha muitas saídas, mas isso nunca afetou significativamente, que eu saiba, o trabalho dele aqui dentro.

Acha que o Valente tinha noção da importância histórica do que estava a registar (as obras, eventos, pessoas), ou para ele era apenas mais uma tarefa do dia-a-dia?

Eu acho que era mais isso (era uma coisa muito espontânea e porque lhe pediam), ele tinha consciência da importância (do que fazia) para o trabalho que era ou para a pessoa que era. Mas não me parece que visse as repercussões que o seu trabalho pudesse ter no futuro. Ele percebia a importância, que era para esta pessoa, para aqui, para acolá e tinha gosto nisso. E quando a publicação era feita ou quando havia repercussão disso, podia ser através do simples

agradecimento do investigador, ele ficava contente. E, como se costuma dizer, puxava os galões dele também.

As fotografias das obras da biblioteca: Tem recordação dessas fotografias serem realizadas por Valente?

Não tenho. Eu cheguei a vê-las, acho que cheguei a vê-las. Não tenho memória pelo simples facto de que... Eu sei que ele fotografava até por iniciativa própria.

As obras começaram pouco depois de 25 de abril, não sei se foi em 76, 77. Eu não estava cá, porque ainda estava no liceu. E depois entrei em 85, estando ele cá, admito que possa ter sido ele que fez muitas dessas fotografias que existem aí, a mando ou por iniciativa própria, ou então de uma forma mais sistemática. Mas eu cheguei a ver fotografias das obras, parece-me sobretudo o início das obras, porque são fotografias assim de Cabouqueiro. Mas não sei se foi ele e se o fez a mando da direção da altura, a Dra. Fernanda de Brito. Mas ele fotografava de vez em quando, fotografava os serviços, fotografava quem andava por aí, lembrava-se e tirava umas fotografias, mas sem qualquer planeamento sem qualquer propósito que não fosse fazer a fotografia para, mais tarde, recordar.

Se não tivesse guardado estes caixotes (ou se ninguém tivesse olhado para eles), o que é que se perderia da História da biblioteca?

Perder-se-ia a memória da biblioteca. Porque se não tivéssemos essas fotografias mesmo fotografias que ele fez de inaugurações e festas de Natal, dos funcionários, festas de despedida de reformados, etc., sentiria que, de facto, se tinha apagado a memória da biblioteca. Porque essas fotografias são a memória de cada um de nós, fazem muito a memória desta casa. É evidente que outro tipo de material, como as nossas publicações os nossos catálogos, fazem essa memória também. Mas as fotografias dele, da visita do doutor Márcio Soares, do António Guterres, da Princesa da Tailândia, enfim, muita gente… Se ele não as tivesse feito e se elas não existissem perder-se-ia (as memórias). Porventura poder-se-ia detetar nos relatórios. Porque os relatórios da Biblioteca foram feitos sistematicamente, anualmente pelo doutor Luís Cabral e depois dele sair há uma publicação em que ele compilou toda essa atividade, tudo isso faz a memória da Biblioteca. Mas sem dúvida que as fotografias do Sr. Valente mesmo aquelas que que são mais de atos sociais são importantes.

O que é que espera que seja feito com estas fotografias no futuro em termos de construção da memória e em termos de coleções? Na sua perspetiva, qual é que era o lugar destas fotografias?

Nessa altura, em determinada altura, em meados dos anos 2000, quando eu até dei conta disso em reuniões chefias e tal, houve até mais do que uma vez, uma

tentativa de conseguirmos fazer algum inventário dessas fotografias - de todas essas fotografias, que estão nos caixotes e porventura outras que não estão, com a ajuda do Arquivo Histórico da Casa do Infante, porque eles tinham forma na altura, coisa que nós não tínhamos. Tinham capacidade técnica para, nomeadamente nos slides também, e nos slides pelo menos nós temos bastantes slides, ou tínhamos, não sei. No fundo, ter acesso à imagem dos negativos. Isso nunca se conseguiu fazer, porque há sempre aquela cultura de capela. Não se conseguiu. Pelo menos duas tentativas e não se conseguiu fazer. Mas eu gostaria que efetivamente esse material fosse valorizado, fosse considerado como material de facto muito importante.

Porque é muito por aí que se faz a história da Biblioteca nestes últimos 30, 40 anos. E que fosse feito um inventário eventualmente algum projeto até de um repositório digital com esse material, e acima de tudo, que fosse guardado, conservado. Eu gostava, não acho que seja um material secundário ou pior do que isso, para destruir.

Espero que haja um dia essa possibilidade de o fazer.

É um material que está abandonado, e acho que podia ser um projeto muito interessante por parte de alguém que o agarrasse aqui na biblioteca. Nem sempre houve essa sensibilidade essa abertura por parte das últimas direções. Têm sido muitas desde os anos 2000, desde o início deste milénio. As pessoas escudam-se muitas vezes, todos nós escudamo-nos muitas vezes, com o trabalho e com outras prioridades e tal. Mas isto é um trabalho muito importante, este material era muito importante que fosse trabalhado, porque é de facto uma grande fonte de informação e é muito a memória da biblioteca.

Eu quando vejo fotografias por exemplo, tiradas por ele na cantina da biblioteca de festas de despedida de reformados, nomeadamente um da antiga diretora a Dra. Fernanda de Brito. Eu era novito, tinha acabado de entrar também, e vejo lá muita gente que já não está cá. Nos anos seguintes foi saindo, foi-se reformando num processo como o que nós estamos a viver neste momento, para mim aquilo diz-me muito e é importante ter-se sinalizado, marcado aquele momento, porque de outra forma ter-se-ia perdido.

E é uma visão intimista da instituição?

Claro. E se este trabalho, se tivesse sido possível começar a fazer este trabalho há mais anos, nós teríamos podido contar com o contributo de muita gente que já não está cá, até para identificar pessoas, identificar momentos, anos, quando é foi, quem é este, quem é aquele. Isso era muito bom. E, portanto, isso não se conseguiu e cada vez vai sendo mais difícil porque, entretanto, há toda uma

geração digamos assim, que está a sair e a que vem não vai conseguir fazer esse trabalho.

É um trabalho, de facto de preservação da memória da biblioteca muito importante, como é importante manter os arquivos do expediente, das publicações, muita coisa. Isso é importante, é a memória da própria biblioteca.

Acha que o facto de serem fotografias e não documentos, (ou livros) que isso possa ter tido alguma implicação?

Acho que sim. Não sendo nós uma instituição vocacionada para ter a fotografia para a organizar para a valorizar, portanto não é um material que nós estamos vocacionados para ter. Isso foi sendo, foi se protelando. E só não se perdeu porque houve uma outra pessoa que vai encostando, vai mantendo. Mas é um pouco isso, mesmo em termos de fotografia da fotografia que está na Casa Forte por exemplo, nunca foi assim muito valorizada, também não foi muito valorizada porque há várias causas por que a casa forte, tal como este serviço e outros, durante muito tempo, muitos anos, contou só com uma pessoa. E, portanto, esse tipo de material esteve muitas vezes em gavetas, muitas vezes em gavetas, nós temos, penso que sabe, se recorda já passou pelas mãos quinze fotografias do 31 de janeiro, que são imagens dos barcos ali em Leixões, com os prisioneiros da revolta do 31 de janeiro com ser degradados para a África, que é um material que nos últimos anos tem sido usado sempre que há exposições ou qualquer outro tipo de atos sobre o 31 de janeiro. Mas essas fotografias tiveram durante décadas em gavetas. Não havia ninguém para as tratar. E também a explicação é porque a Casa Forte no século passado- no princípio nas primeiras décadas do século XX, até os anos 50 - não existia tal como nós a conhecemos. E quem era o “dono” da Casa Forte era o diretor. Depois foi criado o espaço, foi destinado aquele espaço para casa forte e depois passou-se a ter um funcionário, era o Sr. Vale, E depois dele, isto já mais nos anos 70 e 80, quem geria era uma bibliotecária que estava na catalogação e que era chamada à Casa Forte quando havia um leitor que queria consultar qualquer livro, qualquer outra peça, e dava à leitura. Um técnico adjunto, ficava na sala a tomar conta.

Mas não havia qualquer trabalho de gestão em termos de catalogação, era só praticamente dar à leitura. E no final dos anos 80, quando o Dr. Luís Cabral tomou conta da direção em 86, 87, ele trouxe a Dra. Maria Adelaide Meireles, que estava no Arquivo Histórico, na Casa do Infante, E trouxe e disse pronto, pode ser vamos ter aqui uma bibliotecária a tempo inteiro a trabalhar nisto e vamos ter aqui uma técnica também adjunta uma assistente técnica a trabalhar, portanto o serviço manuscritos e reservados passa a contar com este corpo de técnicos a tempo inteiro. Também se manteve assim durante muitos anos depois foram integrando o serviço a outras pessoas, até agora somos oito, nove, com possibilidades de vir a ser dez. Mas neste momento é uma multidão comparando com esses tempos.

Não havia casa forte, depois passou a haver uma pessoa que, em part-time, lá ia para dar à consulta, porque os catálogos que eram utilizados eram os catálogos que tinham sido feitos praticamente todos no século XIX, os catálogos reservados, manuscritos e reservados eram praticamente do século passado. Foi assim que as coisas se foram processando e a propósito da fotografia as pessoas não o faziam. Até à doutora Adelaide Meireles, não havia praticamente trabalho de catalogação.

O trabalho de catalogação que tinha sido feito até aí, e como se pode comprovar pelos catálogos era muito feito pelos próprios diretores O Sampaio Bruno, o Joaquim Costa, o António Cruz, que se debruçou sobretudo sobre o catálogo de Manuscritos, porque isso era prestigiante para eles também, porque eles eram figuras, eram muito intelectuais, eram professores universitários um ou outro era professor universitário e escritores. Sem desprezo para as pessoas que atualmente e recentemente têm sido diretores da casa não tem qualquer paralelo. Eram intelectuais, eram pessoas realmente com grande valia intelectual. Porque era uma "coutada", porque era uma forma também de eles próprios trabalharem em exclusivo e até editarem, daí a coleção de manuscritos inéditos da biblioteca Pública, em que há vários que foram publicados, estudados, transcritos e publicados debaixo da orientação do Sampaio Bruno, por exemplo, por ele próprio ou sob orientação, ou por outros técnicos, outros bibliotecários, mas com orientação dele.

Era uma espécie, durante muito tempo, aquilo foi aquele núcleo digamos assim, que está ali e foi muito "coutada" dos diretores e que nunca mostraram grande apetência pela fotografia. Também que nunca mostraram grande apetência porque eram pessoas muito vocacionadas de formação e muito vocacionadas para as humanidades, eram quase todos das humanidades economistas, ou sociólogo ou de outras áreas a dirigir a biblioteca no século XX.

Portanto, eram todos de humanidades. História, histórico-filosóficas, letras…E essas coisas têm várias explicações. Não é só porque aquela pessoa não teve vontade não temos que ver as coisas de forma mais integrada, o que importa agora é o presente e o futuro.

Acredita que têm um lugar nas nossas coleções e na construção da nossa memória?

Sim, sem dúvida. Na construção da nossa memória, acho que sim, com certeza. E daí, eu em determinada altura, como já lhe contei quando as encontrei ali nas escadas, ter levado para o meu gabinete porque a minha preocupação, (eu não tinha hipóteses, não tinha eu pessoalmente nem tinha meios para fazer esse trabalho), mas tive medo que se perdesse. Que alguém mandasse destruir aquilo porque entendia que era material menor e sem ver exatamente o que é que lá estava levei para o meu gabinete, foi exatamente com essa preocupação e com

essa intenção de que um dia mais tarde, senão os que cá estão, aqueles que vierem a seguir, alguém que venha a seguir faça esse trabalho.

Entrevista Ana Carvalho

22/01/2026

A Ana falou-me que o seu pai tinha estudado na Soares dos Reis, em Artes Decorativas. Lembra-se de ele falar dessa altura Em que estudava?

Sim. eu me esperava sempre por ele para que ele vinha jantar. Ele chegava a casa lá para as onze horas, onze e meia mais ou menos. E ele fazia sempre uma omeletazinha e eu ia comer para a beira dele. Portanto eu lembro-me dele falar. Inclusive, ele andava também com um amigo nosso que depois foi dar aulas de trabalhos manuais.
Mas o meu pai já estava a trabalhar, porque a formação que ele fez lá, naquela altura, dava acesso ao ensino, eles podiam dar aulas de trabalho manual. Ele fez, eu estive a ver, ele fez o curso de Desenho? Porque dentro da escola, Artes Decorativas Soares dos Reis, que era assim que se chamava antigamente, agora é Escola Artística Soares dos Reis, mas aquela era Artes Decorativas Soares dos Reis.
E ele fez o curso de desenho porque havia textos, havia várias coisas, mas mesmo que era desenho até porque tenho lá uma pasta ainda com alguns trabalhos. E falava porque gostava. Ele foi para lá porque quando ele era pequeno, e andava na primária, a professora pediu para eles fazerem um presépio e levarem.
E ele desenhou um presépio pintou, e trouxe um recado para casa, para o meu avô ir lá para ser puxado as orelhas porque os trabalhos têm de ser feitos pelas crianças, não pelos adultos. O meu avô disse que tinha sido ele a fazer. E então a professora disse que ele poderia seguir artes, mas, naquela altura, não havia possibilidades.
O meu pai, aos 11 anos, foi trabalhar com o meu avô para uma casa de fotografia que o meu avô tinha em São Bento, em frente à Estação de São Bento.

Lembra-se do nome das casas de fotografia?

Não me lembro do nome, também já perguntei às minhas tias mas não se lembram, a minha tia lembra-se que ia entregar envelopes e as fotografias aos clientes mas não se lembra da casa e depois ele abriu outra na batalha, eles moravam na batalha, por cima do café Águia d'Ouro e mais ao lado um bocadinho

tinha a casa de fotografia e eu voltei a perguntar: “oh tia mas não te lembras? não, não, não me lembro, sabes que eu era mais novita não me lembro agora o pai foi trabalhar com o avô para a fotografia tinha 11 / 12 anos, não havia dinheiro” E então foi trabalhar com meu avô já trabalhava no Século acho que começou no século, passou pelo Primeiro de Janeiro passou pelo Notícias acabou mesmo a vida profissional.

Como é que se chamava o seu avô?

Álvaro Valente.

E era o pai do seu pai?

Era o pai do meu pai. Ele era repórter fotográfico.

E o seu pai, sabe o que é que ele fazia quando começou este trabalho? Fazia também fotografia ou ajudava apenas no estúdio?

Ele fazia as revelações e acompanhava o meu avô também, mas quando não era do jornal, quando eram trabalhos particulares, casamentos e não sei o quê, o meu pai ia com ele.

O seu pai quando estudava em Soares dos Reis ele estava no curso de desenho, era só de desenho ou ele tinha várias disciplinas?

Era só desenho. Acho que era, mas eu vou ver bem isso porque eu tenho... na pastinha dele tinha lá assim qualquer coisa então eu vou... porque também tinha lá de centro geométrico, portanto acho que... Eu não teria tido a pesquisar naquela altura, porque o meu pai, quando foi estudar, eu tinha mais ou menos, diz a minha mãe, uns 5 anos, deve ter sido em 1965, e eu, na altura, fui fazer uma pesquisa, quais eram os cursos que havia no Soares dos Reis em 1965, e aparece lá um tal desenho, mas tinha mais qualquer coisa, não sei se era desenho artístico. E ele ficou lá até aos meus 12 anos, mais ou menos.
Ainda foi um curso bastante extenso porque era à noite que ele estava. Quando saía da biblioteca é que ia para a escola. Porque ele na altura tinha um horário flexível e ele depois saía e ia para a escola Isto lá.

E, portanto, aquilo que ele, efetivamente, mais valorizaria nesse curso seria então a parte do desenho a composição...?

Sim, sim, sim. Ele também fazia algumas pinturas. Fazia Também tenho lá umas pinturazinhas e, aliás ele tinha, onde nós estávamos, ele tinha lá quadros que ele tinha pintado. Uma caveira, assim, umas coisas.
Eu não sei onde é foi parar. Não sei se ele mudou para casa, ele não vivia connosco. Os meus pais separaram-se e o meu pai estava a viver com uma senhora, com a mãe do meu irmão. Portanto essas coisas, já depois de ele se aposentar foi para a casa dele. Não tenho mais nada, as coisitas que eu tenho foi até quando ele esteve lá em casa.

E tendo em conta essa relação do seu pai com o pai dele, essa relação com a fotografia, como é que era? Lembra-se de ele falar sobre isso? Ele via isso apenas como um trabalho?

Não, ele gostava mesmo do que fazia inclusive não tinha hora de sair da biblioteca e ele fazia os trabalhos de todos e inclusive iam lá leitores falar com ele e ele ajudava e fazia as coisas.
Gostava mesmo. Ele aposentou-se aos 70 anos porque foi obrigado, porque senão não vinha. Às vezes dizia-lhe: "ó paizinho vai embora, vai descansar, dá lugar aos mais novos." E ele respondia: "Eu gosto muito do que faço." Chegou a dormir na biblioteca, mas isto foi-me dito pelo segurança, uma vez eu entrei e ele disse, que o meu pai tinha ficado a dormir. E eu disse: "será que ele adormeceu? Mas estava bem?" E ele disse, está. O meu pai era cardíaco e já tinha tido dois enfartes e foi disso também que faleceu.
Não sei porque é que ele ficou lá. Não sei se por exaustão ou alguma coisa que se passou ele ficou lá. Mas ele ficava sempre até muito tarde. Eu gostava muito do trabalho dele.

Portanto ele estava na microfilmagem? Ele também fazia fotografia?

Sim, estava na microfilmagem, mas a microfilmagem foi uma coisa recente para ele, porque antes era só mesmo fotografia e para além de trabalhar na biblioteca e fazia fotografia pela câmara toda.
Eventos, personalidades que iam lá fazer visitas... Ele ia lá sempre fazer as fotografias. Depois, mais tarde, é que veio uma maquineta de microfilmagem. Pronto e ele é que estava mais ligado à fotografia. Ele fotografava os jornais, imagina uma mesa como a da guilhotina. Era assim uma mesa grande. Mas depois em cima tinha uns candeeiros grandes que era para iluminar. E a parte de baixo era transparente, era de vidro. E a de baixo subia, portanto ele metia os jornais, tinha uns pedais em baixo e ele subia até esmagar os jornais para eles ficarem bem esticadinhos para tirar a fotografia.
A máquina estava em cima e ele tirava a fotografia. Depois saíam os negativos, o rolo dos negativos, e eles eram metidos na máquina e através dos negativos é que ele fazia o microfilme. Isso era muito trabalhoso, porque aqueles rolos que andam aí de papel eram os rolos dos microfilmes.

Depois também se tinha de meter esse papel. Isso eu via porque ia lá e ele punha-me a mexer os químicos porque eles eram regulados lá também. Mas ainda estavam lá aquelas tinas e ele fazia os químicos e misturava os químicos no molde. Eu às vezes ia lá, vinha da escola e ele: "Mexe aqui e eu estava lá a mexer" e eu: "Ó paizinho ainda não está?" e ele dizia: "não, ainda não está." Ia com ele para a câmara escura, para o lado contrário das bancas, tinha uma luz vermelha e tinha mais ali umas bancas também. E ele via ele a revelar e ele fumava na altura, uns cigarros que cheiravam muito mal porque eram os negritos. Eu via ele a mexer o papel na água, a aparecer as imagens, e aquilo era muito interessante. Depois deixou de fumar porque teve um enfarte, e deixou mesmo de fumar e era só a luzinha. E às vezes, tanto numa porta como na outra, tinham umas cortinas pretas e eu às vezes era assim: "quero ir embora". E ele falava: "não, não podes sair." E então às vezes abria um bocadinho e eu saía pela porta do fundo.
Mas acompanhei sempre e ele fazia aquilo porque gostava muito. Ele sempre gostou da profissão.

E acha que ele se via como um artista dentro da biblioteca ou era um técnico?

Não, ele era um técnico, mas as pessoas viam-no como um artista. Porque ele tinha sempre muita procura e queriam o que ele fosse fazer fotografia.
O Dr. Sílvio só queria que ele fosse ele a fazer, o doutor Luís Cabral também. E depois já havia mais fotógrafos na Câmara, mas as fotografias dos livros das publicações, os postais, são fotografias deles.
O trabalho que o seu pai tinha na biblioteca - ele entrou como fiel da biblioteca - Tem recordação dele falar nesses primórdios?
Ele entrou nos anos 60 /62 a minha mãe diz que eu ainda nem tinha 2 anos, tinha 1 ano e pico. Eu sei que o número mecanográfico dele era um número muito baixinho.

Lembra-se de, em casa o seu pai falar sobre a fotografia, sobre o que ele gostava de fotografar?

Sim, ele gostava de fotografar tudo. Ele em casa, ele fotografava-nos de todas as maneiras. Era em pijama, eu e o meu irmão nu a tomarmos banho cá fora, de mangueira. E ele tirava a fotografia. Ele se visse alguma coisa que ele gostasse ele tirava logo a fotografia. Mesmo na biblioteca, imagina: aparecia lá alguém com uma criança ou com o filho e ele dizia logo: "Esperai aí que o tio Valente vai buscar a máquina." Tinha de tirar a máquina. E às vezes diziam-lhe: "lá vai ele me dar despesa." "Não, não vais pagar nada."

Acha que ele tinha um interesse especial em fotografar pessoas?

Ele gostava de tudo. Era momentos, era pessoas, era monumentos era flores era pássaros.

E acha que isso tem a ver com a forma como ele via, tentar transmitir a forma como ele via o mundo?

Sim, acho que sim. Meu pai era uma pessoa muito serena e já era muito culto para aquela altura. A bagagem de cultura geral já muito avançada para a época e tentou-nos incutir isso, que a primeira coisa, o primeiro livro que ele nos deu foi o dicionário e sempre nos disse que quando ouvíssemos na escola ou na rua uma palavra que nós desconhecíamos o significado para irmos lá procurar e nós fazíamos sempre isso.

Lembra-se do seu pai de ter algum hobby?

Tinha. Ele fazia kits, que, entretanto, ofereceu muito ao Museu Militar. E acho que tem para lá um louvor qualquer dentro do Museu Militar, que eram os kits de guerra. Eram os soldados, os aviões, e ele montava tudo e pintava tudo à época. Ele tinha os livros e era tudo pintado, tudo, tudo, tudo pintado mesmo com as cores.
Eu gastava um dinheirão naquilo. E ele tinha coisas maravilhosas. Aliás eu pedi à minha mãe, ao meu pai, que ele me oferecesse uma caravela grande que ele tinha construído. Não sei se conhece aqueles kits que são aquelas peças muito pequeninas, pronto. E ele estava ali horas com aquilo, era óbvio dele. E ele tinha-me dito que estava a fazer uma caravela grande.

Não há grande contato com o outro lado?

Não, porque ela (a madrasta) agora está com Alzheimer. Eu tinha uma relação normal com o meu irmão mais novo. Eles frequentavam a nossa casa e tudo, com as minhas sobrinhas, que são próximas. Mas houve um desentendimento nunca percebi porquê.
Eu sempre fui muito ligada aos meus irmãos embora eu não fosse filha do mesmo casamento. Mas, havia ali qualquer coisa que me puxava para ele e ele para mim. Ele quando chegava à biblioteca atirava-se logo para mim, e ele era pequenino.
Portanto, não foi assim uma convivência muito grande, nunca fui até à casa deles, mas tivemos sempre uma ligação de irmão e irmã.

O que é que o seu pai, sabe o que o seu pai fazia no dia-a-dia quando não fotografava?

Via filmes. Via filmes, lia livros gostava muito de ler. Ele tinha muitos livros e gostava muito de ler. E via filmes, muitos. Preferia policiais e épicos, históricos também, isso ele gostava muito, e estava sempre com o livrinho na cabeceira.

Sabe se o seu pai fazia trabalho noturno na biblioteca?

Fazia, fazia muitas vezes. Era só dentro da área dele.

Lembra-se de sua memória, do seu pai falar, de ter fotografado as obras nos anos 70 e 80 na biblioteca?

Sim, tenho. Eu em 70 já tinha 10 anos e lembro-me muito bem. Lembro-me de vir almoçar com ele quase todos os dias aqui, e lembro-me das obras todas. E até diziam que eram as obras de Santa Engrácia porque acabavam umas, começavam outras, e lembro-me perfeitamente disso.

E tem a recordação de coisas que o seu pai dizia a respeito das obras que ele fotografou?

Sim, fotografava tudo.
Sim, lembro-me até lembro do responsável da obra, que era o Sr. Machado, o sítio onde é agora as casas de banho no 1 piso, era onde era o gabinete do meu pai e ao lado era o gabinete técnico que era onde eles punham os projetos e tudo das obras.
Portanto, eu lembro-me que o Sr. Machado, que era o responsável da obra, eles falavam muito e o meu pai estava às vezes a ver com ele as plantas e eu ia com ele ver as coisas.
Sim lembro-me, ele falava muito e era muito interessado porque ele vinha com ele, ele andava lá com o Sr. Machado e andava com a máquina.

E ele fotografava a pedido alguém?

Não, ele tinha iniciativa.
E não lhe foi incutido nenhum pedido de registo Eu penso que não, eu penso que ele fez isso por iniciativa própria, na altura era a doutora Fernanda Brito, mas a doutora Fernanda Brito também era muito interessada, porque eu tenho uma fotografia dela metida dentro do túnel, eu nem sei onde é que ela está, do túnel que vai, do subterrâneo que vai, da biblioteca ao Colégio da N. S. da Esperança.

E ele mostrava fascínio, tristeza, o que é que ele sentia?

Ele era uma pessoa muito bem-disposta e não mostrava muita tristeza de as coisas estarem a desaparecer.
Ele gostava da inovação, gostava da evolução. Eu acho que nunca me apercebi dele mostrar tristeza da biblioteca estar a fazer obras.

Lembra-se de ter visto as fotografias que ele fazia nessa altura?

Lembro-me, ele estava a revelar e eu estava assim a ver.

E acha que as fotografias que ele fazia eram meramente documentais ou pretendiam mostrar mais alguma coisa?

É assim, depende do tipo de fotografia que se fosse, das obras eram documentais e também por interesse. Ele também gostava e fotografava, sei lá, uma escultura que ele visse e ele tirava a fotografia. Não que lhe pedissem, mas ele tirava porque achava interessante.
Agora, documentais sim, havia sempre a direção que lhe pedia para ir fazer as fotografias e até mesmo na câmara era a pedido o que ele ia fazer. Portanto seria documental nessa altura e se ele visse alguma coisa que ele achasse interessante, ele tirava.

Lembra-se do equipamento que o seu pai utilizava na biblioteca, câmaras os equipamentos que ele tinha na biblioteca?

Eram dele, ou seja, ele próprio comprava e inovava e comprava coisas modernas até ao momento em que ele estava a tirar uma fotografia na sala de leitura e um leitor levanta-se, bateu-lhe e partiu-lhe a máquina a dizer que não autorizava que ele fotografasse.
Ele disse: “eu não estou a fotografar pessoas, não vou mostrar caras de ninguém. É o meu trabalho e é que eu estou a fazer.” Na altura ele foi parar ao hospital e foi tirar a minha máquina e como a máquina não era de cá, era dele, não lhe deram nada, ele ficou com o prejuízo e então a partir daí começaram a comprar material.
O meu pai quando se aposentou deixou aqui algumas coisas, uns livros e deixou uma máquina, era um ampliador. Eu quis doar, mas aqui ninguém quis. Eu depois acabei por dar. Pus no OLX e disse que não vendia, oferecia a quem tivesse interessado e gostasse da fotografia, nem que fosse para uma peça de museu, então apareceu um rapaz que já tinha ajudado o meu pai a fotografar e que disse que tinha sido ele a ensiná-lo a fotografar. E eu disse: “então pronto, é assim, eu vou lhe oferecer. “
As máquinas de fotografar eram dele. Os químicos e essas coisas era ele que comprava.

No fundo, a Câmara, ele trabalhava com os custos dele e era da Câmara.

Lembra-se em que ano é terá ocorrido esse incidente na Sala de Leitura Geral?

Ora, na Sala de Leitura Geral já era esta sala nova que estava lá. Já não era a antiga, era esta sala.
Mas não me lembro da data. Se tivesse aqui o Jotinha, lembrava-se.

Lembra-se do seu pai ter alguma máquina de fotografia preferida?

Tinha, era a Canon. Era uma Canon. E ele deu-me uma, ofereceu-me uma *Zenith*, que era pesada, era muito pesada. Eu ofereci também ao meu primo, que também gosta muito de fotografia. Mas era uma *canon* a que ele tinha. E que tinha muitas lentes, aquilo tinha lentes Ele tirava uma, mas metia outra.

E andava sempre com uma mala. Ele tinha uma mala, que era onde guardava os rolos e as lentes. Agora estou-me a lembrar disso tudo.

E ele andava sempre acompanhado com essa mala?

Sempre.

Era imagem de marca?

Era. Sempre. Andava sempre.

O seu pai também fazia trabalhos em termos fotografia? Também fazia trabalhos fora da biblioteca?

Fazia. Fazia muitos casamentos muitos batizados, muitas festas.

E ele tinha um estúdio em casa?

Ele trabalhava juntamente com um fotógrafo acho que a filha dele, ou é filha ou é neta, a Ângela Velhote. Ele trabalhava com o pai, ou pai ou avó não sei qual deles é. Não sei se a Ângela é filha, mas no outro dia, naquele livrinho das cores, eu encontrei lá o nome de uma Ângela Velhote.
Porque devia estar lá, devia ser miúda, eu pensei, devia ser miúda e devia estar lá no laboratório. Chamava-se FixoFoto. Isso fui lá muitas vezes. E era ali por cima da Casa dos Plásticos em frente à Estação de São Bento. Tinha ali uma

varandinha, era no primeiro andar. Tinha umas escadas assim, muito antigas de madeira, chiava por todo o lado. Tenho saudades desses tempos.
Ah, então, ele era sócio, e ali o António Velhote, eram sócios, e tinham essa casa de fotografia.
Portanto todos os trabalhos extra eram feitos com o António.

Ou seja, o seu pai sai da escola aos 11 anos, vai trabalhar com o pai dele para um estúdio de fotografia, primeiro em São Bento, depois na Batalha neste percurso entra na biblioteca, nos anos 60.

Exato eu tinha 2 anos, foi em 62, por aí. Inicia os estudos também em Soares dos Reis para aí em 66, 67, por aí.

E lembra-se quando é que ele ficou sócio com o António Velhote?

Ah, eu era muito pequenina.

Terá sido antes de ter entrado na biblioteca?

Não. Ele antes de entrar na biblioteca ele abriu um estúdio em Arouca.
E a minha mãe disse que ele queria que nós fossemos para lá. Aliás eu ainda não era nascida, era só o meu irmão mais velho ele estava em Arouca a trabalhar, mas depois não aguentou as saudades e veio embora e foi quando ele então se associou com o António Velhote e abriram a Fixofoto.

E ele, em Arouca, ele trabalhava também em fotografia?

É, ele abriu lá um estúdio de fotografia através do meu avô, com certeza.

E em relação às fotografias que o seu pai tirava, excetuando aquelas em que ele tinha que fazer porque eram pedidas, aquelas fotografias que ele fazia por gosto, tem noção de ele ter algum processo para escolher as fotografias?

Ele escrevia tudo por trás. Aliás as que eu tenho lá em casa estão escritas no álbum.
E diz lá tudo. Foi no Passal, foi na rua não sei quantos, foi um passeio de não sei quantos foi no Monte Crasto Ele escrevia isso. E estavam selecionadas por idades. Quando o meu irmão nasceu, depois... Quando a minha mãe estava grávida Tem fotografias de quando ela estava grávida A minha mãe tem 90 anos Ela foi mãe pela primeira vez Tinha 21 Portanto nessa altura Deu-se anos, sei lá É fazer as contas. Mas ele já fotografava tudo Portanto Monte Crasto É o ponto

mais alto Quando se consegue ver a cidade toda E tem uma capelinha muito bonita.

Ele escolhia as fotografias?

Sim, ele selecionava ele era muito organizado.

Acha que este processo de seleção tinha a ver com um mecanismo estético, artístico?

E também da organização e não só, mas também artístico, porque a letra dele era muito trabalhada, eu adorava a letra dele e então eu aprendi a copiar a assinatura dele.
E gostava muito de cozinhar ele cozinhava, ele inventava pratos.

Considera que seu pai era uma pessoa, em termos de fotografia O seu pai tinha um espaço de trabalho metódico organizado, que era perfeccionista, que se deixava levar pelas emoções quando trabalhava?

Não, ele era organizado, ele era perfeccionista. O meu pai também tremia, principalmente quando se enervava. Não demonstrava, mas eu notava nas mãos. As mãos dele eram iguais às minhas, assim, pequeninas, curvinhas e tremia. E eu estou a ficar igual.

Vamos falar agora um bocadinho daqueles caixotes.

Iam para o lixo. Sim.

Em que momento é que há nenhum contato com estes caixotes?

Quando a Helena me telefonou e disse que tinha umas coisas lá em cima que eram minhas porque eu tinha lá o meu pai.
E eu disse, não tenho nada. E ela disse, então vai lá em cima ver, estão lá umas coisas que dizem Sr. Valente e não sei o quê. E eu, então, fui lá em cima. Ela disse:" estou aqui a deitar isto ao lixo e alguém disse para não pôr, que era para te dar a ti, para tu trazeres." E já me tinham dado o recado para eu ir buscar umas coisas que estavam lá do meu pai.
Só que eu sabia que não tinha nada, porque as únicas coisas que estavam, e eram mesmo do meu pai, que era uma guilhotina, que estava naquele quartinho, isso eu levei para casa. E eu fui lá em cima, e disse:" Isto não é do meu pai. Isto é do serviço."

Foi no período das obras. Da custódia. Falei com o doutor Sílvio. Eu disse:" ó doutor Sílvio, tem lá em cima uma caixa com coisas do meu pai, aliás feitas pelo meu pai, mas que são de serviço, porque são da biblioteca não são dele, não são coisas particulares." Ele disse, "ó Ana, já andei à procura disso, Ana, pois não se importa trazer aqui". Foi quando eu lhe levei ele viu o que era e depois acho que mandou entregar à doutora Ana que era para desinfestar.
E foi só a partir daquele momento que tive conhecimento que aquilo estava ali. Até lá não sabia.
Eu sabia que existiam mais fotografias porque eu acompanhei ele a revelar as fotografias das obras e eu tenho na minha cabeça.
Lembro-me muito bem do meu pai andar a fotografar lá em cima no sótão. Até mesmo aquela armação do telhado. E ele tem fotografias da robustez daquela armação do telhado e ele fotografava mesmo aquela armação. E eu lembro-me dessas fotografias.

Ou seja, a Ana reconhece que o material que está ali naqueles quatros caixotes não corresponde na totalidade ao trabalho do seu pai?

Não Ele fez muita, muita muita coisa.

Há bocadinho estava a falar que o seu pai apontava no verso as fotografias.

Ou nos envelopes porque eles às vezes eram guardados em envelopes. E ele escrevia nos envelopes sempre a dizer o que era.

Entrevista Lucília Monteiro

Carimbo de data/hora	**5/27/2026 0:51:21**

Enquanto fotógrafa, como lê a intencionalidade por trás destas imagens? Considerando que Valente era um funcionário com a missão de 'documentar', encontra nesta composição (luz, enquadramento, textura) uma agência estética que transcende o mero registo administrativo?

Não é só documentar: há uma preocupação com a luz e com o enquadramento. Nestas imagens de Valente, a fachada, a estrutura de ferro, a armação do telhado, a estante, a parede e a linha do edifício criam uma diagonal forte que conduz o olhar para a profundidade do beco/corredor. Um registo administrativo mais neutro tenderia para a frontalidade e a legibilidade; aqui existe uma construção visual do espaço. A fotografia explora contrastes. As superfícies claras destas imagens e as zonas mais escuras ao fundo criam tensão visual e ritmo tonal. A luz não está apenas a "mostrar"; está a modelar volumes e atmosfera.
Há uma procura de perspetiva e de ambiente. As imagens criam uma sensação espacial que excede o mero inventário.

O mais interessante em Valente, precisamente porque trabalha com missões de “documentação”, é isso: a função administrativa não elimina a linguagem fotográfica. Mesmo quando alguém é enviado para “registar”, continua a escolher onde se coloca, o que inclui, o que exclui, quando dispara e como usa a luz. Essas escolhas já são autoria. Nestas imagens, pelo menos, há sinais de uma preocupação com a composição e a construção visual que faz a fotografia operar simultaneamente como documento e como objeto estético.

Alguns autores como Douglas Crimp argumentam que a fotografia transita do 'assunto' para o 'objeto'. Considera que a técnica e aspetos visuais na obra de Valente têm força suficiente para sustentar esta transição de imagem documental para o estatuto de 'Obra de Arte'?

Para mim, é muito difícil classificar o que é ou não uma obra de arte, porque não tenho uma definição fechada sobre o que é arte. No entanto, estas fotografias de Valente revelam uma preocupação estética e uma delicadeza visual que não passam despercebidas. A técnica, a composição, a luz e a sensibilidade presente nas imagens fazem com que ultrapassem um simples registo documental. Nesse sentido, considero que existe força suficiente nos aspetos visuais e técnicos da obra para sustentar a transição de imagem documental para um estatuto artístico, tal como sugere Douglas Crimp quando fala da passagem da fotografia de ‘assunto’ para ‘objeto’. As fotografias não se limitam a mostrar algo; elas parecem construir um olhar, uma intenção e uma experiência estética que podem aproximá-las da condição de Obra de Arte.

Estas imagens documentam as profundas intervenções arquitetónicas na BPMP Como avalia a capacidade de Valente em captar a vulnerabilidade e a resiliência deste edifício? O que é que a crueza deste registo nos diz sobre o 'corpo' físico da biblioteca?

Estas imagens, além de visualmente marcantes, captam muito bem o estado de vulnerabilidade do edifício e a dimensão das intervenções arquitetónicas realizadas na BPMP Mostram não apenas o processo de restauro, mas também o cuidado em preservar a identidade original do espaço, respeitando a sua história e estrutura. Valente consegue transmitir simultaneamente a fragilidade e a resiliência do edifício: por um lado, evidencia as marcas do tempo, a deslocação das estantes e a exposição do ‘corpo’ físico da biblioteca; por outro, revela o esforço de recuperação e adaptação que permitiu garantir a continuidade da sua função e património.
A crueza deste registo fotográfico aproxima-nos da materialidade da biblioteca, mostrando-a como um organismo vivo, sujeito ao desgaste, à transformação e à renovação. As imagens documentam não apenas uma obra de restauro, mas também o cuidado em proteger a memória e o valor histórico do edifício.

Ao observar o seu próprio trabalho em confronto com as imagens de Valente, que 'diálogos' sente que se estabelecem? De que forma o olhar de Valente influenciou ou ecoa na forma como a fotografia contemporânea lê o espaço da BPMP?

Claro que existe aqui uma preocupação comum com o documento e com o registo do espaço, mas os nossos olhares e interpretações podem ser diferentes. Quando comecei a fotografar a biblioteca, procurei sempre olhar para ela como um lugar de corpo um espaço vivo, habitado, marcado pelo tempo, pelas presenças e pelas transformações. Enquanto o olhar de Valente documenta e revela o edifício na sua dimensão física e estrutural, o meu trabalho procura também criar narrativas, pensamentos e questionamentos. Interessa-me pensar os ‘porquês’, construir relações entre o espaço, a memória e aquilo que ele nos faz sentir.
O diálogo entre os dois trabalhos estabelece-se precisamente nessa atenção ao lugar e à sua capacidade de contar histórias. Embora partamos de intenções diferentes, existe uma aproximação na forma como entendemos a biblioteca não apenas como arquitetura ou património, mas como um corpo que guarda marcas, vivências e identidade. De certa forma, o olhar de Valente ecoa na fotografia contemporânea ao mostrar que fotografar um espaço não é apenas registá-lo visualmente, mas interpretá-lo, revelar as suas camadas e pensar a relação entre matéria, memória e experiência.

Para os atuais funcionários da BPMP, estas imagens geram um forte sentimento de pertença e nostalgia, mesmo para aqueles que não viveram esta época. Na sua perspetiva, qual é a importância da musealização e salvaguarda destas imagens para a construção da identidade e da 'intimidade institucional' da Biblioteca no século XXI?

É muito importante preservar e musealizar estas imagens, porque estes negativos são provas, memórias e testemunhos de uma época. Guardam não apenas aquilo que a Biblioteca foi, mas também as técnicas fotográficas do seu tempo, o negativo, o positivo, os processos de construção da imagem e da memória.
Estas fotografias funcionam quase como um álbum de família da Biblioteca. Contam a sua história, o seu crescimento, as suas transformações e os diferentes momentos da sua existência. Mesmo para quem não viveu essa época, elas criam um sentimento de pertença e continuidade, permitindo construir uma relação afetiva e íntima com a instituição.
A salvaguarda destas imagens é essencial para a identidade da Biblioteca no século XXI, porque preservar a memória é também preservar aquilo que dá sentido aos lugares. São imagens que documentam mudanças físicas, mas também mudanças humanas e institucionais.
Para mim, representam os 'lugares do corpo': espaços que acumulam tempo, marcas, vivências e presença. A Biblioteca não é apenas um edifício; é um organismo vivo, feito de memória, pessoas e transformação. Estas imagens ajudam a manter essa intimidade institucional viva, permitindo que o passado continue a dialogar com o presente e com o futuro.

Declaro ter sido informada sobre o estudo provisoriamente intitulado *"Construção da Memória: Novas leituras das fotografias de António Carvalho (Valente) na Biblioteca Pública Municipal do Porto."*, desenvolvido por Ana Isabel Chambel Florindo Correia da Mota, no âmbito do Mestrado em Estudos de Arte, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Compreendo que a minha participação neste estudo envolve a realização de uma entrevista. Declaro que a minha participação é voluntária, podendo desistir do estudo a qualquer momento sem qualquer consequência.
Este consentimento é válido exceto e até que seja por mim revogado.

Aceito participar neste estudo e autorizo que o meu nome seja mencionado na dissertação e sua defesa.